

UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA

Heloisa de Fátima Martini Zeni

A Igreja Universal e a política: o caso de Marília

Marília

2006

Heloisa de Fátima Martini Zeni

A Igreja Universal e a política: o caso de Marília

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade Estadual Paulista
Campus de Marília para obtenção do título
de Mestre sob a orientação do
Prof. Dr. Andreas Hofbauer

Marília
2006

Heloisa de Fátima Martini Zeni

A Igreja Universal na política: o caso de Marília

Marília, 11 de abril de 2006.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Andreas Hofbauer

Orientador

Prof(a) Dr(a) Christina de Rezende Rubim

Universidade Estadual Paulista - Unesp

Campus de Marília

Prof (a) Dr(a) Regina Coeli Machado e Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste

Campus de Foz do Iguaçu

**Dedico aos meus incentivadores:
meu marido Márcio Zeni
e aos amigos Márcio Medeiros,
Christina Rubim e
Maria de Fátima Mattos Grassi.
E à Ana Luiza Martini Zeni
que ainda não chegou,
mas merece
todo o meu amor,
carinho e dedicação.**

AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador Andreas Hofbauer pelos encontros mensais, quinzenais e ultimamente semanais;
- A Capes pela bolsa de estudos;
- Aos meus pais, Madalena e Antonio pelo constante incentivo ao estudo;
- Aos meus irmãos, familiares e amigos que tiveram paciência para ouvir minhas explicações;
- As funcionárias da biblioteca, Luzinete e Sonia, pelos esclarecimentos.

RESUMO

O presente trabalho trata da atuação do pastor Luis Jorge Pereira Pontes, da Igreja Universal do Reino de Deus, na Câmara de Marília, no mandato de 2001 a 2004. O pastor foi o candidato mais votado no pleito de 2000 e a sua eleição chamou a atenção dos veículos de comunicação na cidade. Esta dissertação analisa a atuação da Igreja Universal na política local por meio de um estudo de caso.

Palavras-chave:

Evangélicos na política, Igreja Universal, Pentecostalismo.

Abstract:

This work is about the performance of the Luis Jorge Pereira Pontes, pastor of the Universal Church of the Kingdom of God, in the Chamber of Marília, during the period from 2001 to 2004. The pastor was the most voted candidate in the elections of 2000 and his election called the attention of the local media. This thesis analyses the performance of the Universal Church of the Kingdom of God in local politics through a case study.

Keywords:

Evangelicals in politics, Universal Church of the Kingdom of God, Pentecostalism

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
A religião nas Ciências Sociais	09
Ligação da religião com a política	14
Luís Jorge: o candidato mais votado nas eleições para vereador de 2000	16
Caminhos para a compreensão da participação evangélica na política	18
Entendendo o fenômeno da participação evangélica na política	21
CAPÍTULO I - IGREJA UNIVERSAL: UMA HISTÓRIA DE SUCESSO RELIGIOSO E POLÍTICO	
1.1 Pentecostalismo: definição, chegada ao Brasil e as primeiras igrejas fundadas em território nacional	24
1.2 Primeira onda do Pentecostalismo nacional ou Pentecostalismo Clássico: Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil	26
1.3 Segunda onda do Pentecostalismo: Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor	29
1.4 Terceira onda do Pentecostalismo, os neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Nova Vida	30
1.5 Igreja Universal do Reino de Deus: surgimento, organização e atuação	33
1.6 Edir Macedo: fundador e empreendedor religioso	36
1.7A Igreja Universal nos Estados Unidos	37
1.8 Problemas na Universal: a prisão de Edir Macedo	38
1.9 A audácia de Macedo: a compra da TV Record e as reações das concorrentes	39
1.10 Organização interna da IURD a serviço da expansão	40
1.11 A contribuição voluntária dos obreiros e a função da ABC	42
1.12 O uso dos meios de comunicação como estratégia de evangelização	44
1.13 O “chute na santa” e a demonstração de intolerância	49
CAPÍTULO II - TEOLOGIA E PRÁTICA RELIGIOSA	
2.1 O discurso iurdiano: a Teologia da Prosperidade	52
2.2 Saúde e vida material abundante: as promessas da Teologia da Prosperidade	55
2.3 As questões financeiras no discurso iurdiano	58
2.4 Os simbolismos da Igreja Universal	60
2.5 Dar ofertas e pagar dízimos: caminhos para uma vida abençoada	62
2.6 A influência dos “encostos” na vida dos fiéis	65
2.7 A prosperidade como condição legítima do cristão	66
2.8 O sucesso das igrejas neopentecostais quando se esperava o recuo da religiosidade	68

2.9 A facilidade da conversão de uma igreja a outra	72
2.10 Fiéis trocam a Igreja Católica por igrejas evangélicas	73
2.11 Perfil dos fiéis que deixam o catolicismo e as reações da igreja de Roma	75
2.12 Os evangélicos atendem a população excluída	76
CAPÍTULO III - UM HOMEM DE DEUS NA CÂMARA MARILIENSE	
3.1 Os evangélicos na política nacional: da Constituinte as eleições de 2002	77
3.2 Defesa da família e da liberdade religiosa: os evangélicos na Constituinte	82
3.3 O apoio aberto a Fernando Collor em 1989	87
3.4 Anos 90: cresce a atuação federal da IURD	90
3.5 O incentivador e coordenador político da Universal: o ex-bispo Rodrigues	93
3.5 O êxito nas eleições de 2002	98
3.6 Homens de Deus na política: a visão da Universal sobre a participação política evangélica	100
3.7 Os evangélicos na política de Marília: Luis Jorge, pastor e vereador	103
3.8 As campanhas eleitorais de 2000 e 2004	105
3.9 Projetos e leis do pastor Luis Jorge	108
3.10 A relação do pastor com seus eleitores, comunidade evangélica e população em geral	112
3.11 O pastor no cargo de vereador nas sessões da Câmara	118
3.12 As entrevistas com Luis Jorge	121
3.13 Discurso da Universal durante um culto de expulsão de “encostos”	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
Referências bibliográficas	131
Anexo I	139
Anexo II	140
Anexo III	141
Anexo IV	142

APRESENTAÇÃO

A religião nas Ciências Sociais

A religião é um tema que chama a atenção de estudiosos e pesquisadores das Ciências Sociais. Podemos citar pensadores clássicos como Max Weber e Emile Durkheim que apresentaram análises para a compreensão do papel desempenhado pela religião na sociedade como forma de explicar o mundo e oferecer alento às pessoas comuns. Durkheim (1978) explica que a função da religião é auxiliar-nos a viver.

O fiel que se comunicou com seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, sob qualquer forma, aliás, que ele conceba o mal. O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé. (DURKHEIM, 1978, p.222).

Max Weber (2002) analisa em seu principal trabalho, como as religiões protestantes contribuíram para o crescimento do capitalismo, considerando o comportamento ascético de seus adeptos e considera que as seitas protestantes estabeleceram uma ligação entre a idéia de que os deuses concedem riquezas ao homem que os agrada, através de oferendas ou do comportamento (WEBER, 2002, p.219). O autor ressalta que não é a doutrina ética de uma religião que importa, mas a forma de conduta ética a que são atribuídas recompensas, sendo que “Essas recompensas funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação. E essa conduta constitui o *ethos* específico de cada pessoa, no sentido sociológico da palavra.” (WEBER, 2002, p.225).

Outro autor que analisa o tema é Bourdieu (1998), pois segundo ele,

a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades *arbitrárias* que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe *na medida em que ele ocupa uma posição*

determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização). (BOURDIEU, 1998, p.46).

Outro conceito que consideramos relevante à pesquisa é a religião popular, importante na compreensão do envolvimento do pastor Luis Jorge Pereira Pontes na política do município de Marília, interior do estado de São Paulo, objetivo central desta pesquisa, uma vez que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) busca alcançar as camadas menos favorecidas da população.

O Brasil possui uma tradição importante no campo da religião e da religiosidade popular com a contribuição de autores como Rubem Alves (1982), Carlos Rodrigues Brandão (1981) e Rubem César Fernandes (1982).

Rubem Alves (1975) discute a respeito do papel exercido pela religião e as possíveis soluções para os problemas do cotidiano, pois,

A solução fundamentalista nos liberta do doloroso confronto com uma realidade sempre inacabada, sempre em mutação, sempre perturbadora. Sob esta perspectiva, a religião nos dá certezas. (ALVES, 1975, p.12).

O autor considera, em outro artigo, a religião um fenômeno social que se organiza em função de símbolos sagrados e afirma que a definição, entretanto, padece de uma circularidade pois “Num primeiro momento é a religião que batiza como sagrados certos nomes e práticas, e num segundo momento tais práticas passam a ser o caráter distintivo da religião.” (ALVES, 1982, p.112). Podemos observar ainda que a definição de Rubem Alves (1975) está baseada no que diz Geertz (1989) sobre religião, ou seja, um sistema de símbolos que proporciona uma orientação de vida.

[...] através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realísticas. (GEERTZ, 1989, p.104-105).

E pensando na definição de Rubem Alves (1982), para quem a religião é um fenômeno social, Marcel Mauss (1974) relata que os fenômenos sociais totais exprimem todas as instituições sociais, religiosas, jurídicas, econômicas, políticas e morais e supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que se manifestam nestas instituições. (MAUSS, 1974, p.41)

Mas enquanto fenômeno social, a Igreja Universal deve ser analisada como pertencente ao Pentecostalismo, vertente do Protestantismo, movimento religioso que teve origem com o rompimento do alemão Martinho Lutero com a Igreja Católica por não aceitar a idéia de que padres se tornassem uma espécie de vendedores de indulgências. Na Suíça, o Protestantismo recebeu a colaboração de João Calvino e Ulrico Zwinglio, que aprofundaram a Reforma de Lutero. Zwinglio, por exemplo, trouxe a idéia de que todo cristão deve seguir apenas a Bíblia, diferentemente do catolicismo em que há contribuições de teólogos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Já Calvino implantou no Protestantismo regras rígidas de conduta e dedicação ao trabalho, tornando-se a sua doutrina conhecida como Puritanismo.

No Brasil, o Protestantismo foi trazido pelos invasores franceses e holandeses, sendo que o primeiro culto protestante foi realizado em 1557 no Rio de Janeiro pelos primeiros franceses, época em que era proibido realizar cultos de qualquer religião diferente do catolicismo, já que se tratava de território português. A liberdade religiosa no país veio em 1824, depois da Independência, com a Constituição e mesmo assim, não era permitido fazer reuniões em locais com aparência de templo. Os alemães fundaram a primeira comunidade Luterana do país

no mesmo ano. Fernandes (1996) mostra que a primeira denominação evangélica fundada no Brasil foi a Igreja Anglicana, em 1808, logo chegaram missionários como os metodistas dispostos a salvar almas nas ruas. Para a elite intelectual republicana, a presença de protestantes era bem vinda, porque significava condição para modernização do país.

O Pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século XX com a fundação, por estrangeiros, das igrejas Assembléia de Deus, na cidade de Belém, no Pará e Congregação Cristã, em São Paulo. Inicialmente, o modelo praticado aqui era espelhado no norte-americano e enfatizava o dom de falar em línguas estranhas, a glossolalia. Até a década de 50, as duas denominações tiveram exclusividade de atuação no meio evangélico do país, mas a situação começou a mudar com a chegada de dois missionários norte-americanos ligados à Igreja do Evangelho Quadrangular. Os ex-atores Harold Williams e Raymond Boatright implantaram a evangelização em massa através do rádio e em campanhas de evangelização, organizadas em tendas de lona, estádios, praças públicas com ênfase na cura divina. A partir da década de 70, as igrejas pentecostais enfatizam a prática dos dons do Espírito Santo, o que para eles significa realizar exorcismos, expulsando os demônios e encostos, que trazem malefícios aos fiéis.

Duglas Teixeira Monteiro (1982) afirma que sob certo aspecto, nos movimentos do Pentecostalismo, a clássica função das religiões ligadas à construção de mundos com sentido, foi suplantada pela função de controle das incertezas e, segundo o autor, no Pentecostalismo tradicional, os demônios são mantidos à distância, em vez de enfrentados. No Neopentecostalismo, vertente pentecostal surgida nos anos 80 que tem como denominação mais conhecida a Igreja Universal, os demônios são causadores de problemas e por isso, exorcizados

quase que diariamente pelos pastores em sessões abertas a todos os interessados e há até um dia da semana dedicado ao que a IURD chama de trabalho de afastar “encostos” com a Sessão do Descarrego.

A Igreja Universal, fundada no final da década de 70, no Rio de Janeiro, oferece cultos com outros temas, dentre os quais se destaca a Teologia da Prosperidade em que não há receio de estabelecer uma relação de mercado com Deus, via pagamento de dízimos e ofertas. Segundo esta teologia, Deus não quer que os seus filhos sejam desprovidos de bens e nem tenham doenças, com este fim os pastores estão à disposição dos interessados para intermediar a busca de uma situação financeira melhor. Para chegar aos objetivos de ter casa própria, negócio próprio, carro novo e muita tranquilidade na vida terrena, a Igreja Universal oferece reuniões semanais e ainda correntes de oração como a “Fogueira Santa” em que os fiéis devem seguir vários dias de orações por uma mesma intenção, algo parecido com as novenas católicas em que há oração por nove dias seguidos com a mesma intenção, um mesmo pedido.

Sob o título, *A Teologia da Opressão*, Rubim (1991), apresenta o primeiro trabalho acadêmico sobre a denominação produzido no país e analisa o fenômeno da Igreja Universal, suas características e peculiaridades e ainda avalia até que ponto a igreja influencia a visão de mundo de seus adeptos. Segundo a autora, não há a pretensão de explicar ou esgotar completamente o fenômeno que tem se propagado pelo país e vem sendo alvo de debates, reportagens e documentários da grande imprensa em razão do patrimônio financeiro acumulado e do seu poder de mobilização. Na busca da compreensão do crescimento da IURD, a autora explica que

Nos momentos de crise social profunda, existe uma tendência maior às necessidades de experiência intensas de religiosidade,

particularmente por parte da população que mais sofre suas consequências, não somente em busca de uma razão simbólica, mas também e, principalmente, na procura de uma alternativa de cura, de lazer e participação social. (RUBIM, 1991, p.26).

Ligação da religião com a política

Além da religião, as Ciências Sociais se dedicam também à compreensão da ligação entre os campos da religião e da política na sociedade e um dos autores que retrata esta temática é Bourdieu (1998) que afirma que os dois campos estão ligados, um não existindo sem o outro, uma vez que “A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem [...]”. (BOURDIEU, 1998, p.70). O autor acredita que o campo político é um espaço para disputas de poder que ocorre graças ao “[...] intermédio de uma concorrência pelos profanos, ou melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos”. (BOURDIEU, 1989, p.185).

O autor analisa ainda que para participar do campo político, o candidato deve estar preparado com a aquisição de saberes como teorias, problemáticas, conceitos, tradições históricas, dados econômicos

[...] produzidos e acumulados pelo trabalho político dos profissionais do presente e do passado ou das capacidades mais gerais tais como o domínio de uma certa linguagem e de uma certa retórica política, a do *tribuno*, indispensável nas relações com os profanos, ou a do *debater*, necessária nas relações entre profissionais. (BOURDIEU, 1989,p.169).

No presente estudo, estamos interessados em compreender a atuação do pastor Luis Jorge Pereira Pontes, da IURD, na política eleitoral de Marília e para isso consideramos o significativo crescimento de fiéis desde os anos 80 e além dessa representação numérica, a Igreja Universal procurou, a partir da segunda metade da

década de 80, a representação político-partidária, sendo que 20 anos depois da eleição do primeiro deputado federal, tem conseguido manter a atuação em todos os níveis representativos: municipal, estadual e federal. Desde 1986, a IURD elege representantes, sejam pastores ou mesmo pessoas apoiadas pela denominação e os números dos representantes crescem a cada nova eleição. Em 2002 a Igreja deu mais um passo na representação política nacional com a eleição do primeiro senador: Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, fundador e principal líder da Igreja Universal, com 3,5 milhões de votos pelo Partido Liberal (PL) do Rio de Janeiro.

O crescimento da representação política da Universal nos últimos anos é analisado especificamente por Oro (2003), o qual acredita que a estrutura hierarquizada da Igreja associada ao intenso uso da mídia são fatores essenciais na eleição dos candidatos da denominação e aponta ainda para o que chama de carisma¹ institucional, segundo ele, os fiéis costumam votar em irmãos de fé, homens de Deus, indicados pela Igreja para representá-los, muitas vezes pertencem a uma parcela da população menos privilegiada e até mesmo excluída do desenvolvimento econômico e social do país. Além do carisma institucional é indicado que os candidatos possuam algum carisma individual, ou seja, devem se destacar dos demais e geralmente isso ocorre via trabalho desenvolvido na comunidade em que atuam com o apoio da IURD. Mesmo quando não há o carisma individual, a campanha insistente dos meios de comunicação e o trabalho comunitário, acabam por eleger os indicados pela direção iurdiana, sendo portanto, a adesão dos fiéis aos candidatos indicados pela Igreja de 95%, segundo pesquisa do ISER (Instituto de Estudos da Religião) realizada no Rio de Janeiro.

1 Carisma como pensou Max Weber: [...] uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. (WEBER, 2002, p.207).

No município de Marília, a Igreja Universal atua há 15 anos e Luis Jorge Pereira Pontes foi o segundo vereador eleito com o apoio da Igreja na cidade, uma vez que na eleição de 1996, Cleuza Pontes da Silva também foi eleita com o apoio da denominação. O pastor foi o candidato mais votado nas eleições de 2000 com mais de 2 mil votos. Atuou na Câmara apresentando projetos relacionados a temas comuns a qualquer cidade como saúde e educação, mas também teve projetos aprovados relacionados à religião como exemplo, a gratuidade de passagem de ônibus para ministros religiosos e a permissão de visitas em hospitais para religiosos de qualquer credo. Apresentou ainda projetos que beneficiaram diretamente a Associação Beneficente Cristã (ABC), entidade ligada à IURD e sob sua responsabilidade, como por exemplo, o projeto, transformado em lei, que considerou a entidade de utilidade pública, além de outra lei que tratou da destinação de recursos mensais da Prefeitura para ajudar a custear o funcionamento da instituição.

Luis Jorge: o candidato mais votado nas eleições para vereador de 2000

O interesse pelo tema da presente pesquisa se deu em razão dos números com que o pastor Luis Jorge Pereira Pontes foi eleito para o mandato de quatro anos: 2.426 votos, o mais votado nas eleições de 2000 para vereador e apenas para comparar, Marcos Camarinha, o segundo colocado, recebeu 1.858 votos, o que significa 568 votos a mais para o pastor. Do total de 27.956 votos atribuídos aos 21 vereadores eleitos, o número de votos do pastor corresponde a 8,67%. O seu partido foi o Partido Social Trabalhista (PST), que não existe mais na cidade e Luis Jorge foi o único candidato do partido a se eleger. No dia dois de outubro de 2000, dia seguinte a eleição, os dois jornais que circulam diariamente na cidade deram

atenção especial ao assunto e destacaram a eleição do candidato da IURD como o primeiro colocado.

Segundo dados do *site* do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), Marília tinha em 1998, total de 117.781 eleitores e em 2000, cresceu para 125.327, ou seja, aumento de 6,2%.

Com relação ao número de candidatos ao legislativo mariliense, o TRE registrou 304 candidaturas de 18 partidos diferentes sendo que o PST teve 21 candidatos na cidade. Dados mais atuais mostram que o número de eleitores habilitados a votar em seis de outubro de 2002 chegou a 133.414, aumento de 6,45% em relação a 2000, o que significa mais de oito mil novos eleitores e a região da cidade que mais concentra votos é a área que inclui as zonas leste, norte e parte do centro com 69.084 votantes, enquanto as regiões oeste e sul têm 64.330 eleitores.

O estudo da atuação da Igreja Universal em Marília, no campo político-eleitoral teve como meta a compreensão dos objetivos da participação da denominação religiosa nesse cenário, via apresentação de projetos pelo pastor. O número de evangélicos tem aumentado consideravelmente em todo o país e em Marília, pesquisa do Conselho de Pastores, mostrou que, do total de 260 igrejas instaladas na cidade, os evangélicos são responsáveis por 146 templos, incluindo a Igreja Universal. Já a Igreja Católica não possui nem a metade deste número e conta com 38 templos, o que significa 14,6% do total. Com relação ao número de fiéis, Luis Jorge acredita que a Universal deve ter cerca de 1.700 membros efetivos e de 500 a 800 freqüentadores menos assíduos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2002 os evangélicos tiveram crescimento de 71% no período de 1991 a 2000,

enquanto o número de católicos diminuiu 10% e no resultado final, os evangélicos são atualmente 15,4% da população enquanto os católicos representam 73,8% do total. Por outro lado, o número de pessoas que se declararam sem religião também aumentou: eram 4,8% em 1991 e passaram a 7,3% em 2000, aumento de 52%. Os números mostram ainda que as maiores concentrações de evangélicos estão no extremo norte do país, no Amazonas são 19,2% de evangélicos, Roraima 23,6%, Acre 20,4% e Rondônia aparece com 27,7%, e outros Estados com números expressivos são o Rio de Janeiro com 21,1%, Espírito Santo com 27,5% e Goiás com 20,8%.

Caminhos para a compreensão da participação evangélica na política

Para mostrar a eficácia da participação política da IURD recorreremos à pesquisa bibliográfica e encontramos alguma dificuldade inicial, uma vez que os textos sobre a participação evangélica na política eleitoral são recentes e não estão disponíveis com facilidade. Mesmo assim, um autor considerado referencial para este trabalho de pesquisa é Paul Freston, sociólogo, que em 1993 defendeu tese sobre a participação política evangélica com destaque para a Assembleia Constituinte e depois dele, outros se seguiram como Antônio Flávio Pierucci, Reginaldo Prandi, Ricardo Mariano e mais recentemente, Alexandre Brasil Fonseca que em 2002 apresentou tese sobre a atuação dos evangélicos na política nos anos 90.

De forma geral, os autores estão interessados em buscar explicações para o crescimento acelerado dos evangélicos no país nas últimas décadas em que passaram de 6,6% em 1980 para quase 15% da população em 2000, segundo

dados do IBGE. Outra preocupação é entender como é o discurso político eleitoral dos evangélicos, quais as propostas defendidas e ainda qual tem sido a postura adotada diante de temas polêmicos e de relevância para o país.

Mas antes da pesquisa em textos sobre religião e política e a participação evangélica na política, tivemos acesso a trabalhos que tratam do histórico do Protestantismo e Pentecostalismo e as novas igrejas surgidas no país desde a chegada dos primeiros missionários em 1910. E mais recentemente, textos e artigos sobre a atuação político eleitoral propriamente dita, como a dissertação de mestrado de Karina Kuschnir transformada em livro, bem como análises atualizadas presentes em artigos disponíveis na *internet* como o de José Murilo de Carvalho e Mariza Peirano discutindo o uso de conceitos como a antropologia política ou antropologia da política e ainda como pensar em termos de conceitos a relação dos pastores com os fiéis: se há clientelismo ou assistencialismo.

Além da pesquisa bibliográfica, fizemos uma entrevista pessoal com o pastor Luis Jorge Pereira Pontes em seu gabinete, na Câmara de Marília, em 23 de novembro de 2004, 50 dias após as eleições realizadas em três de outubro, quando tentou a reeleição, mas não obteve votos suficientes para se reeleger e num segundo momento, fizemos entrevista via correio eletrônico, uma vez que o pastor se encontra ausente da cidade. Fizemos ainda entrevistas qualitativas com pessoas aleatórias e em uma Igreja do Evangelho Quadrangular, através do Pastor Valdemir Herreira, também candidato a vereador em 2004, com a intenção de buscar informações dos eleitores quanto ao trabalho do pastor Luis Jorge Pereira Pontes na Câmara. Foi possível perceber que a maioria não sabia da sua atuação como vereador, mas apoiava a participação de religiosos na política local.

E com o objetivo de acompanhar mais de perto o trabalho de Luis Jorge como vereador, estivemos nas sessões da Câmara no período de março a dezembro de 2004, quando pudemos observar o seu comportamento cotidiano diante dos demais colegas e da população. O pastor, para atender uma parte da população carente, esteve à frente da administração da Associação Beneficente Cristã onde presenciamos uma atividade externa organizada pela entidade. Na sede, vimos as instalações para os cursos profissionalizantes oferecidos, além de sala de aula do projeto Ler e Escrever, mantido pela IURD e o único espaço do qual não tivemos acesso, foi o centro de recuperação de jovens com problemas com drogas. A atividade externa organizada pela ABC foi realizada num domingo em frente a casa de uma fiel, no Jardim Eldorado, bairro da periferia da cidade onde foram distribuídos alimentos como sopa, suco e cachorro quente, roupas e leite e ainda oferecidos serviços como consulta médica e corte de cabelo.

Outra fonte de pesquisa que utilizamos foi a *internet* onde obtivemos informações sobre os números de eleitores na página do TRE e de evangélicos nas pesquisas do IBGE. Ainda tivemos acesso a artigos recentes de autores das Ciências Sociais sobre a atuação dos evangélicos na política eleitoral, como por exemplo, Pierucci e Prandi em artigos publicados no *Dossiê Religiões no Brasil* baseados em números do IBGE de 2000 e artigo de Pierucci disponível *online*, integrante da Revista Brasileira de Ciências Sociais sobre o conceito de secularização em Max Weber.

Entendendo o fenômeno da participação evangélica na política

O presente trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro um histórico do tema central desde a chegada do Protestantismo e Pentecostalismo ao Brasil, as várias igrejas fundadas no país no decorrer dos anos 50, até a fundação da IURD em 1977, no Rio de Janeiro, por Edir Macedo. Buscamos relatar ainda como tem sido a atuação da Igreja Universal na conquista de novos espaços na sociedade com o trabalho desenvolvido pelos meios de comunicação de massa de sua propriedade e a utilização da hierarquia da Igreja, além da organização como empresa.

A Teologia da Prosperidade, principal item do discurso iurdiano, é o tema central do segundo capítulo, idéia que leva os fiéis excluídos economicamente a desejarem uma vida material abundante, sem culpas, mas para isso devem desafiar a Deus, ou seja, ofertarem algo de que realmente necessitem para que Ele se sinta na obrigação de devolver em dobro o que lhe foi ofertado. Diante dessa relação mercadológica com Deus, o fiel paga o dízimo, dá uma boa oferta e o Senhor o retribui em abundância. Temos como possível análise a questão proposta por autores como Mariano, Pierucci, Prandi e Machado: estaria o mundo sendo desencantado e a religião perdendo espaço na vida das pessoas ou o que vivemos é a ressacralização, o retorno do sagrado com o surgimento de inúmeras denominações no mercado religioso. E ainda a facilidade da conversão de uma religião tradicional como o catolicismo para as religiões pentecostais, movimento que vem ocorrendo desde a chegada da Assembléia de Deus e com mais intensamente nos anos 80.

O terceiro e último capítulo fala especificamente da atuação política dos evangélicos, inicialmente no âmbito nacional, desde a Constituinte até a eleição de Luis Inácio Lula da Silva em 2002 e num segundo momento a atuação do pastor Luis Jorge Pereira Pontes na Câmara de Marília. E para esta análise da atuação na política nacional contamos com três autores: Paul Freston (1993), Antonio Pierucci (1996) e Alexandre Fonseca (2002). E quando se fala em deputados eleitos com o apoio da Igreja Universal, um nome aparece com destaque: ex-Bispo Carlos Rodrigues, que sugeriu a Macedo que a Igreja lançasse candidatos e tornou-se o coordenador político da Igreja até 2004, quando teve o nome envolvido em caso de corrupção na Loteria do Rio de Janeiro e foi afastado do Conselho de Bispos; em 2005 foi citado no chamado escândalo do “mensalão”, em que deputados de vários partidos de apoio ao atual governo foram acusados de receber verba mensal para votar favoravelmente em projetos de interesse governamental. Depois do “mensalão”, Rodrigues renunciou ao cargo de deputado federal para não correr o risco de ser cassado e perder os direitos políticos por oito anos, pois a renúncia garante a ele a possibilidade de se candidatar novamente neste ano.

No que se refere a política partidária de Marília, o capítulo apresenta um perfil do pastor Luis Jorge, seus projetos, atuação nas sessões da Câmara e na comunidade local via ABC, onde foi possível constatar a postura sempre calma e discreta do pastor. Apesar dessa postura, de não envolvimento em polêmicas com os demais vereadores, Luis Jorge votou a favor do aumento de salários dos vereadores que passou de R\$ 2, 2 mil para R\$ 4,2 mil. Em entrevista no seu gabinete, afirmou que o salário de R\$ 2,2 mil era insuficiente para cobrir os gastos, uma vez que apenas com combustível costumava gastar cerca de R\$ 500 mensais para fazer visitas aos moradores.

O capítulo traz também informações da campanha eleitoral para a reeleição de Luis Jorge em 2004 e os meios utilizados para mostrar a candidatura à população, como por exemplo, carro de som e pintura em muros. Luis Jorge não esteve em comícios e nos explicou que percebe nesses espaços uma oportunidade para promessas que não serão cumpridas, por isso, decidiu fazer campanha mais direta com a população, visitando as pessoas em suas casas. O pastor não conseguiu atingir o mesmo número de votos da eleição passada, ficando fora da atual legislatura, apesar de ter obtido quase 1.500 votos. Podemos apontar duas razões para a não reeleição: primeiro a diminuição do número de vereadores de 21 para 13 e depois a coligação do seu partido, o PL, com outros partidos que acabou por eleger dois outros candidatos também vereadores na gestão 2001-2004, Marcos Camarinha e José Carlos Albuquerque. Os evangélicos estão representados pela única mulher eleita, Sonia Ribeiro Tonin, do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona), ligada à Igreja Batista.

CAPÍTULO I – Igreja Universal: uma história de sucesso religioso e político

1.1 Pentecostalismo: definição, a chegada ao Brasil e as primeiras igrejas fundadas em território nacional

Surgido nos Estados Unidos, o Pentecostalismo está baseado na passagem bíblica do dia de Pentecostes, ou seja, a Páscoa Judaica. As religiões pentecostais se pautam nos dons do Espírito Santo que são falar em línguas estranhas, a cura e a libertação pelo exorcismo. A passagem bíblica presente em Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos de 1 a 7, relata o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos reunidos e eles falaram em outras línguas e representantes de diferentes povos presentes entenderam o que diziam e milagres foram realizados. O trecho bíblico é o seguinte:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo. Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. (Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000, p. 870-871).

No Brasil, o Pentecostalismo tem início no século passado, com a chegada de duas denominações que serão importantes no cenário evangélico: a Congregação Cristã do Brasil, fundada em 1910, em São Paulo, pelo presbiteriano italiano Luigi Francescon e a Assembléia de Deus, fundada em Belém, no Pará, em 1911 pelos batistas suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Mesmo europeus, os fundadores chegaram ao Brasil através dos Estados Unidos onde tiveram contato com o

Pentecostalismo que crescia em popularidade no território americano desde a virada do século XX. Os suecos vieram ao Brasil sem sustento garantido e sem apoio denominacional e a viagem foi paga por uma igreja sueca de Chicago. No Brasil, Berg trabalhou por um tempo numa fundição, depois os dois missionários venderam Bíblias e receberam doações de amigos do exterior.

Freston (1996) relata que depois de sete meses em Belém pregando na Igreja Batista, ocorreu uma ruptura em relação a mensagem pentecostal e 19 pessoas excluídas da igreja formaram uma nova igreja que adotou o nome de “Missão de Fé Apostólica”: era o mesmo nome dado a um dos primitivos grupos pentecostais dos Estados Unidos, sendo que o nome Assembléia de Deus foi adotado em 1917. O autor afirma ainda que o Pentecostalismo nacional resultou de um movimento surgido nos Estados Unidos em 1906 e a origem desse movimento está ligada ao avivamento metodista do século XVIII, que introduziu o conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação, a qual John Wesley chamava de perfeição cristã. Wesley foi um pastor anglicano que no século XVIII considerava a salvação como um processo e não como algo já estabelecido e decidido como pensavam os calvinistas e sua doutrina da predestinação.

Na segunda metade do século XIX, o movimento de santidade, chamado *holiness*, nos países de língua inglesa, sob a influência do Romantismo, democratizou o conceito wesleyano: em lugar da busca demorada, a experiência rápida e disponível a todos chamada de “batismo no Espírito Santo”, a piedade intensificada pela sua mística escapista. O movimento de santidade, além de penetrar em muitas denominações, produziu uma franja separatista de pequenos grupos de *holiness* e foi nestes grupos que nasceu o Pentecostalismo.

Nos EUA, o texano Kenneth Hagin, popularizou o Pentecostalismo através de mensagem presente no Evangelho de Marcos (cap.11 versículos 23 e 24) de que “Tudo quanto em oração pedires, credes que recebeste e será convosco”. A conversão de Hagin se deu quando tinha 16 anos e estava desenganado pelos médicos e ao compreender o significado da mensagem, levantou as mãos para o céu e agradeceu pela cura, mesmo sem perceber sinal de melhora, levantou-se da cama e estava curado.

Com a cura, Hagin espalhou a idéia de que Deus é capaz de dar o que o fiel desejar: basta ter fé e acreditar que as próprias palavras têm poder. Surgia portanto, a Teologia da Prosperidade, ou seja: aos verdadeiros fiéis nunca faltará dinheiro ou saúde. A Teologia foi amplamente divulgada nos Estados Unidos e em outros países, inclusive no Brasil. Hagin publicou mais de 100 livros e a mensagem foi difundida por diversos pregadores e líderes missionários.

1.2 Primeira onda do Pentecostalismo nacional ou Pentecostalismo Clássico: Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil

No Brasil, a chamada primeira onda do Pentecostalismo, denominação dada por Paul Freston (1993), teve como principais representantes as pioneiras Congregação Cristã do Brasil, originária dos EUA e Assembléia de Deus. Inicialmente, o Pentecostalismo era desaprovado pelos católicos e protestantes históricos e a principal crítica estava no exagero dos poderes sobrenaturais atribuídos ao Espírito Santo e o mais notável era o poder e a capacidade de Deus em curar imediatamente qualquer problema de saúde. Na primeira onda do Pentecostalismo brasileiro, a ênfase era no falar em línguas, a glossolalia e esses

pentecostais eram conhecidos pelo ascetismo, ou seja, fanatismo penitente e também pelo sectarismo, isolamento do restante da sociedade. A idéia central era que o cristão deveria se manter concentrado em Deus e evitar que o Diabo interferisse em sua vida, uma vez que para os pentecostais, o que não é de Deus, é do Diabo.

Ricardo Mariano (1999) denomina o período do Pentecostalismo brasileiro que vai de 1910 a 1950 como Pentecostalismo Clássico e explica que o período é marcado por um anticatolicismo, concordando com Freston (1993) na ênfase dada ao dom de línguas e ao comportamento sectário e ascético, mas acrescenta que existe a crença na volta de Cristo e na salvação paradisíaca. Afirmar ainda que as igrejas da primeira onda são compostas por pessoas pobres e de pouca escolaridade, atualmente esse perfil social tem mudado parcialmente, ou seja, abrigam as camadas mais pobres e menos escolarizadas, mas também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários.

Mariano (1999) ressalta que as igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil mantêm o tradicionalismo através de uma postura radical. Mesmo assim, a Assembléia de Deus, cindida desde 1989 em duas denominações: Ministério Belém e Betesda, mostra-se mais flexível e disposta a acompanhar certas mudanças no processo religioso e na sociedade. Exemplo dessa flexibilidade é a sua entrada na política partidária e na mídia, em busca de poder, visibilidade pública e respeitabilidade social, aspectos que mostram uma tendência à acomodação social e dessectarização.

Além da Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus, no período entre 1903 a 1934 são fundadas mais cinco denominações no país: Presbiteriana Independente, Exército da Salvação, Adventista da Reforma, Adventista da

Promessa e Metodista Ortodoxa. Neste período, ocorre o surgimento das primeiras denominações nacionais, uma vez que até então, as igrejas tinham origem estrangeira, principalmente nos EUA e Reino Unido, como Presbiteriana Independente, em São Paulo; Adventista da Reforma e Metodista Ortodoxa no Rio de Janeiro e Adventista da Promessa em Pernambuco.

Freston (1996) explica que a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã tiveram para si o campo aberto durante 40 anos, sendo praticamente as únicas no território nacional, já que as demais, vindas do exterior, eram inexpressivas. A Congregação Cristã, após êxito inicial, permanece mais acanhada, enquanto a Assembléia de Deus se expande geograficamente nesse período, tornando-se a Igreja protestante nacional por excelência e em alguns estados do Norte, o Protestantismo praticamente se reduz a Assembléia, sendo para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo.

Rolim (1985), entretanto, explica que a partir de 1939, com o Concílio Plenário Brasileiro, surgiu uma investida antiprotestante e em particular ao Pentecostalismo, que se deu em duas frentes: a dos católicos instruídos e a frente da ação, com expressões às vezes violentas, contra núcleos pentecostais. E ainda através do Departamento de Defesa da Fé criado para alertar as dioceses sobre o crescimento pentecostal.

A resistência se organizava em forma de luta. Deu-se, sem ser previsto, fenômeno curioso. Enquanto nas cidades do interior o combate ao pentecostalismo, com desconhecimento total dos mecanismos postos em prática por este, era geralmente organizado pelos vigários, os crentes se uniam na base, em solidariedade com seus irmãos. De um lado a orientação emanava de cima, do outro o movimento solidário se alastrava nas bases, sem quase nenhuma intervenção dos pastores. (ROLIM, 1985, p. 82).

1.3 Segunda onda do Pentecostalismo: Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor

Com o trabalho missionário de dois ex-atores de filmes de faroeste do cinema americano, teve início a segunda onda do Pentecostalismo brasileiro a partir de 1950, em São Paulo. Os missionários eram: Harold Williams e Raymond Boatright, vinculados à *International Church of the Foursquare Gospel* e estavam à frente da Cruzada Nacional de Evangelização, braço evangelístico da Igreja do Evangelho Quadrangular e trouxeram ao país o evangelismo em massa, centrado na mensagem de cura divina. No rastro das campanhas de cura divina da Cruzada Nacional de Evangelização, surgiram as igrejas Brasil para Cristo, em São Paulo, em 1955; Deus é Amor, também em São Paulo, em 1962; Casa da Bênção, em Belo Horizonte, em 1964 e outras menores.

Mariano (1999) explica que a Cruzada Nacional de Evangelização foi difundida por meio do rádio, até então pouco utilizado, já que a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus o consideravam mundano e diabólico, sendo que até hoje a Congregação não faz uso de qualquer meio de comunicação de massa, nem mesmo revistas, jornais, folhetos ou literatura.

Além do rádio, os missionários norte-americanos utilizaram-se do evangelismo itinerante em tendas de lona, concentrações em praças públicas, ginásios de esporte, estádios de futebol, teatros e cinemas. O autor diz que a mensagem sedutora e métodos inovadores e eficientes atraíram além de fiéis e pastores de outras denominações evangélicas, milhares de indivíduos das camadas mais pobres da população, muitos migrantes nordestinos. Com o sucesso, causaram polêmicas e reações adversas e chamaram a atenção da imprensa que os

ridicularizava e os acusava de praticar curandeirismo, mas por outro lado, conseguiram dar visibilidade ao movimento pentecostal pela primeira vez.

A segunda onda do Pentecostalismo brasileiro enfatizava o dom de cura divina, crucial para acelerar o crescimento e diversificar a doutrina, que ainda hoje é enfatizada pelas igrejas e é considerada um dos seus mais poderosos recursos proselitistas, de conversão. Com relação a teologia, Mariano (1999) explica que a primeira e a segunda ondas do Pentecostalismo brasileiro diferem apenas nas ênfases dadas aos dons do Espírito Santo: ou seja, na primeira, a ênfase foi no dom de falar em línguas e na segunda, no dom da cura divina.

O autor justifica que ambas as vertentes podem ser divididas pelo critério do corte histórico-institucional, mas não por diferenças teológicas significativas. Explica que a segunda onda mantém o núcleo teológico do Pentecostalismo Clássico, mas chega ao Brasil 40 anos depois e com distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias próprias e a denomina Deuteropentecostalismo, em que o radical *deutero* significa *segundo* ou *segunda vez*, sentido que considera apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal.

1.4 Terceira onda do Pentecostalismo, os neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Nova Vida

Com início no final dos anos 70 e fortalecimento nas décadas de 80 e 90, a terceira onda do Pentecostalismo brasileiro, é composta por igrejas chamadas de neopentecostais. Vários autores consultados concordam que a Igreja de Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário Robert McAlister, está na origem das igrejas neopentecostais e o uso do termo neopentecostal não é novo,

sendo usado desde os anos 70, nos Estados Unidos, para designar dissidências pentecostais das igrejas protestantes. O movimento foi chamado de carismático, mas o termo não é mais utilizado nas tipologias norte-americanas.

Os exemplos mais expressivos de igrejas neopentecostais brasileiras são: Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, no Rio de Janeiro; Internacional da Graça de Deus, Rio de Janeiro, 1980 e Cristo Vive, fundada em 1986, também no Rio de Janeiro e ainda a Comunidade Sara Nossa Terra, fundada em Goiás, em 1976; Comunidade da Graça, fundada em São Paulo, em 1979; Renascer em Cristo, de São Paulo em 1986 e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, fundada em São Paulo, em 1994.

Na terceira onda do Pentecostalismo, a preocupação está na prática dos dons do Espírito Santo e existe pouca ênfase no falar em línguas, no entanto, segundo Mariano (1999), enfatizam os sinais, os milagres e os encontros de poder e três aspectos fundamentais do Neopentecostalismo são destacados pelo autor:

- 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade e 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. (MARIANO, 1999, p.36).

Uma quarta característica é a organização como empresa e não apenas enquanto administração, mas além de agir como tal, os fins lucrativos das denominações e destas características resulta na ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais, principal distinção do neopentecostalismo. Para Mariano (1999) se pode dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo. Mas não se pode classificar todas as igrejas surgidas entre as décadas de 70 e 90 como neopentecostais. As dissidentes da Assembléia de Deus, Congregação Cristã e Deus é Amor, por exemplo, estão mais ligadas às suas matrizes do que ao neopentecostalismo. Para ser considerada

neopentecostal, sugere o autor, uma igreja fundada nos anos 70 deve ser analisada a partir de sua genealogia e vínculos institucionais e ainda apresentar características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente.

Quanto mais próxima destas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal. (MARIANO, 1999, p.37).

Freston (1993) diz que o Pentecostalismo da terceira onda adapta-se às mudanças do país como: o aprofundamento da industrialização, o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo, a estrutura moderna de comunicações de massa que no final dos anos 70 já alcança quase toda a população, a crise católica e o crescimento da Umbanda e, por fim, a estagnação econômica dos anos 80.

Em contraste com a segunda onda de igrejas paulistas fundadas por migrantes de nível cultural simples, a terceira onda é sobretudo de igrejas cariocas fundadas por pessoas cidadinas de nível cultural um pouco mais elevado e pele mais clara. (FRESTON, 1993, p.95).

Mas entre as principais igrejas neopentecostais estão denominações que não foram fundadas no Rio de Janeiro como Comunidade Sara Nossa Terra, de Goiás e as paulistas: Comunidade da Graça, Renascer em Cristo e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo e a denominação mais conhecida e polêmica da terceira onda do Pentecostalismo brasileiro é a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus).

1.5 Igreja Universal do Reino de Deus: surgimento, organização e atuação

A Igreja Universal foi fundada em 9 de julho de 1977, no bairro da Abolição, zona norte do Rio de Janeiro e a sua primeira sede era um prédio onde funcionava uma funerária. Edir Macedo, antes de pregar em sede própria, usava o coreto de uma pequena área de lazer chamada Jardim do Méier, no bairro do Méier. Todos os sábados, às 18h, segundo texto publicado no *site* oficial da instituição (www.arcauniversal.com), munido de fé e determinação, Macedo fazia pregações ao ar livre para um pequeno grupo de pessoas, a maioria curiosos que passavam pelo local: estas reuniões receberam o nome de “Cruzada para o Caminho Eterno” e foram os primeiros passos do trabalho desenvolvido posteriormente pela Igreja Universal.

Quanto ao cenário nacional, em 1977, estava em curso um lento processo de abertura política que iria se consolidar nos anos 80, com a Campanha Diretas-Já que exigia eleições diretas para Presidente da República, pondo fim ao período de ditadura militar com a eleição de Tancredo Neves para Presidente, em 1984.

Além de Edir Macedo, a IURD teve outras participações em sua fundação como Miguel Ângelo, Carlos Rodrigues e o cunhado de Macedo, Romildo Ribeiro Soares, que mais tarde fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980. Antes de fundarem a IURD, Macedo e Soares pertenciam à Igreja de Nova Vida, fundada pelo Missionário Robert Mc Alister em agosto de 1960.

Segundo Mariano (1999) desde cedo, Mc Alister dedicou-se ao trabalho missionário e atuou como evangelista em diversos países, incluindo as Filipinas, onde afirmou ter passado por profunda experiência na área de libertação de demônios em 1952. Entre 1955 e 1958, o missionário esteve no Brasil pregando na

igreja Assembléia de Deus e nas campanhas de cura divina da Cruzada Nacional de Evangelização.

Com ajuda financeira externa, Mc Alister funda a Igreja de Nova Vida, no Rio de Janeiro, mas apenas no final dos anos 60 se firma como denominação e em 1979, chega a São Paulo. Mariano (1999) explica que ao contrário das igrejas da época, fundadas nos anos 50 e 60, a Nova Vida desde o princípio conquistou boa parte dos fiéis nas classes média e média baixa.

Em 1975, Macedo, seu cunhado e outros pastores se mostraram descontentes com o elitismo da igreja de Nova Vida e fundaram a Cruzada do Caminho Eterno que depois de dois anos se torna a IURD. Inicialmente, R. R. Soares se destaca, mas acaba sendo “ofuscado” pelo dinamismo de Edir Macedo que contava com um programa de rádio de 15 minutos na Rádio Metropolitana, do Rio de Janeiro. Em 1980, o conjunto de pastores é consultado sobre quem deve ser nomeado líder da IURD e Macedo é escolhido. R. R. Soares é compensado financeiramente e funda a Igreja Internacional da Graça de Deus nos moldes da Universal.

Embora nascida da Igreja de Nova Vida, a IURD pode ser considerada o oposto em termos de expansão denominacional. Freston (1993) acredita que o número de membros da IURD é de cerca de 1 milhão de fiéis, mil igrejas e 2.700 pastores e Mariano (1999) diz que a Universal deve ter mais de 1 milhão de fiéis, 3 mil templos e está presente em mais de 5 dezenas de países.

O Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil (2003) mostra que o número de fiéis da IURD passou de 269 mil, em 1991, para 2,1 milhões, em 2000, o que representa 12% dos pentecostais e mais: a taxa de variação média anual dos seus fiéis de 25,7% é quase três vezes superior a do conjunto dos pentecostais.

Dados publicados em página da Igreja Universal na *internet* mostram que a denominação está presente em 88 países. No Brasil, conta com 8 milhões de membros, número quase quatro vezes superior ao apresentado no *Atlas*, sem contar os freqüentadores esporádicos e o número de templos é de 6.500 em todo o país. O texto cita exemplo da igreja de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro que reunia 100 pessoas no seu início e congrega cerca de 3 mil membros. Em todo o estado do Rio de Janeiro, a Universal contabiliza 1.470 pastores e 750 igrejas. O *Atlas da filiação religiosa* (2003) mostra que o Rio de Janeiro tem cerca de 350 mil seguidores, seguido por São Paulo com 240 mil adeptos onde atua desde 1979, dois anos após a sua fundação.

Mas como explicar tamanho crescimento da IURD em quase três décadas de existência? Freston (1993) acredita que a ênfase na libertação pelo exorcismo dada pelas igrejas neopentecostais seja um dos motivos, que neste caso, está ligada à possessão maligna relacionada a cultos mediúnicos. Esta mudança, para o autor, reflete a realidade social dos anos 80. Ou seja, com uma população imbuída de uma visão “encantada” do mundo, os evangélicos acreditavam que o Planalto vivia sob maléficas influências místicas desde o governo Figueiredo, quando iniciou-se a recessão econômica do país e o registro de baixos índices de crescimento e convívio com inflação elevada, diminuindo portanto, o poder de compra do salário dos trabalhadores.

1.6 Edir Macedo: fundador e empreendedor religioso

Outro motivo para a expansão da IURD é o trabalho do principal líder e fundador: Edir Macedo Bezerra, nascido em 18 de fevereiro de 1945, numa cidade chamada Rio das Flores, no Rio de Janeiro. Filho de migrantes, o pai, Henrique Francisco Bezerra, era dono de venda de secos e molhados e a mãe, Eugênia de Macedo Bezerra, era dona-de-casa. O casal teve 33 filhos e destes 10 morreram, 16 foram abortados e sete filhos sobreviveram, sendo Macedo o quarto. No início da adolescência, a família mudou-se para Petrópolis, município serrano e depois para o bairro de São Cristóvão, novamente no Rio de Janeiro e aos 17 anos, em 1962, Macedo começou a trabalhar na Loteria do Rio de Janeiro (Loterj) como servente. Em 1979, Macedo exercia a função de agente administrativo, mas pediu licença e em 1981 se desligou da Loterj. Chegou a freqüentar curso superior de Matemática na Universidade Federal Fluminense e Estatística na Escola Nacional de Ciência e Estatística, mas não concluiu. Aos 18 anos, em 1963, se converteu ao Pentecostalismo depois que sua irmã se curou de bronquite asmática na Igreja de Nova Vida, mas antes da conversão, Macedo freqüentava a Igreja Católica e a umbanda, sentindo-se “no fundo do poço”, conforme relata em biografia publicada no *site* da Universal (www.arcauniversal.com). E desde muito jovem, sentia falta de algo especial que preenchesse o vazio de seu coração: uma experiência maior com Deus e logo veio a conversão que significou, conforme o texto, uma virada radical em sua vida e na de milhões de outras pessoas.

Logo após receber a plenitude do Espírito Santo na sua vida, sentiu o desejo ardente de conquistar almas para o Senhor Jesus e levar o Evangelho a todos. Começou evangelizando nas ruas e fazendo reuniões nas praças. Quando sentiu o chamado de Deus para o ministério, deixou o emprego e iniciou o trabalho da Igreja Universal do Reino de Deus.

Edir Macedo tornou-se bispo em 1980 durante as comemorações de três anos da IURD e o pastor Roberto Lopes foi o responsável pelo culto de consagração. Roberto Lopes, segundo Mariano (1999) foi indicado por Macedo para implantar a primeira IURD em São Paulo, capital, no Parque Dom Pedro II que foi transferida para o bairro da Luz e depois para o Brás, no antigo prédio do Cine Rôxi e que mais tarde tornou-se sede nacional da igreja em 1992.

1.7 A Igreja Universal nos Estados Unidos

O bispo Macedo mora nos EUA desde 1986, onde tentou se instalar em 1980 com o objetivo de, segundo Mariano (1999), implantar a igreja e converter os estrangeiros, principalmente hispânicos. Recentemente, a imprensa noticiou que Macedo reside em Atlanta, onde cuida de canal de televisão e templo para 200 pessoas, atuando como pastor.

Conforme menciona o ex-pastor Mário Justino (2002), a implantação da Igreja Universal nos Estados Unidos não foi fácil e explica que Macedo ao chegar em Nova Iorque, em 1987, dizia que em dois anos a igreja repetiria em solo americano o mesmo sucesso ocorrido nos países latinos em que havia passado. O ex-pastor diz ainda que apesar de nascer no Brasil, a meta da Universal era os EUA e o que se seguiu, não foi o esperado, logo, o país estava se revelando na maior derrota de Macedo, indo contra o ditado de que o que é bom para o Brasil é bom para os Estados Unidos. Justino (2002) explica que a primeira Igreja Universal do Reino de Deus em solo americano foi instalada na Segunda Avenida, em Manhattan. Depois veio a do Brooklyn, bairro que, segundo o pastor Márcio, um dos pastores da Universal em Nova Iorque, na época, o bispo teria rejeitado, no início, por haver

muitos negros e hispânicos. A igreja acabou tornando-se a maior da cidade, graças ao dinheiro deles. Macedo comprou, portanto, a sua mansão nos arredores milionários de Nova Iorque, um reduto de barões de Wall Street, conforme relata o autor.

1.8 Problemas na Universal: a prisão de Edir Macedo

Mas não só de sucesso internacional e nacional vive a Universal, um exemplo de problema sério enfrentado foi a prisão de Edir Macedo, em 1992, acusado de crimes de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Ele permaneceu preso numa cela especial da 91^a Delegacia de Polícia da zona oeste de São Paulo durante 12 dias e entre as ilustres visitas que recebeu estavam o seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Luis Inácio Lula da Silva, atual Presidente da República. A prisão mobilizou também representantes evangélicos que repudiaram o ato e em 1^o de junho de 1992, cerca de 2 mil fiéis da IURD promoveram uma corrente humana ao redor da Assembléia Legislativa de São Paulo para protestar contra a prisão de Macedo. “Em seu interior, cerca de 200 pastores, representando 34 igrejas, e 30 deputados evangélicos redigiram documento repudiando o ocorrido”. (MARIANO, 1999, p.76). Outro problema policial de Macedo, citado por Ronaldo Almeida (1996) foi a intimação a depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Narcotráfico, suspeito de envolvimento com lavagem de dinheiro e uso de narcodólares na compra da TV Record.

1.9 A audácia de Macedo: a compra da TV Record e as reações das concorrentes

Antes de ser preso, Edir Macedo teve uma atitude das mais audaciosas: a compra da Rede Record de televisão em novembro de 1989, através de testas-de-ferro, pela quantia de 45 milhões de dólares. Segundo Freston (1993), Macedo contou com a ajuda de um empresário, amigo de José Sarney (atual senador pelo Maranhão e ex-presidente da República), para intermediar a negociação já que a TV foi comprada e não concedida. A compra se deu através de grupo de 14 homens de negócio e despertou a concorrência no meio televisivo. Concorrência vista em tratamento dado pela TV Globo, por exemplo, à Renovação Carismática Católica e à Universal em reportagem exibida no Fantástico de 5/5/1991, em que o fanatismo teve maior ênfase. O presidente do Conselho Médico do Rio de Janeiro foi entrevistado e afirmou não ter havido cura nenhuma em concentração da Igreja Universal no Maracanã. Mariano (1999) acredita que a Globo exagerou nas críticas e ridicularizou a credence, a ignorância e a ingenuidade dos crentes, no caso da Renovação Carismática, não foi mostrada nenhuma cura e os entrevistados eram de classe média e alta.

Outro exemplo da reação da concorrência televisiva foi a exibição, também pela Rede Globo, da minissérie *Decadência*, baseada em romance de Dias Gomes sobre ex-menino de rua chamado Mariel que converteu-se a uma igreja pentecostal já adulto, dando início à vida religiosa. O personagem, interpretado pelo ator Edson Celulari, logo chega a pastor, lidera a igreja e se torna Dom Mariel. A igreja, chamada de “Divina Chama”, parecia seguir a Teologia da Prosperidade (TP), segundo a qual a entrega do dízimo leva Deus a quase obrigação de “devolver” em

forma de bens materiais, prosperidade financeira e saúde, à oferta do dizimista. Com isso, segundo relata Almeida (1996), o personagem Mariel utilizou-se das ofertas arrecadadas para expandir desonestamente o patrimônio da igreja e o próprio, enviando dinheiro para fora do país, ou adquirindo estações de rádio e um canal de televisão.

O contexto histórico da trama vai do período pós-regime militar até o *impeachment* de Fernando Collor o que incluía a década de 80, considerada a “década perdida” economicamente, em razão dos baixos índices de crescimento econômico, o que propiciou o aparecimento de comerciantes da fé, no caso, os pastores evangélicos, conforme Almeida (1996, p.17). A população rapidamente relacionou Dom Mariel a Edir Macedo, líder da Universal e não apenas a população, mas a igreja também reconheceu a inspiração para o personagem, ligada de alguma forma a Edir Macedo e para mostrar o descontentamento, a IURD usou a estrutura da TV Record e principalmente o programa “25.^a Hora” para se defender. Mas além da ligação entre o personagem da minissérie e Edir Macedo, foi possível levar a discussão da atuação da IURD para fora do âmbito religioso e sua ocupação de espaços qualitativamente novos como a atuação na política local, estadual ou nacional.

1.10 Organização interna da IURD a serviço da expansão

Um dos fatores que permitiram a Igreja Universal uma rápida representação política foi a sua organização interna, o que para Freston (1993) facilita o controle centralizado e a inovação metodológica constante. A igreja conta com pastores nomeados e consagrados, na imensa maioria homens e além dos pastores, a

estrutura tem ainda os obreiros e membros. Mariano (1999) explica que os pastores nomeados exercem a função de pastores auxiliares e são, em geral, muito jovens, já que os pastores consagrados, segundo o autor, devem ser casados, ter vocação ministerial comprovada pelo Espírito Santo e, sobretudo, ser bons arrecadadores de dízimos e ofertas, aptidão vista pela liderança como sinal inequívoco de que seu ministério está “abençoado” por Deus. O salário dos pastores é segredo e não se sabe se recebem porcentagem sobre o dízimo arrecadado ou salário fixo mais comissão. Mariano (1999) diz que o salário pode variar de acordo com o número de filhos e que os pastores vindos de outros estados são acomodados no próprio templo. O ex-pastor Mário Justino (2002) afirma que em certa ocasião ao ser transferido para Jequié, Bahia, foi inicialmente instalado no porão da igreja com a família e depois de três dias na cidade, uma barragem se rompeu e os seus pertences foram perdidos. “[...] ficamos em silêncio por algum tempo olhando o porão onde estávamos dormindo completamente tomado pela água. Tudo o que tínhamos estava ali dentro. Dinheiro, roupas e móveis.”(JUSTINO, 2002, p.64).

Justino (2002) explica que em Portugal recebia quinzenalmente o equivalente a 450 dólares, cerca de R\$1.300,00, e a Universal pagava o aluguel do apartamento em que morava, no subúrbio de Lisboa. Em contrapartida, o pastor Paulo, responsável pela igreja em Portugal, residia num condomínio fechado onde habitava, segundo Justino, a elite lisboeta. (JUSTINO, 2002, p.100).

Mariano (1999) lembra que os pastores consagrados, os bispos e as lideranças regionais e estaduais têm custos cotidianos pagos pela Universal que oferece casa, escola para os filhos, plano de saúde, carro, mas os bens estão em nome da IURD e ficam à disposição dos que ocupam o cargo e prestam contas à igreja. A organização da IURD é centralizada, sendo Edir Macedo quem decide os

destinos da denominação e em sua hierarquia, a igreja conta com o Conselho Mundial de Bispos, Conselho de Bispos do Brasil e na base, o Conselho de Pastores. O autor afirma que os pastores e as congregações não possuem autonomia alguma, os líderes locais são escolhidos pela direção da igreja e não pelos fiéis e segundo ele, os pastores permanecem por no máximo dois anos numa mesma congregação, mas não são responsáveis pelo gerenciamento dos recursos arrecadados, o que é feito pela direção da igreja que tem em Macedo a figura central, exercendo papel de líder, bom comunicador e carismático e ainda empreendedor religioso e administrador de empresas. Partindo da idéia de que a Universal deve funcionar como empresa lucrativa, é exigido dos pastores: profissionalismo, dedicação e aumento da produtividade. Sobre a idéia de considerar a igreja como empresa, Pierucci (1996), diz que a Igreja Universal inova muito em matéria de comportamento, quando a concebe abertamente como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal. Conforme o autor, é uma maneira menos hipócrita de encarar o dinheiro do que a usual, das igrejas tradicionais e talvez por isso mesmo a Universal seja acusada de “enganar o povo”, “explorar os necessitados”, “aproveitar-se dos aflitos e desesperados”, “tapear o pobre”. (PIERUCCI, 1996, p.8).

1.11 A contribuição voluntária dos obreiros e a função da ABC

A empresa Universal conta ainda com os serviços dos obreiros: voluntários que auxiliam nos cultos, nas atividades da igreja e até mesmo na limpeza dos templos. Mário Justino (2002) explica que quando decidiu se dedicar à Universal, se levantava às seis horas, lavava os banheiros, limpava o piso e tirava o pó das

dezenas de bancos e repetia a limpeza dos bancos depois de cada uma das quatro reuniões diárias. Além de trabalhar nos templos, obreiros e voluntários atuam na ABC (Associação Beneficente Cristã), fundada em 18 de agosto de 1994 e desde 1997 é considerada entidade de utilidade pública mediante Decreto Lei 36.872. A criação da Associação, segundo Mariano (1999) está ligada à melhoria da imagem da Universal e teve como objetivo desbancar os projetos assistenciais da Visão Nacional de Evangelização (Vinde), presidida pelo pastor Caio Fábio (que participa do Consea, Conselho Nacional de Segurança Alimentar, órgão da Presidência da República), desafeto de Macedo e também para concorrer com o assistencialismo católico e o kardecista.

A página da Universal na *internet* apresenta um texto sobre a ABC e explica que antes mesmo de ser legalmente constituída, em 1989, a entidade enviou 400 toneladas de alimentos não perecíveis para vítimas de enchentes em Alagoas e desde então, ajuda pessoas necessitadas em ocasiões de catástrofes naturais. No Rio de Janeiro, segundo informações oficiais, a ABC tem de dois a três mil voluntários, responsáveis pelas atividades externas da entidade como campanhas de arrecadação e distribuição de alimentos, roupas e remédios e a instituição mantém ainda um programa de alfabetização chamado Ler e Escrever, é originária do Grupo de Resgate de Mendigos, que tirava pessoas que viviam em praças e lugares públicos e as encaminhava para centros de recuperação.

1.12 O uso dos meios de comunicação como estratégia de evangelização

Além da ABC, outros meios de visibilidade da Igreja Universal nas comunidades em que atua são o rádio e a televisão, utilizados para a transmissão dos ensinamentos através da fala dos bispos e pastores. Antes porém, nos anos 50, a Igreja do Evangelho Quadrangular, através da Cruzada Nacional de Evangelização, iniciou a utilização do rádio para difundir o evangelismo de massa centrado na mensagem de cura divina, sendo a primeira igreja pentecostal a utilizar-se desse meio. A Cruzada contou também com o evangelismo itinerante em tendas de lona, concentrações em praças públicas, ginásios de esporte, estádios de futebol, teatros e cinemas. O sucesso entre as camadas mais pobres foi tanto que os evangélicos chamaram a atenção da imprensa, que os acusava de charlatanismo, curandeirismo e os ridicularizava. Com o êxito, provocaram fragmentação denominacional do Pentecostalismo brasileiro que era polarizado por Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. Informações divulgadas na imprensa em 2002 mostram que “Existem mais de 300 emissoras de rádio evangélicas no Brasil, centenas de *sítes* e pastores dando plantão *online* na *Internet*.”

Com relação ao rádio, Monteiro (1982) comenta que o mesmo era usado como instrumento de cura.

[...] a crença na eficácia das orações e bênçãos emitidas pelo rádio é difundida pelos próprios missionários que, inclusive, reconhecem os efeitos de uma via curativa transmitida a pessoas e a objetos através de suas ondas. Expressões tais como “poderosa corrente de oração” são empregadas. (MONTEIRO, 1982, p. 84).

Já Assmann (1986) diz que muitos programas religiosos no rádio têm como característica recorrer à “linguagem imagética”. Segundo ele, a emocionalidade dos ouvintes é interpelada diretamente.

Para deixar claro o que pretendemos dizer, valha um exemplo: de ouvintes fanáticos de certos pregadores podem-se recolher comentários como estes: “Ele me faz sentir-me tão perto dele”; “parecia que eu estava vendo aquela mulher que testemunhou a sua cura”. (ASSMAN, 1986, p. 178).

Tanto Freston (1993) quanto Mariano (1999) indicam o rádio como o principal meio de comunicação de massa utilizado pelas igrejas evangélicas. FRESTON (1993, p.137) explica que o rádio domina a chamada mídia evangélica graças a alguns fatores: custo acessível, facilidade técnica e de produção dos programas e mais horários a disposição. As igrejas que têm o uso do rádio como item central na estratégia de evangelização e crescimento estão: a Igreja Universal, Deus é Amor, Internacional da Graça de Deus, Casa da Benção e Brasil para Cristo. MARIANO (1999, p.66) apresenta dados da expansão da Universal no rádio brasileiro e diz que o seu primeiro programa foi na Rádio Copacabana, no Rio de Janeiro, durava apenas 15 minutos e os custos eram pagos por uma fiel curada pela IURD e em abril de 1983 transmitia 27 programas de rádio, tornando-se a primeira emissora adquirida pelo grupo de Macedo, em 1984.

Mariano (1999) declara que em 1990 a Universal era proprietária de rádios em oito Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul. “Bastariam poucos anos mais para que possuísse uma rede em expansão de cerca de 40 emissoras.” (MARIANO, 1999, p.66). Para o autor, o investimento na compra de rádios pela Universal se deve ao fato de que o rádio tem eficácia proselitista e grande audiência entre as camadas mais pobres da população, público principal das denominações evangélicas, cita ainda uma

pesquisa do Datafolha de 1993 em que a Rádio Record AM aparece em terceiro lugar em audiência na Grande São Paulo, perdendo apenas para as rádios Globo e América. (MARIANO, 1999, p. 68).

Especificamente sobre a televisão, é público que a rede Record pertence ao Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja e entre as redes evangélicas, apenas a Record conta com 90 emissoras e 5 mil retransmissoras; enquanto a Igreja Católica tem 5 emissoras e pouco mais de 600 retransmissoras, conforme publicado na Revista Veja de 08/12/2003, p.96.

Na análise de Paul Freston (1993),

[...] o uso evangélico da televisão contrasta não somente com os valores da indústria cultural mas também com as estratégias dos concorrentes religiosos. Enquanto os evangélicos colocam programas próprios, abertamente religiosos, as outras confissões (exceto os carismáticos) investem mais em influenciar os valores da programação geral: os católicos, como igreja oficiosa e formadora da nacionalidade; os cultos afro-brasileiros, como veículo do nacionalismo cultural; os esotéricos, como “conhecimento alternativo”.(FRESTON, 1993, p.137).

Na Record, são veiculados programas com apelo popular tal como o Programa Raul Gil, exibido nas tardes de sábado, concorrendo com as grandes emissoras do país, havendo ainda espaço para programação da igreja e um dos exemplos foi a exibição do programa “Fala que eu te escuto” apresentado no final da noite, ao vivo, de segunda a sexta-feira, em que um bispo atendia telefonemas de fiéis da igreja em busca de orientações, mas o programa saiu do ar em março de 2003 por contenção de despesas, conforme publicação do jornal *O Estado de São Paulo* de 27 de abril de 2003.

Seguindo o caminho dos evangélicos, a Igreja Católica aprendeu a usar as ondas do rádio e as emissoras de TV para a transmissão de suas mensagens, principalmente depois de perder fiéis para as igrejas evangélicas; os dirigentes

católicos resolveram investir nos meios de comunicação de massa. Entre os casos mais notórios estão as participações do Padre Marcelo Rossi em diversos programas televisivos, na gravação de CD's de músicas católicas e no cinema com os filmes *Maria, mãe do filho de Deus* e *Irmãos de fé* e ainda a criação de três emissoras católicas que são a Rede Vida de Televisão, TV Século 21 e a TV Canção Nova que entre debates e telejornais, dedicam espaço também para a divulgação dos ideais católicos.

Sobre a exposição dos evangélicos na mídia, Freston (1993) explica que depois da Constituinte, a IURD passou a ter grande destaque na imprensa. “Inicialmente ela é ‘Enxergada’ pelo ângulo dos exorcismos. No final de 1989, o ângulo passa a ser o da compra da Rede Record, a qual transforma a outrora curiosidade religiosa em concorrente.” (FRESTON, 1993, p.07). O autor afirma que desde 1987, a exposição dos pentecostais diante da consciência do público da grande imprensa e das principais redes de televisão é geralmente negativa. “Na formação dessa visão, destacam-se certos jornais e as redes de televisão que não abrigam programas evangélicos.” (FRESTON, 1993, p.07).

Em Marília, a Igreja usou a estrutura da Rádio 950 AM que transmitia programas de evangelização durante toda a programação e atualmente, a Igreja Universal utiliza a FM 92,9, integrada à Rede Aleluia de Rádio e no caso da televisão, ocupou espaço de duas horas diárias (manhã e tarde) na TV Marília, canal 4, canal de TV fechado, disponível para assinantes da TV a cabo, mas desde o segundo semestre de 2004, não usa mais horário no canal fechado, mesmo assim, a Rede Record em Bauru e a TV Bandeirantes em Presidente Prudente, transmitem programas da igreja no horário do almoço.

No programa que foi apresentado na TV Marília, ao vivo, às 17h e reapresentado às 11h da manhã do dia seguinte, o apresentador era o pastor do templo-sede, localizado na Avenida Sampaio Vidal. Havia relatos de pessoas que conseguiram melhorar suas vidas depois de freqüentar a Sessão do Descarrego e percebia-se que os depoimentos eram pré-gravados e traziam o nome da pessoa. Além dos depoimentos positivos sobre as graças alcançadas na igreja, o programa apresentava ainda entrevistas com fiéis no interior do templo. Em alguns casos, a repórter usava microfone com a marca da televisão local, o que significa que os entrevistados freqüentavam a igreja de Marília e em outros casos, não havia possibilidade de identificar onde ficava o templo. O programa contava ainda com orações feitas pelo pastor na parte final e benção de copo com água enquanto na parte inferior da tela aparecia durante todo tempo de duração do programa, o endereço do templo-sede da Universal na cidade e os dias e horários da Sessão do Descarrego.

De forma geral, o uso da televisão tem sido de menor duração e a Universal ocupa os horários do início da manhã e do final da noite na Record, como por exemplo, com o programa *Fala que eu te escuto*, que esteve fora do ar e tem como apresentador um bispo. O telespectador opina sobre os assuntos do dia e são apresentadas dramatizações de problemas financeiros e amorosos supostamente provocados por feitiçaria e magia negra com posterior depoimento da vítima, livre dos problemas depois de frequentar a Universal, mais especificamente a Sessão de Descarrego.

FRESTON (1993, p.136) aponta alguns fatores, que segundo ele, facilitaram a expansão da mídia televisiva evangélica e entre os fatores estão: a televisão é o principal meio de comunicação de massa; substituição de programas importados por

programação nacional; organização relativamente aberta dos meios de comunicação no Brasil, já que o molde dos EUA é favorável a televisão evangélica e a Inglaterra é desfavorável; crescente segmentação da mídia nacional e os números do mercado evangélico para justificar a especialização do segmento religioso e o último fator seria o surgimento da TV evangélica aliada à abertura cultural e religiosa.

Segundo o autor, os evangélicos iniciam o uso da mídia como uma estratégia de evangelização a partir da década de 80, mas com uma participação limitada e cita duas experiências de posse de dois canais: TV Rio e Rede Record. No caso da TV Rio, o responsável foi o batista Nilson Fanini que conseguiu a concessão após as eleições de 1982 e teve o apoio de televangelistas norte americanos na montagem do canal e depois de mais de cinco anos da concessão, a TV começou a transmitir programação evangélica das 7h às 11h, mas não agradou e veio a crise financeira com a saída dos norte americanos, em 1992 e passou a retransmitir a Rede Record.

1.13 O “chute na santa” e a demonstração de intolerância

Mas a trajetória televisiva da IURD não tem só sucesso e um problema sério enfrentado pela igreja ficou conhecido como o “chute na santa”. No feriado nacional de 12 de outubro de 1995, dia de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, o pastor Sérgio Von Helde, responsável pela igreja no Estado de São Paulo, apareceu em dois programas da Rede Record tocando uma imagem da santa com os pés e os punhos e ironizou a disfuncionalidade da imagem, arrastou-a e a chamou de “boneco feio, horrível e desgraçado”. Os atos e palavras do pastor pretendiam criticar o uso de imagens pela Igreja Católica, mas foram interpretados como insulto à santa e à fé da maioria dos brasileiros, originando uma espécie de “guerra santa”

entre católicos e pentecostais, alardeada inicialmente pela Rede Globo no Jornal Nacional e depois pelos demais meios de comunicação.

MARIANO (1999, p.84) explica que com a ampla divulgação do ato do pastor, o incidente acabou se tornando um conflito de maior envergadura e gravidade, provocando uma verdadeira comoção nacional e o episódio não só fez aflorar o sentimento popular, que variava entre a perplexidade, a indignação e a revolta, como deflagrou inúmeras reações e mobilizações nos mais diversos setores da sociedade como a declaração do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), através do seu porta-voz, como “manifestação de intolerância” e do vice-presidente da época, Marco Maciel (PFL), que também condenou o ato de “intolerância”. Outro destaque ficou para a manifestação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que segundo Mariano (1999, p.84) num primeiro momento, divulgou uma nota de repúdio à agressão, mas em tom conciliador. A CNBB queria respeito e evitar polêmica e conflito, mas depois de alguns dias, a entidade percebeu que o chute havia despertado católicos adormecidos, tratou de aumentar a devoção a Maria e provocar no clero, consenso sobre a necessidade de enérgica e concentrada reação diante do crescimento de seitas e partiu para o contra-ataque com a realização de missas, caminhadas, passeatas e concentrações em desagravo à santa.

No dia 26 de outubro, 14 dias após o ocorrido, o bispo Von Helde foi indiciado na 27ª Delegacia de Polícia de São Paulo com base no artigo 208 do Código Penal: a acusação foi de vilipêndio a objeto de culto religioso e de estimular preconceito religioso. Pela acusação, segundo MARIANO (1999, p.84), o pastor foi condenado a dois anos e dois meses de prisão, a pena mínima para o delito, mas era réu primário e Von Helde apelou contra a condenação para responder em liberdade. Além das

inúmeras manifestações e da condenação do pastor, o episódio teve ainda um pedido público de desculpas de Edir Macedo que, para ALMEIDA (1996, p.21) caracterizou muito mais um recuo do que um arrependimento. “O que comprometeu a Igreja Universal foi a explicitação da intolerância contra a maior instituição religiosa do país, a Igreja Católica”. Mariano (1999) aponta para o mesmo aspecto: da intolerância da Universal com outros cultos como Umbanda e Candomblé, e explica que essa intolerância e a iconoclastia da Universal baseiam-se na crença da posse da verdade divina, da mesma forma que a fúria, indignação e suscetibilidade dos católicos diante do “chute” decorrem da crença, sempre negada, de que a imagem vilipendiada representa para valer, e não apenas simbolicamente, a santa em questão.

Mas o escândalo não atrapalhou o crescimento numérico de fiéis da Universal e uma das possíveis explicações pode estar no discurso proselitista da igreja, baseado na Teologia da Prosperidade, assunto tratado a seguir.

CAPÍTULO II – Teologia e prática religiosa

2.1 O discurso da Igreja Universal: a Teologia da Prosperidade

O Neopentecostalismo ou o que Freston (1993) chama de terceira onda do Pentecostalismo no Brasil tem uma característica que a difere da primeira e segunda ondas: a Teologia da Prosperidade (TP). Na chamada primeira onda a ênfase das pregações estava na glossolalia que é o falar em línguas estranhas e a segunda onda enfatizava a cura divina; mas a prática dos dons do Espírito Santo e o exorcismo são alguns dos principais temas da pregação do discurso da terceira onda e entre as igrejas consideradas neopentecostais, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é um exemplo de denominação que prega amplamente a TP em seus cultos, que segundo Durkehim (1978) trazem aos participantes momentos “[...] de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, a prova experimental de suas crenças”. (DURKHEIM, 1978, p.228).

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos nos anos 40 e se desenvolveu na década de 70 entre grupos carismáticos norte-americanos onde é conhecida também como Positive Confession (Confissão Positiva), Faith Movement (Movimento de Fé), Faith Prosperity Doctrines (Doutrina de Fé e Prosperidade) e Health and Wealth Gospel (Saúde e Riqueza Evangélica). O termo Confissão Positiva faz referência à crença de que os cristãos detêm o poder, conforme o que foi prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício de Jesus, de tornar real o que declaram, decretam, confessam ou determinam em voz alta.

Para os adeptos da TP, os pedidos falados com fé tornam-se divinamente inspirados, ou seja, as palavras proferidas com fé têm o poder de criar realidades, já que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido

pela palavra. Os evangélicos neopentecostais “[...] defendem que possuirão tudo o que determinarem verbalmente, com fé em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material e felicidade, ‘direitos’ do cristão anunciados na Bíblia, naturalmente figuram entre as bênçãos mais declaradas.” (MARIANO, 1996, p. 29).

Um dos primeiros a difundir a TP ou Confissão Positiva para outros países foi Kenneth Hagin, que se inspirou em Essek William Kenyon, escritor, pregador batista, metodista, pentecostal e itinerante sem vínculos denominacionais. Kenyon foi radialista famoso entre os anos 30 e 40 e adepto de ensinamentos das “seitas metafísicas” derivadas da filosofia do Novo Pensamento e segundo Mariano (1999), essa filosofia foi formulada por Phineas Quimby que estudou espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia.

O texano Kenneth Hagin, popularizou o Pentecostalismo através da mensagem presente no Evangelho de Marcos (11: 23,24) que diz: “Tudo quanto em oração pedires, credes que recebeste e será convosco”, ele tinha 16 anos e estava desenganado pelos médicos quando, ao compreender o significado da mensagem, levantou as mãos para o céu e agradeceu pela cura, mesmo sem perceber sinal de melhora, levantou-se da cama e sentia-se curado. Com isso, Hagin espalhou a idéia de que Deus é capaz de dar o que o fiel desejar: basta ter fé e acreditar que as próprias palavras têm poder. Surgindo assim, a Teologia da Prosperidade: aos verdadeiros fiéis nunca faltará dinheiro ou saúde. Essa idéia foi amplamente divulgada por Hagin nos Estados Unidos e em outros países como o Brasil, através de seus mais de 100 livros, por diversos pregadores e líderes missionários.

Mariano (1999) explica que Hagin foi evangelista batista, porém crente na cura divina, logo se aproximou dos pentecostais, recebendo o batismo no Espírito Santo em 1937. Foi pastor da Assembléia de Deus até 1949 e depois, se tornou

pregador itinerante. Hagin (1999) explica que o único livro que considera bom sobre o assunto é o de E.W. Kenyon: *The Wonderful Name of Jesus*, ou seja, O Maravilhoso Nome de Jesus, quase o mesmo título do seu livro: *O Nome de Jesus*. Ele aconselha o leitor a adquirir um exemplar de Kenyon que, segundo a sua opinião é conhecimento pela revelação, é a própria palavra de Deus; dizendo ainda que conheceu a obra de Kenyon em 1950, dois anos depois de sua morte, através de um irmão de fé que afirmou a semelhança na pregação entre ambos sobre a fé e a cura.

Em seu livro, Hagin (1999) relata que ao saber do modo de pregação de Kenyon, começou a verificar a vida dele, “[...] uma vez que a Bíblia ensina que devemos ser imitadores daqueles que, pela fé e paciência herdaram as promessas (Hb. 6:12).” (HAGIN,1999, p.8-9). O autor admira que um homem realmente viva aquilo que ensina e lembra que durante um seminário sobre o nome de Jesus citou livremente a obra de Kenyon e que gosta da maneira com que o autor agrupa as Escrituras para o estudo. Reconhece que tem apreço pelo conhecimento da revelação que Deus deu a Kenyon a respeito do “Nome maravilhoso”, pela disposição e obediência para ensinar e viver a revelação.

O missionário explica como ter os pedidos atendidos por Jesus: basta que o fiel faça a sua solicitação apenas uma vez invocando o seu nome, sem duvidar de que receberá a bênção e diz ainda como o crente pode aprender a usar o nome de Jesus para melhorar a sua vida através da oração e expulsar demônios. O autor começa explicando sobre o Nome de Jesus que segundo ele, detém poder e autoridade, explicando que uma pessoa pode ter um nome grandioso de três modos: ao nascer, como os reis; operando grandes realizações e ainda receber, por doação. No caso de Jesus, segundo o autor, seu nome é grandioso porque Ele, Jesus, herdou, porque fez grandes realizações e porque Seu nome Lhe foi doado,

herdando um nome grandioso do que qualquer ser angelical. Como Filho, é herdeiro de todas as coisas e com relação à doação, Hagin (1999) explica que Deus atribuiu-lhe um nome que está acima de qualquer outro e ao derrotar o mal, Jesus conquistou esse nome. Hagin (1999) trata da autoridade no Nome, o seu uso no batismo, na salvação, no dia-a-dia, para expulsar demônios, a cura, terminando com a ênfase na importância do crente confessar a sua fé no Nome de Jesus, ou seja, o que é considerado pelo autor, a confissão positiva.

Conforme Mariano (1999) E.W.Kenyon nunca escreveu ou pregou sobre prosperidade e Hagin aprendeu com Kenyon sobre a cura divina e a Confissão Positiva, enquanto a sua noção de vida abundante veio do televangelista Oral Roberts que deu início a pregação da doutrina da prosperidade com retorno financeiro sete vezes maior do que o valor ofertado. “Em 1954, Roberts assume pregação na TV e começa a dar mais ênfase na prosperidade já que as despesas aumentaram consideravelmente”. (MARIANO, 1999, p.152).

2.2 Saúde e vida material abundante: as promessas da Teologia da Prosperidade

As promessas dos pregadores da TP são: saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento. Para Mariano (1999), a Teologia da Prosperidade se espalhou graças ao trabalho dos neopentecostais que difundiram mensagens dos televangelistas norte-americanos; no Brasil, foi introduzida nos anos 70 pelos neopentecostais, adeptos do uso da mídia em suas pregações, devido a facilidade com que atingiam as camadas mais pobres da população. A TP está presente no discurso de outras igrejas, além da

IURD como: Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Vive, Verbo da Vida, Nacional do Senhor Jesus Cristo, inclusive ministérios ligados à questões financeiras como Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonep) , Comitê Cristão de Homens de Negócios (CCHN) e Missão Shekinah.

De acordo com a TP quem tem pouca fé enfrenta problemas financeiros, de saúde, na vida pessoal e também quem não cumpre o que a Bíblia prega sobre as promessas de Jesus e está, de alguma forma, envolvido com o Diabo. Os pregadores da Teologia da Prosperidade alegam que a responsabilidade pelo fracasso pode ser do homem, do Diabo ou das legiões de demônios e assim conseguem se prevenir quanto às possíveis frustrações, pois acreditam que depende totalmente do crente receber ou não as bênçãos que determina. “Qualquer dúvida, por mínima que seja, manifesta quanto à realização do que confessou, determinou, exigiu ou reivindicou impossibilita o recebimento da bênção.” (MARIANO, 1996, p.31).

Para os pregadores da Teologia da Prosperidade, a vida sem aflições ou problemas e também abundante em posse de bens materiais e saúde é prova da espiritualidade do fiel. A posse, afirma GOMES (1996, p.230) é uma idéia sempre presente no discurso, teologia e práticas da Igreja Universal e trata-se literalmente de posse de bens materiais, podendo ou não, utilizar-se de algo místico ou transe para esse objetivo. Segundo o autor, os fiéis devem tomar posse daquilo que é necessário para uma vida feliz.

É implícita neste imperativo a concepção segundo a qual a vida humana conforme a vontade de Deus, a vida autêntica, é aquela em que os homens possuem e desfrutam dos bens do mundo. Prosperidade, saúde e amor inerem essencialmente à existência humana, enquanto são sinais da realização do destino que Deus deu ao homem; só em gozo destes bens o homem vive conforme o desejo do criador. (GOMES, 1996, p.231).

A TP prega que a posse material, de saúde e amor é algo da vontade de Deus para os fiéis, quer dizer que existe harmonia com a intenção criadora, estando o fiel em comunhão com o desejo de Deus, mas por outro lado, conforme o autor, “[...] não possuir significa frustrar o propósito criador, a destinação divina da existência humana, significa, portanto, uma ruptura da ordem cosmológica.” (GOMES, 1996, p.231) Explica que quem vive privado da posse, está em situação oposta a que Deus destinou.

São chamados a possuir por vocação teológica; vivem a ausência da posse por situação econômico-política. Está, portanto, estabelecido o paradoxo religioso que explica toda a prática e o sucesso da Igreja Universal e, por extensão, das *‘novas seitas populares’* em geral. (GOMES, 1996, p.231-232).

Portanto, segundo o raciocínio da Universal e demais igrejas adeptas da TP, os que não possuem são vítimas diretas da situação da economia e da política do país e para tentar uma mudança na condição de não possuidores precisam de auxílio e recorrem à religião. A importância da posse material aparece claramente nos depoimentos exibidos pela IURD na TV, em que os fiéis afirmam terem se tornado donos do próprio negócio que prospera, com prédio próprio, têm carros novos e casas próprias espaçosas até com piscina. BIRMAN (1996, p.242) explica que a IURD procura mostrar uma imagem de religião “[...] associada à riqueza, à opulência, ao cosmopolitismo e à globalização.” Segundo ela,

[...] a imagem também oferece elementos de combate e de não aceitação pelos segmentos populares de um lugar social que os vincula a um lugar hierárquico inferior do ponto de vista social e simbólico bem como ao tradicionalismo religioso que ele destila. (BIRMAN, 1996, p.242).

A autora acredita que o sucesso da IURD está ligado ao uso de imagens pertencentes ao mundo dos negócios e dos valores globais e não estimula os

vínculos entre pobreza, religião e tradicionalidade, mas ao contrário, busca desfazê-los.

Ao invés de associar os seus fiéis à condição de humildes devotos de santos locais, de mães-de-santo em bairros pobres das favelas e periferias, de rituais católicos tradicionais como folias de Reis e festas do Divino em áreas rurais, irrompe nos espaços públicos por meio de uma modalidade de participação religiosa que remete os pastores e os fiéis da Igreja a uma outra condição social. Oferece um projeto de interação social baseado num outro imaginário nacional no qual o valor da igualdade e do individualismo se fazem presentes. (BIRMAN, 1996, p.252-253).

2.3 As questões financeiras no discurso iurdiano

E para atender aos fiéis em suas questões financeiras, a IURD oferece cultos específicos com várias denominações: “Vigília do 5º segredo para sucesso financeiro”, “Congresso Empresarial”, “Reunião do sucesso financeiro” e “Vigília dos 318 pastores com tochas de fogo”. Depois de participar dessas reuniões, os fiéis afirmam ter conseguido restabelecer e melhorar muito as suas condições financeiras.

Freston (1993) e Mariano (1999) citam o que se pode denominar de mensagem empreendedora, idéia enfatizada durante os cultos que estimula os fiéis a serem seus patrões e não empregados, se querem prosperar. Para Freston (1993), o ideal da IURD é que o fiel se torne empregador e para tanto, as revistas trazem sugestões práticas de ramos de atividades e como adquirir o capital inicial necessário; da mesma forma, Mariano (1999) explica que durante os cultos, os fiéis são incentivados a ter negócios próprios.

Para enriquecer, portanto, não adianta apenas confessar a fé correta e exigir seus direitos. Devem trabalhar, ser astutos e aproveitar as oportunidades.(MARIANO,1999, p.103).

Para confirmar o desejo de ter um negócio próprio, uma pesquisa do IBGE de 2000 aponta para um grande número de trabalhadores informais adeptos do Pentecostalismo e dados de 2000 mostram que a taxa de desemprego entre os evangélicos é de 16,52% e os que trabalham por conta própria são 14,46%. Pierucci e Prandi (1998) apresentam uma pesquisa em que dos pentecostais, 33% são muito pobres, com renda familiar mensal de até duzentos dólares. Números confirmados por outra pesquisa, do Eseb (Estudo Eleitoral Brasileiro) de 2002 em que 67,7% dos evangélicos recebem dois salários mínimos, o que na época correspondia a R\$ 400,00 e apenas 8,9% recebem mais de seis salários mínimos. Conforme os autores, a taxa de 8% de desempregados está acima da média nacional que é de 6%, enquanto a taxa de ocupados como trabalhadores por conta própria irregulares, ou seja, os que vivem de trabalho eventual -componentes de parcela marginal de trabalhadores- chega a 27%, quando a taxa nacional é de 19%.

E para conseguir um negócio próprio, mesmo informal, é importante que o fiel pague o dízimo e muitos entrevistados nos programas de televisão da igreja explicam que chegaram a entregar o único dinheiro que tinham em mãos, como o valor da passagem de ônibus de volta para casa. Ao assistir depoimento dessa natureza, o telespectador em dificuldade tende a sentir-se atraído a procurar a Universal diante da promessa de que todos os problemas serão resolvidos a curto prazo e em seus depoimentos, os fiéis garantem que resolveram todos os problemas através da participação nos cultos e nas correntes de oração da IURD.

Portanto, a fé em Deus se torna meio de obtenção de saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder na vida terrena e não há glorificação no sofrimento, tema tradicional do Cristianismo, pelo contrário, o que se percebe é a busca do bem-estar do cristão neste mundo em primeiro plano. “A TP ensina que a pobreza é resultado

da falta de fé ou da ignorância. O princípio da prosperidade é a doação financeira, entendida como um investimento. Devemos dar a Deus para que Ele nos devolva com lucro.” (Freston, 1993, p.105). O autor comenta ainda, que a IURD pode ser considerada uma religião de resultados, uma vez que a sua proposta traz uma chance de saída da miséria, como numa loteria. (FRESTON, 1993, p. 106).

Segundo os pregadores da Teologia da Prosperidade, Jesus veio ao mundo para pregar o Evangelho aos pobres e aos doentes, porque deseja curá-los. Sendo assim, acreditam que Deus tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. Para a TP, em função da penitência de Jesus, que assumiu o lugar do homem, destinando-os à prosperidade, saúde, vitória, felicidade e para alcançar as graças basta que a pessoa tenha fé, exija os direitos em voz alta e em seu nome; seja obediente e fiel no pagamento dos dízimos. (MARIANO, 1999, p.160). Os neopentecostais acreditam que a vitória em todas as esferas da vida está destinada ao verdadeiro cristão e na IURD a vitória pode começar a ocorrer na vida do fiel, depois que ele passa por espécie de túnel simbólico que chamam de “portal da vitória”, um meio de chamar a atenção e disseminar a idéia de que todos os que passarem pelo portal serão vencedores da batalha contra as dificuldades que acreditam ser imposição do Diabo e dos “encostos”.

2.4 Os simbolismos da Igreja Universal

Além do “portal da vitória”, a Universal e a Internacional da Graça, usam outros simbolismos como objetos ungidos que dizem ser dotados de poderes mágicos ou miraculosos e Mariano (1999) aponta que esse ato as aproxima de crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular. Em artigo na

Revista USP, MARIANO (1996, p.128) comenta que os pastores recomendam aos fiéis que tais objetos sejam colocados na comida, jogados num rio, passados no corpo, guardados na carteira ou carregados e durante os cultos, são ungidos e apresentados aos fiéis como imbuídos de poder para resolver problemas específicos, tendo por referência qualquer passagem ou personagem bíblicos. “Dotados de funções e qualidades terapêuticas, servem para curar doenças, libertar de vícios, fazer prosperar, resolver problemas de emprego, afetivos e emocionais.” (MARIANO, 1999, p. 133).

Dentre os objetos distribuídos mediante pagamento de ofertas pelas igrejas Universal e Internacional da Graça, estão, por exemplo, rosa, azeite do amor, perfume do amor, pó do amor, saquinho de sal, arruda, sal grosso, aliança, lenço, frasquinhos de água do Rio Jordão e do óleo do Monte das Oliveiras, nota abençoada (fotocópia de cédula benzida), areia da praia do Mar da Galiléia, água fluidificada, chave, pente, sabonete. (MARIANO, 1999, p. 134). Além de tantos objetos, a Universal ainda promove benzimento de roupas, alimentos, documentos e fotografias durante os cultos. O benzimento é uma característica do catolicismo popular, mas também foi adotado pela Renovação Carismática que nas chamadas reuniões de cura e libertação benze objetos, roupas e imagens de santos, levados pelos fiéis e recebe pedidos de oração por escrito depositados em uma caixa geralmente colocada na entrada da igreja; prática também comum na IURD em que os pedestres são abordados nas ruas e questionados sobre a intenção de deixar o nome anotado em um livro para posteriores orações.

Mariano (1999) explica que

No afã de tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros, a Universal incentiva relações de troca com Deus, promete bênçãos, milagres, poder e autoridade divinos para combater o mal e “acata” o panteão dos deuses das religiões inimigas ao invocá-los, incorporá-los, humilhá-los e, por fim, exorcizá-

los. Com isso, rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas dos adversários. Tal reapropriação sincrética é intencional, estudada, encerra claro propósito proselitista. A liderança da igreja tem plena consciência da eficácia dessa estratégia. (MARIANO, 1999, p.135-136).

2.5 Dar ofertas e pagar dízimos: caminhos para uma vida abençoada

Além do apelo a objetos, para conseguir vitória na vida pessoal, financeira e profissional, os neopentecostais acreditam que o fiel deve exigir, determinar, decretar e reivindicar a Deus que Ele cumpra a sua parte no acordo, ou seja, que abençoe aquele que dá ofertas e dízimos e quando se estabelece a relação Deus-fiel, Ele fica na obrigação de cumprir todas as promessas contidas na Bíblia. Gomes (1996) explica que com a idéia de oferta, aparece no discurso da Universal, a idéia de liberdade humana, ou seja, o homem é livre para intervir no próprio destino e alterar a própria situação de miséria através de um recurso que Deus coloca à sua disposição, pelo instrumento privilegiado que é a Igreja Universal. Segundo o autor, a oferta dada pelo fiel a Deus, pela intermediação da Universal, instaura uma relação pela qual o homem cria em Deus a obrigação imediata da restituição e a IURD prega que “Quanto mais difícil for a oferta, maior a fé que se manifesta frente ao risco e, obviamente, maior o benefício.”(GOMES, 1996, p.238).

A oferta aponta para duas outras características: o sacrifício e o desafio. O sacrifício, significa arriscar-se em função de algo maior, de aposta e investimento ao mesmo tempo; é bem mais do que um modo de comprovar a própria fé, de pô-la em ato, do que propriamente uma provação de caráter ascético. Já o desafio, na Universal, significa uma provocação irrecusável a uma reação da parte do parceiro da inter-relação ou jogo; portanto, o caminho para uma espécie de aliança. (Gomes, 1996, p.238-239). Outro ponto é a relação entre a fidelidade e as ofertas, ou seja, a

fidelidade proporciona a prosperidade e as ofertas possibilitam bênçãos singulares e pontuais. Gomes (1996) explica que as ofertas pontuais visam solucionar algum problema específico, imediato e são consideradas bênçãos: a “[...] oferta constante (dízimos, coletas rituais e outras formas), intermitente e fiel, tem em vista não uma bênção singular, mas uma vida abençoada, ou seja, uma existência próspera, saudável e com relações positivas.” (GOMES, 1996, p.240).

A insistência para a entrega constante de dízimo enfatizada pelos pregadores da TP tem como objetivo a manutenção da fidelidade na entrega de ofertas e Almeida (1996) diz que na Igreja Universal, e nas denominações neopentecostais, o dízimo é o limite mínimo de doação exigido por Deus para a prosperidade financeira.

Ao contrário do que pregam algumas igrejas de que o dízimo é sinal de gratidão a Deus por bênção alcançada, no caso das neopentecostais é um investimento na obra divina. Investimento do qual o fiel espera o retorno de bons rendimentos. (ALMEIDA, 1996, p.16).

O autor explica que a Igreja Universal proclama uma relação com Deus baseada na certeza de um bom investimento e diz que “Sem maiores elaborações teológicas, a Igreja Universal, mais do que qualquer denominação evangélica, elaborou uma mensagem para atender às demandas mundanas imediatas”. (ALMEIDA, 1996, p.16). MARIANO (1996, p.37) cita exemplo de um templo da Universal de Belo Horizonte (MG) que cobrava dos fiéis 30% dos rendimentos como dízimo com a justificativa de que 10% seria para o Pai, 10% para o Filho e 10% para o Espírito Santo.

A TP prega que Deus prometeu bênçãos, mas para recebê-las o fiel precisa doar dinheiro para demonstrar a fé, canal exclusivo para restabelecer a sociedade com o Todo-Poderoso e afastar os demônios da vida.

Desde a expiação de Jesus, suas bênçãos estão disponíveis à espera de que os homens ‘tomem posse’ delas. Para isso, precisam

ter fé, declarar verbalmente as promessas de bênçãos divinas e confessar que já as obtiveram, mesmo e apesar de ainda não estarem concretizadas em plano material.”(MARIANO, 1999, p. 169).

E sobre acreditar antes de ver algo concreto é interessante lembrar o exemplo da biografia de Kenneth Hagin que se considerou curado ao acreditar nas palavras do Evangelho de Marcos mesmo sem ver sinal de melhora e para receber grandes bênçãos o crente precisa ser radical na demonstração de fé, ou seja, fazer coisas consideradas loucura e dispor de muita coragem para assumir riscos, doando à igreja algo de grande valor como salário, poupança, herança, jóias, carro, casa, com a certeza de que reaverá, centuplicado, o que ofertou.

Distinto da promessa no catolicismo popular, que condiciona o pagamento ao atendimento da súplica, o desafio antecede o recebimento da bênção. O fiel paga primeiro. Coloca-se na posição de credor de Deus, coagindo-o a retribuir na mesma medida. Com o sacrifício financeiro, acredita ter assegurado a intervenção divina sobre determinado infortúnio. Evidentemente, garantem os pregadores, Deus se compraz muitíssimo com os fiéis que ousam desafιά-lo em tão audazes e arriscadas exhibições de fé. (MARIANO, 1999, p.170).

Com uma atitude de risco, os pastores asseguram aos fiéis que Deus não pode deixar de cumprir as promessas e os atos dos fiéis são vistos como um investimento seguro e de rentabilidade incomparável. Mas nem sempre o retorno do investimento ocorre como prometido e alguns se sentem lesados, exemplo foi a prisão de Edir Macedo, em maio de 1992, depois da denúncia de cinco ex-fiéis que perderam dinheiro doado à igreja e não receberam as bênçãos prometidas. (Mariano, 1999, p.176). A imprensa noticiou que em novembro de 2003 um evangélico esteve no Programa do Ratinho exibido pelo SBT para pedir a devolução de dízimos doados à Universal e argumentou em rede nacional que o pastor lhe havia prometido prosperidade em troca do dinheiro e como a sua vida não havia prosperado, queria o dinheiro de volta, tal como um consumidor lesado.

No mês de agosto de 2005, um dos jornais de Marília, com circulação diária apresentou uma reportagem sobre o fiel Gláucio Verdi, vendedor, morador em São José dos Campos que pedia uma indenização de R\$ 100.000,00 na Justiça por danos morais. O texto explica que o vendedor doou um cheque de R\$ 1.000,00 à Igreja Universal durante a campanha “Fogueira Santa” com a esperança de vender uma moto e conseguir honrar o pagamento, mas como não conseguiu efetuar a venda, pediu mais prazo à Igreja e não obteve sucesso, o cheque foi apresentado e o seu nome foi para a lista de devedores do Banco Central. A página da Universal na *internet* explica que a Fogueira Santa de Israel é realizada todos os anos e se trata de uma campanha em que os pedidos de pessoas do mundo todo são levados a Israel por vários bispos e pastores, para que as promessas de Deus sejam cumpridas na vida delas. Segundo a Universal, a campanha é uma oportunidade para aqueles que desejam realizar o seu maior sonho ou suprir uma necessidade emergencial.

2.6 A influência dos “encostos” na vida dos fiéis

Antes de tomarem qualquer atitude de risco, os fiéis assistem nos programas de TV da IURD, depoimentos de pessoas que dizem ter ido à Igreja em momento de dívidas, relações pessoais e familiares desfeitas, doentes ou depois de freqüentar as chamadas “casas de encostos”, como os pastores costumam chamar os terreiros de Candomblé e casas de Umbanda. Depois de participarem das correntes de oração e dos cultos, especialmente da Sessão do Descarrego, afirmam que a vida mudou: não têm mais dívidas, resolveram problemas pessoais como brigas com o cônjuge

alcoolizado, por exemplo e foram curadas graças ao trabalho de afastar “encostos”, realizado pela Universal.

Segundo Mariano (1999) o neopentecostalismo leva ao pé da letra a idéia de que o diabo está entre nós, incitando os seus seguidores a divisá-lo nos transe rituais dos terreiros do Candomblé e Umbanda. Em seus programas, os pastores da Igreja Universal submetem desertores da Umbanda e do Candomblé, em estado de transe, a rituais de exorcismo, que têm por fim humilhar e escorraçar as entidades espirituais afro-brasileiras incorporadas, as quais são consideradas manifestações do demônio. Os “encostos”, conforme o discurso da Universal, são fruto da participação em religiões afro-brasileiras e grande parte desse discurso da igreja se pauta no combate aos encostos e outros problemas supostamente causados por “exus” e “pombagiras” que segundo MARIANO (1996, p.127) são as principais concorrentes “[...] no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para os estratos mais pobres da população.” Na Sessão do Descarrego, a igreja anuncia a expulsão dos encostos a todos os interessados, principalmente mulheres, maioria dos casos apresentados nos programas de TV da IURD. Elas afirmam terem ficado livres dos encostos, dos quais eram vítimas, sendo que por isso não tinham anteriormente controle sobre a vida pessoal, sentimental, financeira ou profissional.

2.7 A prosperidade material como condição legítima do cristão

Outro tema freqüente dos programas de TV é o direito do fiel ao sucesso econômico, financeiro e material. MARIANO (1999, p.185) explica que no neopentecostalismo, a idéia é enriquecer para consumir e usufruir das posses neste

mundo; existe uma motivação consumista, mundana, que foge totalmente aos princípios do Protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista. Segundo o autor, a TP não prega que o fiel deve trabalhar arduamente para ter poupança, mas que deve ser próspero porque é condição legítima do cristão

[...] e ainda estimula o consumo e progresso individual e tem acentuado materialismo. [...] a Teologia da Prosperidade não tece uma única crítica sequer ao capitalismo, nem à injustiça e desigualdade sociais, nem aos desequilíbrios econômicos do mundo globalizado. [...] Na melhor das hipóteses, o que ela proporciona, ao indivíduo, não ao coletivo, resume-se a elementos de natureza psicológica: melhora da auto-estima, aumento da autoconfiança, vontade de prosperar, esperança no futuro. (MARIANO, 1999, p.185).

Pode ser a esperança no futuro, um dos motivos de atração dos mais pobres aos cultos das igrejas neopentecostais, pessoas que não têm oportunidades reais de melhorar a sua condição financeira pelo trabalho diário, não têm acesso a saúde, a educação, ao saneamento básico, enfim, estão à margem de qualquer desenvolvimento econômico do país e dependem dos inúmeros programas assistenciais do governo. A TP aparece como uma saída imediata para a solução dos problemas deste mundo, já que Deus, segundo os pregadores, não quer o sofrimento ou qualquer tipo de privação, seja material ou espiritual de seus filhos.

E para tentar aliviar ou mesmo impedir o sofrimento das pessoas neste mundo, as religiões neopentecostais, surgidas a partir da metade da década de 70, se apresentam aos fiéis através de jornal, televisão e rádio como forma de solução rápida e fácil para problemas cotidianos e segundo o discurso apresentado, a solução dos problemas está na Teologia da Prosperidade, com a mensagem de atendimento aos interesses mundanos de bem-estar do fiel e uma vida material abundante. Aliás, a ideia de vida material próspera e abundante pode ser considerada um dos fatores principais que tem contribuído para o crescimento das

igrejas neopentecostais, pregadoras da TP como: Universal, Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra.

2.8 O sucesso das igrejas neopentecostais quando se esperava o recuo da religiosidade

As Ciências Sociais e em especial a Sociologia propõem uma análise do crescimento do número de fiéis nas igrejas neopentecostais desde a década de 80, enquanto se esperava o desencantamento do mundo, um distanciamento da religião em função da crescente racionalização da sociedade e do progresso da ciência num mundo cada vez mais repleto de avanços tecnológicos desde o final do século XX e início do século XXI. Pierucci (1997) afirma que o crescimento destas igrejas significa a escalada da religião, retomada e não supressão, extinção ou decadência e a opinião de Prandi (1998) se aproxima de Pierucci, pois acredita que a religião não só se reaviva, mas reassume formas que pareciam estar esgotadas, o que segundo ele, indica que a idéia do desencantamento da sociedade pode ser questionada se realmente ocorre. Machado (1996) mostra que o avanço do neopentecostalismo no Brasil para alguns autores é considerado como ressacralização.

Para Pierucci (1997) a idéia de secularização do mundo está ligada à luta da ciência moderna contra a superstição, credulidade, ignorância e obediência e que o destino da humanidade é acompanhar o progresso da ciência. Para o autor, a secularização deve ser entendida como secularização do Estado, da lei, da normatividade jurídica geral e sugere aos estudiosos da Sociologia a volta ao sentido original do termo para evitar equívocos que levam a discussão sobre a “volta

do sagrado” a patinar, travar em torno da secularização. Pierucci (1997) acredita que a população brasileira nas mais diferentes camadas sociais, esteja de fato experimentando um importante reavivamento religioso e que toda a efervescência religiosa significa mais do que um efeito midiático de amplificação e fantasia, correspondendo a um aumento da importância da religião na vida das pessoas e volta ao ponto, que segundo ele é preciso entender:

[...] por maior que seja a magnitude demográfica dessa mobilização religiosa, por mais que se intensifiquem a adesão e a prática religiosas de pessoas até então desinteressadas e desmobilizadas, por mais que novos grupos religiosos e novas igrejas se formem e agitem o campo com novas energias de combate e conquista, isto não significa de modo algum o fim do processo de secularização. Antes, pelo contrário, ajuda-o, acelera-o. (PIERUCCI, 1997, p.114).

Para o autor, a secularização, tem que ser vista como desenraizamento dos indivíduos – e é por isso que os neopentecostais se perfilam entre seus oponentes na prática, quando não na teoria - e questiona que maneira melhor de desenraizar as pessoas do que desconectá-las da religião tradicional e da tradição religiosa, desafiliá-las de suas crenças tradicionais, destituí-las de suas tradicionais formas inerciais de prática e absenteísmo? Haverá melhor forma?

O autor cita Bryan Wilson, um dos defensores do mesmo ponto de vista para quem

[...] as novas religiões de hoje encontram a religião reduzida a um item de consumo e botam mais lenha nessa fogueira. O consumidor religioso escolhe uma e até mais de uma experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço religioso dentre uma grande variedade de propostas provocantemente expostas no “supermercado espiritual”.(PIERUCCI, 1997, p.112).

Além da variedade de religiões, de opções religiosas que se apresentam aos fiéis com diferentes soluções, exemplo do “supermercado espiritual” pode ser também de fiéis que se denominam católicos, mas não seguem determinações da

Igreja Católica como o sexo depois do casamento, o não uso de camisinha e métodos contraceptivos e ainda não concordam em questões como a legalização do aborto e mais recentemente, o uso de células-tronco na pesquisa para a cura de doenças crônicas como distrofia muscular e diabetes. O fiel vai a igreja e absorve o que lhe interessa: concepções de religião que cabem em seu modo de vida e não as concepções da Igreja direcionando a vida do cristão, seria como ir ao “supermercado” e escolher apenas os produtos que acredita serem necessários à vida que se deseja.

Pierucci (1997) acredita que o grande número de opções religiosas que se apresenta aos fiéis, leva a dessacralização e não ao reencantamento do mundo e o autor pensa em dessacralização da cultura que permite o trânsito religioso de indivíduos e grupos visto como algo aceitável, sem que ninguém se sinta culpado e explica que a liberdade religiosa significa que há pluralização no campo religioso como fator de secularização.

Esta é uma leitura da tese da secularização que tem pretensão de generalidade, mas que me parece sobremaneira apropriada para a realidade latino-americana, que a muitos aparece como um conjunto de sociedades não-secularizadas e até mesmo alheias ao desencantamento do mundo. (PIERUCCI, 1997, 115).

O autor vê a secularização como a passagem de uma religião hegemônica, no caso do Brasil, a religião católica, para a existência de várias outras religiões, convivendo harmoniosamente e aceitas pela sociedade. Segundo ele, entender a situação de pluralismo implica em esquecer definitivamente a idéia de que há um enganoso diagnóstico de crise de paradigma na Sociologia da Religião.

Machado (1996) analisa como o paradigma da secularização é apresentado por vários autores diante da revitalização da religião, quando se esperava que a modernidade trouxesse a sua inibição, retração e retirada do espaço público. Para a

autora, essa revitalização leva os pesquisadores norte-americanos como, por exemplo, Warner (1993) a formularem um novo paradigma de interpretação das teorias sobre religião ou ainda deslocar o modelo do declínio das religiões para mudanças nas mesmas e também propõem o ressurgir de religiões, o que não falsificaria a teoria da secularização.

MACHADO (1996, p.23-24) analisa que os movimentos evangélicos seriam apenas parcialmente “contramodernizadores”, ou seja, as intenções são conservadoras, mas as consequências parecem “positivamente modernizantes”. Para exemplificar, a autora cita Berger (1992) para quem embora os evangélicos, principalmente os pentecostais também olhem para o passado com certa nostalgia, o tempo histórico que enfatizam, valorizam como ideal a ser perseguido é a época dos apóstolos e sem chegar a propor a volta àquele estilo de vida. Para a autora, o espiritismo e o pentecostalismo são exemplos de formas internalizadas de religião porque estimulam comportamentos orientados por valores distintos do sistema axiológico predominante na organização social, acarretando não apenas certa tensão entre o converso e o mundo social mais amplo, mas também uma opção consciente e deliberada dos indivíduos. Ela cita Pierucci e Prandi (1987), segundo os quais, no plano social a conversão expressa uma quebra de norma, enquanto no plano individual representa uma ruptura na própria biografia do converso. (Pierucci e Prandi, 1987, p.34 apud MACHADO, 1996, p.28).

2.9 A facilidade da conversão de uma igreja a outra

Quase dez anos depois, Prandi (1996) apresenta uma opinião diferente e afirma que converter-se a outra religião não significa mais romper com a “[...] própria

biografia, mudar radicalmente de vida.” (PRANDI, 1996, p.260). O que se percebe, segundo ele, é que não há a defesa do que chama de *statu quo* religioso, uma vez que a religião se restringe ao campo individual e mais: se torna item de consumo e é obrigada a seguir as regras do mercado e que se pode pensar no papel do Estado como defensor dos interesses do cidadão-consumidor. Em outro texto, Prandi (1998) diz que o fiel pode se converter a religião que quiser ou simplesmente não ter uma religião diante da variedade de alternativas que se apresentam e mesmo quando adere a determinada religião, o fiel pode mudar a qualquer hora, nada é definitivo como antes, ou seja, no tempo em que se era católico ou não.

O trânsito de uma religião para outra é imenso, o que pode obrigar religiões antagônicas a reconhecerem umas às outras como religião, ainda que esse reconhecimento implique a idéia de que a outra representa o mal a ser desfeito e combatido. (PRANDI, 1998, p.26).

Para mostrar como é fácil ocorrer a mudança de uma religião para outra, o autor cita uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo sobre as razões de mudança de religião e 50% procuraram a religião atual por questões espirituais e de identidade ou por insatisfação com a religião anterior, outros 25% chegaram até a religião atual procurando pela cura de doenças e vícios, ou porque queriam emprego e alguma folga financeira, casa para morar etc e 4% justificaram a mudança por razões estéticas, por gosto, 4% porque queriam conhecer alguma coisa diferente, por curiosidade e ainda 2% afirmaram que queriam ter uma religião que fosse capaz de resolver os seus problemas.

O que quero enfatizar é que, hoje, razões de ordem prática e individual para a conversão são popularmente consideradas como inteiramente aceitáveis. Diante de um novo problema, não resolvido, esse converso não hesitará muito em mudar de religião de novo. (PRANDI, 1996, p.262).

A pesquisa citada pelo autor aponta ainda que 26% da população adulta da cidade de São Paulo constitui-se de convertidos e os maiores contingentes de nascidos na religião em que permanecem são de católicos, com 95% e, bem distante dos católicos estão os protestantes históricos, com 48% e os evangélicos pentecostais, espíritas, afro-brasileiros e participantes de religiões demograficamente menores apresentam taxas entre 20 e 26% de adeptos nascidos na religião. (PRANDI, 1996, p.262).

2.10 Fiéis trocam a Igreja Católica por igrejas evangélicas

O catolicismo é a denominação que mais perde fiéis, conforme pesquisa citada pelo autor: 58% dos conversos eram católicos e 20% declararam não seguir nenhuma religião antes de ter aderido à religião presente e de forma geral, todas as religiões contribuem no fluxo de conversões, com taxas de 3% a 7%, somando uma parcela nada desprezível de 22% de não-católicos. Um dado que chama a atenção é que os declarados sem-religião se convertem ao catolicismo da Renovação Carismática Católica (RCC) que tem conseguido trazer de volta às igrejas fiéis desligados, mas nem mesmo a RCC consegue conter a migração de religião dos até então católicos para religiões evangélicas. Dados do IBGE de 2000 mostram que 15,4% da população é evangélica, ou seja, mais de 26 milhões de brasileiros e outras religiões consideradas tradicionais também perderam fiéis nas últimas décadas como o Luteranismo e a Umbanda. Pierucci e Prandi (2004) em artigos publicados no *Dossiê sobre a religião no Brasil* analisam os dados da pesquisa do IBGE de 2000 e Pierucci (2004) trata da perda de fiéis pelas denominações tradicionais: Catolicismo, Luteranismo e Umbanda e Prandi analisa especificamente

a perda de fiéis do Candomblé e da Umbanda e a atuação dessas denominações no mercado religioso do país. Pierucci (2004) apresenta, por exemplo, que o luteranismo era a maior das religiões protestantes históricas nos anos 60 com 500 mil adeptos e em 1967 eram 800 mil fiéis, mas em 1991 estava na segunda colocação entre os históricos com mais de 1 milhão de fiéis, perdendo para a Igreja Batista que contava com 1,5 milhão de adeptos e no decorrer dos anos 90 a queda foi acentuada e os luteranos caíram de quase 8% do total de protestantes para apenas 4% em 2000.

A Umbanda e o Candomblé também são analisados pelos autores em relação a perda de fiéis: em 1980 contavam com 0,57% da população e em 1991 o número caiu para 0,44%, em 2000 a porcentagem das duas religiões ficou em apenas 0,34% da população. Pierucci (2004) explica que em 1991 o IBGE separou a Umbanda do Candomblé e se verificou que quem perde mais seguidores é a Umbanda, que tinha pouco mais de 540 mil adeptos em 1991 e caiu para 432 mil em 2000 e o candomblé, por outro lado, cresceu de 106 mil fiéis em 1991 para quase 140 mil em 2000, ou seja, aumento de mais de 30 mil seguidores e Prandi (2004) acrescenta que na denominação de Candomblé estão incluídas as religiões afro-brasileiras tradicionais como xangô, tambor-de-mina e batuque.

2.11 Perfil dos fiéis que deixam o catolicismo e as reações da igreja de Roma

Como a religião mais tradicional, a Igreja Católica, reagiu e reage diante da perda de fiéis? Antoniazzi (1996) diz que as atitudes católicas face ao

Pentecostalismo se manifestam na segunda metade dos anos 80, quando perde força a polêmica contra o regime autoritário e há a volta no país das eleições diretas, e a Igreja Católica, agora menos preocupada com suas responsabilidades políticas, descobre a difusão de uma nova religiosidade e o crescimento daqueles que impropriamente chama de “seitas”. O autor explica que os fiéis que deixam o catolicismo são ligados ao catolicismo tradicional, rural, ligado à devoção aos santos, “milagreiro”, mas pouco envolvidos nas comunidades católicas dirigidas pelo clero e com escassa formação doutrinária e segundo o autor, exagerando um pouco, pode-se chegar a dizer que o Pentecostalismo recruta católicos que já estavam “fora” da Igreja, da instituição, mas de outro lado, a Renovação Carismática Católica parece penetrar mais na classe média (ou médio-baixa), revelando a dificuldade que a Igreja Católica tem de chegar às periferias urbanas. (ANTONIAZZI, 1996,p.20).

Mesmo com alguma dificuldade, a Igreja Católica como instituição mantém a aprovação da sociedade em geral e é considerada confiável, o “pecado”, segundo o autor, está no não atendimento aos problemas imediatos da população: “[...] a Igreja Católica parece menos ágil e menos atenta, tendo inclusive renunciado às práticas terapêuticas tão procuradas por grande parte da população.” (ANTONIAZZI, 1996, p.21).

2.12 Os evangélicos atendem a população excluída

Pierucci e Prandi (1998) analisam o quadro religioso brasileiro e apontam que as diversas religiões presentes no mercado religioso atendem a população excluída do desenvolvimento tecnológico, científico e econômico e ainda aos desamparados

do catolicismo o qual não se interessa em oferecer-lhes orientações práticas para a vida cotidiana.

Elas se dispõem num amplo e variado mercado religioso, com seus distintos planos que enfocam diferentemente muitas soluções possíveis para os conflitos da difícil arte de viver, especialmente quando pouco de realmente significativo para a vida o progresso material, científico, intelectual foi capaz de oferecer a essa grande maioria de homens e mulheres. (PIERUCCI & PRANDI, 1998,p.22).

Segundo os autores, as religiões populares pregam a cura divina e trazem os adeptos para mais perto do sobrenatural, do sagrado e os afasta da vida política e fora das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), quase extintas. Nenhuma dessas novas religiões se propõem a transformar o mundo, politicamente falando, estando empenhadas na mudança moral do fiel dentro da comunidade a que passa a pertencer depois da conversão.

Mas na Universal, há um evidente interesse na representação política, com a igreja elegendo oficialmente representantes desde os anos 80. Inclusive, não apenas a IURD, mas outras denominações evangélicas também atuam na política para defender temas ligados aos interesses próprios. O próximo capítulo apresenta uma análise de como tem sido a atuação política dos evangélicos, primeiramente em âmbito nacional e depois na política de Marília, com a eleição do pastor Luis Jorge Pereira Pontes em 2000 para o cargo de vereador.

CAPÍTULO III – Um homem de Deus na Câmara mariliense

3.1 Os evangélicos na política nacional: da Assembléia Constituinte às eleições de 2002

Existe um ditado popular que diz: “Futebol, religião e política são assuntos que não se discutem”, ou seja, cada pessoa tem preferências e opiniões próprias. Mas deixemos o futebol de lado e vamos tratar do envolvimento entre a religião e a política, representantes do sagrado e profano e a partir daí, as questões que podem surgir são: a participação de religiosos na política traz, de alguma forma, benefícios aos adeptos da denominação que resolve participar da política seja local, estadual ou nacional?

Podemos pensar ainda que as ações do cotidiano ou a maioria delas, envolve certo aspecto político quando há a necessidade de posicionamento e argumentação diante de situações da vida comum e para demonstrar qual a posição ou a opção que assumem na sociedade, os evangélicos participam do cenário político brasileiro desde a década de 30 e com mais visibilidade a partir da Assembléia Constituinte de 1986 quando foram eleitos 33 deputados, mas os parlamentares evangélicos ganharam espaços nos noticiários em razão de seus posicionamentos contrários a assuntos polêmicos como: união homossexual, aborto, drogas e pornografia.

Aqui nos interessa a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus na política partidária nacional e, num segundo momento, especificamente na política de Marília. Antes da IURD investir na representação política, os evangélicos já haviam eleito alguns deputados federais. Segundo Fonseca (2002), desde 1930 foram eleitos 19 deputados e em 1983 foram eleitos 14 parlamentares, ligados a igrejas históricas, mas a participação era tímida, demarcada pela pouca presença social evangélica.

Mas os evangélicos cresceram numericamente e passaram de 4% da população em 1960 para 15,4% em 2000, como registra o IBGE, aumentando também a sua participação política. As Ciências Sociais apresentam reflexões sobre o assunto desde o início dos anos 90 e aqui vamos apresentar as contribuições de três autores: Paul Freston (1993) e Antônio Flávio Pierucci (1996) que tratam da atuação na Constituinte e Alexandre Brasil Fonseca (2002) que produziu tese sobre a participação política evangélica nos anos 90. O sociólogo Paul Freston (1993) defendeu tese sobre o assunto e afirma que três igrejas são importantes para compreensão da participação política evangélica: Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo ele, há três razões para a politização dos evangélicos: diminuir tensões entre a comunidade e sociedade ambiente, concorrência religiosa e a terceira razão, ameaças à família como reação às mudanças no ambiente social. “Em suma, a politização pentecostal visa fortalecer lideranças internas, proteger as fronteiras da reprodução *sectária*, captar recursos para a expansão religiosa e disputar espaços na religião civil.” (FRESTON, 1993, p.181).

Freston (1993) explica o aparecimento pentecostal na política como uma evolução da relação entre os sacerdotes e o público religioso, uma vez que os pastores vivem o que chama de duplo status contraditório, ou seja, são detentores de poder não legitimado pela ideologia *sectária*, ao mesmo tempo em que são líderes na igreja e discriminados na sociedade. Outra explicação, segundo o autor, está na preocupação com a família, tema defendido na Constituinte, pois temiam que a legalização do aborto, das drogas, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e o casamento como simples contrato pudessem ser incluídos na Constituição.

Outro ponto importante apontado por Freston (1993) foi o contexto sócio-político do país em que ocorreu o crescimento de evangélicos na política: a década de 80, considerada pelos economistas como a década perdida, registrando aumento das tensões sociais, uma vez que nos anos 80, o Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu e a inflação aumentou enquanto a satisfação com o sistema político cai de 52% em 1974 para 32% em 1982 e atinge apenas 9% em 1987 e com isso, a população excluída economicamente busca uma nova opção religiosa no Protestantismo, mas também está interessada em novas opções políticas com atores diferentes: “Os evangélicos, à época possuidores de imagem de honestidade, estavam em condições de ser esses novos atores.”(FRESTON, 1993, p.219).

O autor explica que nos anos 80 a política clientelista urbana foi abalada e foi aberto um espaço à idéia do “deputado irmão”, baseada na moral do parentesco e da crença, o que levou a construção de clientelismo mais estável, pois os evangélicos acreditavam que os irmãos não eram apenas interesseiros, mas pessoas que participavam da mesma fé. A década de 80 significou, conforme o autor, a diminuição dos efeitos da conversão sobre a ascensão individual e explica que a redemocratização do país permitiu a expressão livre de correntes políticas até então reprimidas e colocou em risco a capacidade da socialização sectária de proteger os membros de outras formas de politização e diante desta situação, o autor afirma que os projetos políticos das cúpulas das igrejas evangélicas podem funcionar como o que chama de politização preventiva e protetora da reprodução social sectária.

Freston (1993) acredita que com a idéia de liberdade religiosa ameaçada, os evangélicos rejeitaram qualquer sinal de inferioridade como religião civil e buscaram disputar a hegemonia do campo religioso. E o discurso de defesa da família

objetivava a politização de assuntos morais, como a defesa cultural diante do impacto nos costumes provocado pela comunicação de massa, estruturada e montada no regime militar, agora livre de censura com a redemocratização, já que as cúpulas evangélicas queriam o fortalecimento de lideranças no interior do campo religioso.

Quase dez anos depois de Freston, Alexandre Brasil Fonseca (2002) apresenta um estudo sobre os evangélicos na política nos anos 90 e descreve cinco perfis entre os políticos evangélicos: os apoiados pela liderança denominacional, os deputados ligados aos meios de comunicação de massa, profissionais liberais ou empresários com recursos que se lançam na vida pública, político com anos de militância que se converte e finalmente, deputados que se envolveram em organizações e movimentos progressistas ou em práticas sociais que buscam uma participação política mais efetiva. O autor diz ainda que há três motivações para o envolvimento evangélico na política: a força social representada pelo crescimento numérico, a busca de legitimidade e o prestígio social e a facilidade para o proselitismo com o acesso ao poder e segundo ele, os evangélicos se vêem como perseguidos e marginalizados e acredita que o objetivo mais disseminado do envolvimento evangélico na política é garantir uma ação evangélica proselitista.

Mais do que uma ética social ou uma teologia política, o perfil desta irrupção evangélica na política apontava para um desejo quase teocrático de participar mais diretamente nas instâncias de poder, numa “justiça” diante da evidência social alcançada. (FONSECA, 2002, p.100-101).

No caso da Universal, o autor explica que como a Igreja percebe o mundo habitado por forças malignas que levam às pessoas ao que chama de “fundo do poço”, a participação política seria uma forma de exorcizar o setor público, sendo o

objetivo principal da denominação retirar as pessoas que reproduzem o mal, presente em suas vidas, nas ações da vida pública.

A corrupção é entendida como uma 'prática diabólica que destrói pessoas e nações' e, conseqüentemente, aqueles que 'têm o temor do Senhor' não se envolvem com ela. A participação na política seria uma forma de exorcismo no espaço público, uma maneira de combater o Mal 'aqui fora'. (FONSECA, 2002, p.232).

Para o autor, a cobrança e fiscalização da Universal junto aos eleitos apoiados pela denominação é um aspecto positivo das candidaturas oficiais e até a publicação de Fonseca (2002), os parlamentares ligados à Igreja não se envolveram em escândalos de corrupção que tiveram a participação de outros evangélicos e o papel de divulgação em massa do jornal Folha Universal, conforme Fonseca (2002) é relevante para que não ocorra o que o ex-bispo Rodrigues considerava como um poste que não ilumina, ou seja, parlamentares eleitos que não atuam em benefício da igreja e dos irmãos.

Sobre a contribuição dos evangélicos à democracia, o autor diz que apesar da estrutura hierárquica e autoritária da Universal ser vista como impedimento ao alcance da democracia, se esse comportamento inibe a participação, também cria um ambiente em que abaixo dos dirigentes, todos são iguais. O autor acredita que a esperança é de que os evangélicos possam confiar em outros grupos que não apenas em pessoas que professam a mesma fé, e a desconfiança em quem não é evangélico é apontada pelo autor como impedimento, entrave para a formação de redes sociais mais amplas e diversificadas.

Mas a Igreja Universal, fundada em 1977, por Edir Macedo, parece agir politicamente segundo interesses próprios e elegeu o primeiro deputado federal em 1986: Roberto Lopes (PTB/RJ), nove anos depois de sua fundação e em 1990, o número de parlamentares cresceu para três deputados federais: dois do Rio de

Janeiro e um da Bahia e seis deputados estaduais. Já em 1994, a IURD elegeu 12 deputados, sendo seis federais e seis deputados estaduais nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e na Bahia e em 1998 a IURD apoiou a candidatura de 67 pessoas e foram eleitos 44 candidatos: 18 deputados federais e 26 deputados estaduais. Em 2000, nas eleições municipais, foram eleitos 4 vereadores em São Paulo e 5 no Rio de Janeiro e nas eleições gerais de 2002, a denominação elegeu 16 deputados federais e 19 deputados estaduais e um dos destaques da disputa foi a eleição de Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, atualmente no Partido Municipalista Renovador (PMR), na época filiado ao Partido Liberal (PL), ao cargo de senador pelo Rio de Janeiro com 3,5 milhões de votos. Em 2004, Crivella se candidatou a prefeitura do Rio de Janeiro, mas perdeu a eleição ainda no primeiro turno para o então prefeito, César Maia do Partido da Frente Liberal (PFL) que obteve 50,11% dos votos.

3.2 Defesa da família e da liberdade religiosa: os evangélicos na Constituinte

Para entender o sucesso da atuação política dos evangélicos é preciso voltar ao período em que começaram a chamar a atenção da mídia: Assembleia Nacional Constituinte, em 1986, quando a chamada bancada evangélica era composta por 33 deputados federais preocupados com dois temas principais: defesa da liberdade religiosa e defesa da família; algumas delas causaram polêmica, como a opinião sobre as consequências do estupro, publicada em veículos de comunicação de circulação nacional. Os evangélicos constituintes tiveram ainda uma atuação conservadora, participaram da base de apoio ao governo do presidente José Sarney

de 1985 a 1989 e votaram favoravelmente ao mandato de cinco anos para o presidente. Sobre a atuação e posicionamentos dos deputados evangélicos na Constituinte, citamos dois autores: Freston (1993) e Pierucci (1996) e segundo eles, se os deputados evangélicos fossem um partido, seriam a quarta bancada, atrás dos partidos: PMDB, PFL e PDS, hoje PP e os constituintes votavam unidos em questões como aborto, drogas, homossexualismo e pornografia, mas por outro lado, não se envolveram em críticas às autoridades e foram omissos em relação a questões como a da reforma agrária.

Conforme Freston (1993), duas votações chamaram a atenção para os evangélicos: a reforma agrária e o mandato do presidente Sarney, com relação à reforma agrária, os evangélicos viam a idéia como uma bandeira da Igreja Católica e a aprovação significaria reforçar o prestígio da Igreja de Roma, podendo ainda diminuir o êxodo rural, o que afetaria diretamente o crescimento das igrejas evangélicas, na votação sobre o assunto, 50% dos constituintes presentes votaram a favor, enquanto somente entre os evangélicos 29% foram favoráveis. No caso do mandato de José Sarney, o autor afirma que vinte e cinco evangélicos, ou seja 76% votaram a favor dos cinco anos, comparado com 50% entre todos os constituintes.

A bancada evangélica demonstrou preocupação também com a família e a mídia. Freston (1993) explica que a defesa da família, traço marcante da atuação evangélica como vimos antes, foi uma das justificativas principais para o lançamento de candidatos apoiados pela Assembléia de Deus e segundo o autor, o tema família é objeto constante do ensino pentecostal e em temas as quais não havia posições oficiais, o trabalho do deputado corria mais risco de passar despercebido ou ser objeto de controvérsia.

A família é o principal meio de socialização na visão minoritária de mundo e do meio de conservação de membros através das

gerações. Recentes estudos sobre igrejas pentecostais e CEBs apontam para o enraizamento das primeiras na família mais do que no lugar de trabalho como uma das razões de sua relativa estabilidade. Contudo, a essência do conceito pentecostal de família não é o patriarcalismo mas o anti-machismo. (FRESTON, 1993, p. 235-236).

Durante a Constituinte, os evangélicos também se interessaram pelos meios de comunicação e chegaram a receber duas concessões de televisão e sete rádios e em alguns casos, as rádios foram transferidas para as respectivas igrejas. Na análise que faz das posições dos evangélicos, Freston (1993) explica que os pentecostais são menos conservadores que os históricos e um pouco mais democratizantes e bem mais nacionalistas.

Mas também são mais governistas e mais favoráveis à manutenção do atual sistema financeiro. [...] Os protestantes históricos também são bastante coerentes em todos os itens, numa posição de centro-direita. Já os pentecostais são oscilantes e confirmam a nossa caracterização deles como um “centro fisiológico”. A vertente majoritária da política pentecostal rejeita qualquer posição remotamente ligada ao marxismo mas adota o neoliberalismo. (FRESTON, 1993, p.244).

Pierucci (1996) também analisa a participação evangélica na Constituinte e segundo ele, desde o início de 1987 os evangélicos passam a ser destaque na imprensa graças à vontade de atuar em conjunto e defender os bons costumes. “[...] passaram a dar sinais de sua mais fresca vontade de presença pública como guardiões da moralidade privada, como também de seu mais rasteiro fisiologismo.”(PIERUCCI, 1996, p.173). O autor explica que a partir do final dos anos 80 o país conta com novos incentivadores da participação política das camadas mais pobres e marginalizadas da população, já que através da conversão mesmo que despolitizada, havia a idéia de que irmão vota em irmão, o que significava acesso ao sistema político do país. Segundo ele, a

[...] a conversão ao evangelismo, mesmo o mais fundamentalista e menos politizado, pode representar para o converso uma inesperada

via de acesso ao sistema de participação política. Porque, a partir de agora, 'irmão vota em irmão'. (PIERUCCI, 1996, p.176).

Sobre o posicionamento dos evangélicos, o autor explica que tiveram uma posição conservadora-tradicionalista-restauracionista em relação aos valores morais sexuais convencionais sendo que a preocupação fundamental foi com a sexualidade. Pierucci (1996) afirma que temas presentes no discurso que chama de bíblico-fundamentalista, como por exemplo, sexo e família são constantes na fala das facções conservadoras não-religiosas, o que as leva a revalorizar o conservadorismo cultural e comportamental,

[...] de um conservadorismo social no plano de maneiras, dos estilos de vida, complementando o conservadorismo econômico e o anticomunismo com uma diferente concepção dos inimigos a combater e um elenco diferente das 'questões que realmente importam', que realmente representam 'a vontade do povo', as preocupações vitais da 'maioria'. (PIERUCCI, 1996, p.178).

O autor analisa que o inimigo da direita cristã evangélica é o feminismo, aliado ao que chama de pornocracia bem-pensante das camadas intelectualizadas e liberadas na conduta de vida. "Noutras palavras, as teses centrais da nova direita cristã são antes de mais nada teses antifeministas. É no movimento das mulheres que mora o perigo." (PIERUCCI, 1996, p.179). Os evangélicos constituintes acreditavam que o país vivia uma grande crise moral e que estavam expressando um profundo mal-estar cultural nas camadas sociais politicamente excluídas, culturalmente desprovidas e economicamente desprivilegiadas.

Nesses contextos capitalistas e nesses climas culturais, os apelos por "lei e ordem" e as demandas por "moralidade e decência" têm todas as chances de se transformar em *issues* cruciais nas disputas políticas, sobretudo político-eleitorais, nas quais "o povo" e "a memória" são particularmente contemplados, interpelados, disputados. (PIERUCCI, 1996, p.179).

Segundo ele, o apelo por lei e ordem, moralidade e decência, significava que o país estava diante de um novo populismo da nova direita e que uma das sustentações estava no conservantismo cultural, por sua vez, ancorado nas camadas populares.

A direita religiosa, bíblico-fundamentalista e moralista tem a vantagem de fazer contatos mais imediatos, mais profundos e mais persuasivos com as massas inseguras e assustadas do que outras formações ou linhagens de direita mais secularizadas. Para o conjunto das forças conservadoras, portanto, a emergência da nova direita evangélica é um verdadeiro 'achado'. (PIERUCCI, 1996, p.179-180).

Tanto Freston (1993) quanto Pierucci (1996) concordam que os evangélicos fizeram *lobby*, ou seja, pressionaram os demais parlamentares em votações de assuntos como o combate ao aborto, às drogas, ao jogo, à pornografia nos meios de comunicação de massa e assim por diante. Pierucci (1996) explica que os idealizadores da chamada bancada evangélica tinham como objetivo manter a unidade dos parlamentares em temas ligados à defesa dos bons costumes, na conservação dos valores tradicionais, na reafirmação da não-ingêrência do Estado nos assuntos das igrejas, princípios esses que deveriam ser assegurados pela nova Carta.

E um dos posicionamentos mais polêmicos dos evangélicos constituintes foi o que Pierucci (1996) chama de intransigência a respeito do aborto por parte de alguns parlamentares, segundo o autor, os evangélicos quiseram abolir até mesmo as exceções já previstas na legislação antiaborto, como a gravidez de alto risco e os casos de estupro e exemplifica com a seguinte frase publicada na época:

'Se uma mulher quiser, ela pode resistir ao estupro', justificou várias vezes o deputado Sotero Cunha do PDC carioca e pastor da Assembléia de Deus (Jornal do Brasil, 13/5/1987). "Se uma mulher não quer, o homem não consegue estuprá-la. Se a mulher não ceder, nada acontece". (Folha de São Paulo, 26/4/1987). (PIERUCCI, 1996, p.185-186).

Conforme os depoimentos do deputado divulgados, o estupro só acontece porque a vítima aceita ou de alguma forma permite que o fato aconteça quando passa por lugares sem movimento de pessoas ou carros, geralmente frequentado pelo que chama de “maus elementos”, ou seja, pessoas consideradas suspeitas. Outro aspecto defendido pela bancada evangélica, segundo ele, foi de alianças com o poder econômico representados pela União Democrática Ruralista (UDR), por exemplo e ainda de aliança com o governo federal, considerada pelo autor, política e materialmente vantajosa e que algumas vezes trouxe rupturas internas à bancada.

3.3 O apoio aberto a Fernando Collor em 1989

A campanha eleitoral que terminou com a eleição de Fernando Collor de Melo Partido da Reconstrução Nacional (PRN) em 1989, foi outro momento importante da atuação evangélica na política nacional e os pentecostais, principalmente a Igreja Universal apoiaram a candidatura abertamente. Freston (1993) diz que a Universal disponibilizou para o então candidato, horários em suas emissoras de rádio, distribuiu propaganda impressa em suas gráficas. Com a compra da TV Record foi transmitida para toda a sua rede filiada a participação de Fernando Collor no então Programa Ferreira Netto. Um dos motivos do apoio evangélico ao caçador de marajás, como Collor ficou conhecido na época, foi a ameaça à liberdade religiosa representada pela posição esquerda, na figura de Luis Inácio Lula da Silva, também candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Mariano e Pierucci (1996) também tratam do apoio evangélico a Collor e segundo eles, antes do apoio houve a possibilidade de lançamento da candidatura do evangélico Íris Rezende, ministro da Agricultura do governo José Sarney, que

disputaria a indicação pelo PMDB, mas a candidatura não se concretizou e os líderes evangélicos não só abriram as portas dos templos a Collor como participaram da campanha influenciando na decisão do voto dos fiéis. O maior exemplo foi o de Edir Macedo, líder da IURD, que deixou transparecer o apoio ao candidato caçador de marajás, quando afirmou que depois de pedir a Deus que indicasse uma pessoa, o Espírito Santo o convenceu de que Collor era o escolhido. Os autores dizem ainda que no primeiro turno, as lideranças procuraram “preservar” a liberdade de escolha de seus fiéis, desde que não fosse o outro candidato.

No segundo turno, a posição político-partidária foi mais definida e consensual e com a disputa entre Collor e Lula, um a direita e outro a esquerda, os pastores pentecostais optaram por Collor já que temiam a implantação de idéias comunistas representadas segundo eles, por Lula. Mariano e Pierucci (1996) relatam que os pastores se envolveram na campanha sem poupar esforços e argumentos para promover o candidato da direita e atacar o adversário esquerdista, mas por outro lado, ressaltam que Lula teve apoio pequeno de igrejas históricas, o que levou à articulação do que chamam de esquerda evangélica, composta por um grupo de simpatizantes com orientação progressista. Os autores citam que se forem analisadas manifestações de campanha eleitoral, o apoio dos protestantes foi pequeno, mas dos pentecostais foi menor ainda já que os que apoiaram a candidatura petista tiveram que vencer resistências internas, uma vez que foi espalhado um boato no meio pentecostal de que Lula seria perseguidor dos evangélicos por ser comunista e ateu e se eleito Lula acabaria com a liberdade dos evangélicos, perseguindo-os, além de atitudes como, por exemplo, transformar templos religiosos em creches, escolas ou supermercados. De outro lado, os evangélicos apoiadores de Collor defendiam uma postura anticomunista e

antiesquerdista e opinavam quanto ao voto dos fiéis. “O medo do comunismo como principal fator mobilizador do voto pentecostal anti-Lula foi oportunamente percebido e astutamente manipulado pelo *staff* collorido.” (MARIANO e PIERUCCI, 1996, p. 202).

Conforme os autores, na campanha de 1989 foi criada entre os evangélicos uma “[...] atmosfera propícia à manipulação apocalíptica, um terreno fértil para o desenvolvimento de uma lógica paranóica.” (MARIANO e PIERUCCI, 1996, p. 208). Segundo eles, o clima geral da sociedade era de comoção, mas ressaltam que o pânico religioso diante da candidatura de Lula pareceu sem propósito e mostram o depoimento de um pastor da Universal e deputado estadual (PSD/SP), Paulo De Velasco, segundo o qual, sua adesão à campanha de Collor se deu em razão da ameaça a liberdade religiosa.

‘Porque a Igreja católica é que estava apoiando o Lula, e nós sabemos que a Igreja católica é uma igreja imperialista, sob o ponto de vista de acreditar que só ela detém direitos’ (entrevista concedida em 20/5/92). (MARIANO e PIERUCCI, 1996, p.208).

Outro ponto de preocupação dos evangélicos e dos pentecostais, em particular, foi a aliança entre o PT e a Igreja Católica para chegar a Presidência da República que significava mais uma desqualificação ao partido, além de ser de esquerda: motivos, portanto, para não votar em Lula e segundo Mariano e Pierucci (1996), o temor pela perda da liberdade religiosa chega a tal ponto que os evangélicos fazem na época, o que chamam de diagnósticos mirabolantes de determinadas conjunturas políticas matriciais da jovem democracia brasileira. Os evangélicos acreditam que “[...] a categoria liberdade religiosa é central na interpretação que fazem da vida política, essencial na motivação que alegam para este seu recente, orquestrado ingresso na competição política.” (MARIANO e PIERUCCI, 1996, p. 209).

A defesa da liberdade religiosa é uma boa bandeira para a atuação evangélica na política, mas os autores destacam que durante os 20 anos de ditadura militar no Brasil, não houve reclamação dos evangélicos por falta de liberdade, seja de expressão, de imprensa, sindical, de associação política, liberdade de consciência, de pensamento. “A hierarquização das liberdades é sempre um ato arbitrário; valorizar absoluta e cegamente uma delas, em detrimento das outras, pode dar num desastre.” (MARIANO e PIERUCCI, 1996, p.210).

3.4 Anos 90: cresce a atuação federal da IURD

O ano de 1990 marca o aumento do número de deputados federais eleitos com o apoio da Universal, mas com relação à eleição de vereadores, em 1988, foi eleito em São Paulo, o primeiro vereador apoiado pela IURD. E voltando aos deputados federais, no total dos evangélicos, foram eleitos, em 1990, 23 deputados, nove a menos que em 1986 e Freston (1993) diz que os protestantes foram eleitos, em média, com 30 mil votos a menos comparados aos votos recebidos em 1986 e dos evangélicos constituintes, 28 candidataram-se à reeleição e destes 11 se reelegeram e outros seis deputados ficaram como suplentes. Especificamente com o apoio da Universal, foram eleitos três deputados federais: dois do Rio de Janeiro e um da Bahia e seis deputados estaduais. Em 1994, a denominação elegeu 14 deputados, sendo seis federais e oito deputados estaduais nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Em 1998 a IURD apoiou a candidatura de 67 pessoas sendo 27 para deputado federal e 40 para deputado estadual e foram eleitos 44 candidatos: 18 federais e 26 estaduais.

Durante a campanha eleitoral para a eleição para a Presidência da República em 1994, Pierucci e Prandi (1996) citam uma pesquisa do Datafolha que relaciona religião e voto e os dados apresentados mostram que os católicos têm perfil de voto semelhante ao total dos eleitores, mas os católicos carismáticos votavam mais em Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e menos em Orestes Quércia (PMDB) e Leonel Brizola (PDT), enquanto os católicos das Comunidades Eclesiais de Base votavam mais em Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e tinham a menor taxa de votos brancos e nulos. Com relação aos evangélicos, a pesquisa apresentada mostrou que eles votavam menos em FHC e menos ainda em Lula e quem tinha a maior representação no meio era Quércia e se considerados os evangélicos históricos, o apoio a Quércia aumentava. Havia ainda uma boa aceitação pela candidatura de Esperidião Amin (PPR) e a escolha por FHC era a segunda mais baixa. No meio pentecostal, Lula foi o menos citado entre todos os grupos religiosos e eles votavam também em Quércia, assim como os históricos. Outro ponto relevante da pesquisa foi que os pentecostais apresentavam uma elevada taxa de eleitores indecisos.

A pesquisa mostrou ainda que os espíritas kardecistas tinham preferência por FHC e por Enéias Carneiro (PRONA); Quércia tinha baixa adesão e o número de indecisos foi o menor dentre todas as religiões, já os adeptos de religiões afro-brasileiras preferiam Lula e perdiam apenas para integrantes das CEBs e votavam também em Brizola; FHC tinha o menor índice de votos. Adeptos de outras religiões apresentavam grande número de votos brancos e nulos e preferiam Enéias, enquanto os declarados sem-religião votavam mais em Lula e menos em FHC. (PIERUCCI e PRANDI, 1996, p.228).

Na eleição de 1998, segundo Fonseca (2002), a Universal que foi o elemento de desequilíbrio no meio evangélico em 1994, não adotou uma postura de apoio a

nenhum dos candidatos e ainda criticou o governo de Fernando Henrique Cardoso, por ter sido objeto de investigação pela Receita Federal e pediu perdão ao petista Lula. Conforme o autor, em 1998, a IURD alterou a sua estratégia e chegou a apoiar candidatos de outras denominações e com essa mudança, a gestão de 1999-2002 da Câmara dos Deputados contou com o maior número de evangélicos na história do país e pela primeira vez, a Assembléia de Deus perdeu o posto de primeiro lugar para a Universal que assumiu o papel principal da ação parlamentar evangélica e os pentecostais representaram 65% dos deputados evangélicos, espaço antes ocupado pelos parlamentares ligados a igrejas tradicionais. Até 1987, apenas 5% dos deputados evangélicos eram pentecostais.

Com relação à filiação partidária dos evangélicos, Fonseca (2002) diz que em 2001 o Partido Liberal (PL) contava com 12 deputados e os partidos então governistas como PMDB e PFL tinham 10 deputados evangélicos em cada um e explica que o PL foi fundado por um católico praticante, falecido em 1999 e foi escolhido pelos evangélicos provavelmente porque não contava com um substituto para o líder e estava instalado em todo o país. Segundo o autor, no caso da Universal, o envolvimento com o partido é intenso e líderes da igreja assumiram diretórios regionais, chegando a promover campanhas para aumentar o número de filiados e a expressão do partido.

Atualmente, compondo com o PSL – partido nanico também dominado pela IURD -, o partido forma uma bancada de 27 deputados no Congresso Nacional, o que corresponde a um partido de tamanho médio, representando importante papel na composição das votações. (FONSECA, 2002, p.128).

Outro destaque da legislatura foi o crescimento do número de deputados evangélicos ligados a partidos de oposição e de esquerda. Fonseca (2002) aponta que no início do segundo semestre de 2001, havia 32 deputados em partidos de

apoio ao governo de Fernando Henrique enquanto 25 estavam em partidos de oposição; explica ainda que o processo de mudança para a oposição esteve ligado a três fatores: presença de deputados da Universal na bancada formada por deputados do PL e PSL; o apoio de alguns deputados à candidatura de Anthony Garotinho à Presidência que tiveram contato com PL e PSB e por fim, deputados ligados a movimentos sociais.

3.5 O incentivador e coordenador político da Universal: o ex-bispo Rodrigues

No Partido Liberal (PL), o ex-bispo Carlos Alberto Rodrigues Pinto merece destaque porque acumulou as funções de deputado federal, bispo da IURD e ainda coordenou politicamente a Igreja e assumiu a vice-liderança do partido. O deputado bispo Rodrigues, nasceu em 1957, foi fundador e um dos principais líderes da Igreja Universal, mas foi afastado da igreja pelo Conselho de Bispos em fevereiro de 2004 acusado de envolvimento em corrupção na Loteria do Rio de Janeiro (Loterj) e depois renunciou ao mandato em 12 de setembro de 2005, acusado de ligação no escândalo do “mensalão”.⁰² Com a renúncia, Carlos Rodrigues garantiu os direitos políticos e poderá se candidatar novamente neste ano. Desde o início das investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) criada para investigar se o mensalão existiu ou não, apenas dois deputados federais foram cassados:

⁰² O Conselho de Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus publicou nota no site Arca Universal (www.arcauniversal.com) sobre afastamento do bispo.

"Em respeito à população e por estar comprometido com a verdade e a transparência dos fatos, o Conselho de Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, diante das últimas notícias envolvendo o nome do Deputado Bispo Carlos Alberto Rodrigues, no chamado “Escândalo Waldomiro”, entre outros fatos, vem a público comunicar que o referido deputado foi afastado de suas funções de Bispo da Igreja Universal e da coordenação política da bancada, não mais representando a Igreja como porta-voz. O Conselho de Bispos da IURD afirma estar ciente, através da mídia, do ocorrido com a Loterj e com o Sr. Waldomiro Diniz e exige apuração completa dos fatos para que não paire nenhuma dúvida." São Paulo, 18/02/2004 - Conselho de Bispos da Igreja Universal do Reino de Deus

Roberto Jefferson (PTB/RJ) e José Dirceu (PT/SP) e três deputados foram absolvidos: Romeu Queiroz (PTB/RJ), Professor Luizinho (PT/SP) e Roberto Brant (PFL-MG), o que pareceu à opinião pública mais um caso de pizza, ou seja, caso não resolvido e ninguém mais seria cassado. O Conselho de Ética reagiu e Wanderval Santos (PL/SP), ligado a IURD teve a cassação sugerida e espera o julgamento em plenário, mesmo depois de declarar em depoimento que o seu assessor sacou R\$ 150 mil das contas do publicitário Marcos Valério por ordem do ex-bispo Carlos Rodrigues.

E voltando ao ex-bispo Rodrigues, em 1998, foi eleito deputado federal com 76 mil votos pelo Rio de Janeiro e a Igreja Universal elegeu mais 17 deputados federais na mesma campanha. Em 2002, o ex- bispo foi reeleito com 192.640 votos, a quarta maior votação entre os candidatos a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Desde a primeira eleição, Rodrigues se sobressaiu ante a bancada evangélica de 57 deputados, o que representou, conforme Fonseca (2002), o protagonismo da Universal na questão político-partidária eleitoral e nas negociações com o Executivo.

O início da participação política da IURD se dá em 1982 quando Carlos Rodrigues propõe a Edir Macedo que a igreja lance candidatos a vereador no Rio de Janeiro e apóie a candidatura de Sandra Cavalcanti ao governo do Estado, católica praticante e conhecida por suas posições conservadoras. Evitando que Brizola, considerado comunista, (Justino, 1995) ganhasse as eleições. (FONSECA, 2002, p.139). Rodrigues se tornou coordenador político da Universal e periodicamente se afastava das funções eclesiais para atuar na campanha de candidatos apoiados pela igreja. Em 1986, apenas quatro anos após sugerir apoio a candidatos, a Universal elege Roberto Augusto para a Câmara dos Deputados, um dos fundadores da IURD que se afastou da igreja depois da atuação em Brasília. Carlos Rodrigues

também atuou na expansão da Universal acompanhando o início das atividades em estados como Rio Grande do Sul, Espírito Santo e estados do Nordeste.

O ex-bispo esteve presente na fundação da Universal em outros países como na Argentina e na Espanha e a sua nomeação eclesiástica ocorreu em Portugal. Na África, Rodrigues foi o bispo do continente e atuou na implantação da igreja em países como: Moçambique, África do Sul e Angola, país em que negociou com o partido vencedor das primeiras eleições diretas e conseguiu a concessão de quatro emissoras de rádio e uma de televisão e a preocupação constante desse líder com o uso dos meios de comunicação se deve a sua atuação como radialista. Fonseca (2002) destaca que o ex-bispo sempre se preocupou em ganhar apoio dos evangélicos em geral e não apenas de sua denominação. Estando ele como defensor dos evangélicos conseguiu alterar projeto sobre distância mínima entre templos religiosos e atuou ainda na negociação de artigos da Lei Ambiental que previa multas e prisão para líderes de igrejas barulhentas que não respeitassem a Lei do Silêncio.

O autor explica que Rodrigues analisa a trajetória política da Universal em três momentos: repressão policial, ataques da mídia e aprovação de leis que prejudicassem a igreja. A repressão policial se deu com a prisão e processo de alguns líderes, mas a Igreja sempre foi inocentada na Justiça. Sobre os ataques da mídia em meados de 1990, motivados pelas elites e Igreja Católica, também não tiveram êxito e a Universal continuou a crescer.

Os evangélicos sofreram também com a Lei Ambiental e a Lei do Silêncio em que os parlamentares evangélicos atuaram em defesa de seus direitos. Segundo o autor, a partir da gestão de 1999-2002, houve mudanças na atuação corporativista da Universal, contando com um grande número de parlamentares evangélicos

ligados a movimentos sociais, o que permitiu a abertura de espaço para contrapontos e segundo ele, a situação foi diferente da gestão anterior, quando a maioria dos deputados era ligada a partidos de situação.

Sendo diferente também da Constituinte quando os parlamentares eram representantes das denominações e estavam comprometidos com a atuação corporativa. As opiniões do deputado bispo sobre maior atenção aos pobres e justiça social são compartilhadas com os demais evangélicos, uma vez que a maioria dos seus eleitores tem pouco poder aquisitivo. Outro elemento de mudança, identificado por Fonseca (2002) foi a obediência à autoridade adotada pelos deputados federais e essa postura, conforme o autor, significa uma posição ideológica com base teológica de obediência ao poder constituído. “Nesse ponto, novamente a Universal promove mudança ao defender uma postura de independência.” (FONSECA, 2002, p.147).

O autor analisa também a atuação do ex-bispo Rodrigues como líder da bancada evangélica e segundo ele, pelas observações das votações não foi possível identificar um padrão de ação entre os evangélicos e cita como exemplo a votação de uma lei que proibia o Ministério Público de divulgar aos meios de comunicação informações sobre investigações. Rodrigues e os demais deputados ligados a Universal votaram a favor da lei, indo contra a orientação de outro representante de destaque o deputado Valdemar Costa Neto (PL/SP)⁰³. Conforme Fonseca (2002), a lei não foi aprovada e a oposição saiu vitoriosa pois considerava importante a atuação do Ministério Público no combate à corrupção. O autor explica que não conseguiu detectar em outras votações tamanha união e de forma geral, Fonseca

03 Valdemar Costa Neto renunciou ao cargo de deputado federal em 01 de agosto de 2005 acusado pelo colega deputado federal Roberto Jefferson (PTB/RJ) de envolvimento no “escândalo do mensalão”, ou seja, deputados são acusados de receber dinheiro do governo Lula para votar favoravelmente em assuntos de interesse governamental.

(2002) afirma que a bancada se dividia e de seis a nove deputados votavam com a oposição. Outro ponto curioso é que nem sempre os votos seguiam a orientação do líder da bancada, mas em alguns momentos, houve diferenças, e o autor ressalta ainda que “[...] as exceções existem e são abrangentes, confirmando talvez a liberalidade com que Rodrigues afirma relacionar-se com os deputados eleitos com o apoio da IURD.” (FONSECA, 2002, p. 156).

Conforme Fonseca (2002), outra interpretação que se pode fazer a respeito do fato de que alguns não seguiam as orientações da liderança da bancada é a resistência ao ex-bispo Rodrigues na igreja, o que pode demonstrar que a Universal pode ter facções e talvez até disputas pelo poder. “A diferença dos votos seria, portanto, fruto da diversidade existente na liderança da denominação e expressão de uma relativa pluralidade interna.” (FONSECA, 2002, p. 156).

Questionado por Fonseca (2002) sobre a possibilidade de disputa interna, Rodrigues afirmou não existir “de forma alguma”, mas por outro lado, o autor explica que a união dos liderados do ex-bispo Rodrigues ocorreu em momentos de consenso sobre a ação parlamentar e de modo geral, os parlamentares da IURD estavam liberados para votar como mandava a consciência e seguindo a liderança do partido a que pertenciam.

Um ponto de concordância na Universal diz respeito à fidelidade dos votos dos adeptos e com a garantia de que terá esses votos, a igreja usa estratégia regular e agressiva para eleger os candidatos oficiais. Segundo Fonseca (2002), a escolha dos candidatos da igreja começa pelos Conselhos de Bispos em cada estado e os nomes escolhidos eram enviados ao ex-bispo Rodrigues que eliminava alguns e definia quem e quantos iriam concorrer considerando o quociente dos partidos e número de freqüentadores da igreja, assim os candidatos eram divididos

por regiões. A idéia da liderança era que 70% dos fiéis votavam no indicado da igreja, a próxima etapa seria levar a campanha às ruas e comunidades onde o escolhido atua e depois de eleger os candidatos oficiais, era feita uma avaliação do desempenho dos parlamentares pelo Conselho de Bispos e a Universal definia quem merecia ser novamente apoiado pela denominação, tendo em mãos dados sobre o mandato tais como: frequência, discursos, votações, etc.

3.6 O êxito nas eleições de 2002

No dia seguinte ao primeiro turno, em sete de outubro de 2002, a imprensa noticiou o número de evangélicos eleitos com apoio da IURD: 16 deputados federais e 19 deputados estaduais e os destaques foram a eleição da governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho (PSB) e do senador Marcelo Crivella (PL). Além deles, foram eleitos 7 deputados em São Paulo, 6 no Rio de Janeiro, 2 no Espírito Santo e 3 em Minas Gerais, num total de 18 deputados. Os deputados federais eleitos com apoio da Universal foram: Almeida de Jesus (Ceará), Oliveira Filho (Paraná), Jorge Pinheiro (Brasília), João Paulo (Minas Gerais), Paulo Gouveia (Rio Grande do Sul), Reginaldo Germano (Bahia), Heleno (Sergipe), bispo Wanderval (São Paulo), bispo João Batista (São Paulo), Edna Macedo (São Paulo), Marcos Abrahão (São Paulo), bispo Rodrigues (PL), Arolde de Oliveira (PFL), bispo Vieira Reis (PMDB), pastor Divino (PMDB), bispo João Mendes (PDT), pastor Almir (PL) e Marcos de Jesus (Pernambuco). Para o Senado, além de Crivella, foram eleitos ainda mais três protestantes: Marina Silva (PT-AC), Paulo Octávio (PFL-DF) e Magno Malta (PL-ES).

Em 2002, os evangélicos apoiaram Lula abertamente e criaram a Frente Evangélica Pró-Lula, conforme publicado na imprensa. Durante a campanha para o

segundo turno, a Universal montou uma tropa de choque para agir em todo o país numa operação de guerra, conforme afirmação do ex-bispo Rodrigues, na época vice-presidente do PL e presidente do partido no Rio de Janeiro, Rodrigues lembrou que os pastores foram autorizados a desmentir os boatos de que Lula iria perseguir os evangélicos, fechar igrejas e promover casamentos entre homossexuais e liberar o aborto. Rodrigues comentou que a IURD já havia colaborado para espalhar boatos dessa natureza em campanhas anteriores, como em 1989, quando apoiaram abertamente Fernando Collor de Mello. Segundo ele, os evangélicos tinham receio do candidato petista porque não o conheciam e Lula seria um bom presidente pela luta em favor dos pobres, objetivo também da Universal e os 22 deputados eleitos no primeiro turno das eleições, realizado em seis de outubro, também apoiaram Lula.

Oro (2003 b) explica que José Serra (PSDB), adversário de Lula (PT), empenhou-se pessoalmente na busca de apoio das igrejas Assembléia de Deus e do Evangelho Quadrangular e em 10 de outubro de 2002 recebeu apoio da Convenção Nacional das Assembléias de Deus (Conade) e no dia 16 do mesmo mês foi divulgado o apoio da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil e da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Freston (2002) em artigo publicado no *site* Ultimato (www.ultimato.com.br) analisa os resultados das eleições e diz que foram eleitos 60 evangélicos segundo a imprensa, mas que ele conseguiu identificar 54 deputados federais e quatro senadores e segundo ele, 6 milhões de evangélicos votaram em Lula no primeiro turno.

No segundo turno, dados do Eseb (Estudo Eleitoral Brasileiro) realizado de 31 de outubro a 28 de dezembro com 2.513 entrevistas em todo o país, mostram que

76,2% dos fiéis da Universal declararam voto em Lula e 23,8% disseram ter votado em Serra, a maior porcentagem de votos em Lula entre os evangélicos.

No caso da Assembléia de Deus, a primeira igreja a declarar apoio a José Serra no segundo turno, o tucano teve 42,9% dos votos enquanto Lula teve 54,9% e os votos brancos e nulos foram 2,2%. Outra denominação com amplo apoio a Lula foi a Igreja Batista que registrou 65% dos votos no candidato petista e 35% em José Serra e a Congregação Cristã teve 57,7% de votos em Lula e 34,6% dos votos para Serra, os votos brancos e nulos da Congregação somaram 7,7% do total.

3.7 Homens de Deus na política: a visão da Universal sobre a participação política evangélica

Sob o título, *Homens de Deus na política*, a página oficial da Universal na *internet* traz a visão da igreja sobre o tema e acrescenta que o povo brasileiro está inseguro com relação à política nacional, diante dos sucessivos escândalos que envolvem representantes descompromissados com os eleitores, mas essa posição constava no texto do *site* disponível em 2003, ou seja, antes dos escândalos que envolveram parlamentares da Universal e que levaram a renúncia do ex-bispo Rodrigues. A página explica que a política foi criada pelos gregos na época de Péricles com o objetivo de criar leis igualitárias, mas que nos dias atuais, o que se vê é um distanciamento da idéia original, mas isso não corresponde à realidade dos candidatos da Universal que, segundo a palavra oficial, têm se mostrado dignos da confiança de todo o povo da igreja e também dos que não são seguidores.

Conforme o texto, os homens e mulheres de Deus não se deixam contaminar pela corrupção comum na política e mostram, com atos, a verdadeira ética, uma vez

que o desejo do povo é a isonomia prometida desde os tempos da criação da política, na Grécia. A página traz ainda a preocupação com os problemas sociais do país como justificativa para que os representantes da Universal mostrem que a política é diferente de politicagem e as vitórias aparecem, contrariando a opinião de muitos cristãos, inclusive evangélicos de que a participação política não é benéfica, o que, para a IURD é um julgamento equivocado.

O texto recorre à citação bíblica de 1º Coríntios capítulo 1 versículos de 27 a 29 para explicar o chamado de Deus para que os pastores e os fiéis assumam a representação política e acrescenta que os fiéis estão votando em homens e mulheres de Deus para que a obra possa ter melhores resultados. E termina explicando que o objetivo da IURD foi alcançado no primeiro ano de mandato quando conseguiu a aprovação do Projeto de Lei 1226/87, que transformou a igreja em instituição de utilidade pública e a partir de então, conscientiza os seus membros a participarem das eleições e elege candidatos empenhados na luta pelas causas do povo de Deus.

A Universal afirma que desde 1990 elege deputados com quantidade expressiva de votos estando a participação da igreja em todos os níveis, seja nas Assembléias Legislativas, seja nas Câmaras Municipais e na Câmara Federal. Conforme as palavras oficiais, os quatro anos de mandato de um político evangélico são de muita luta, uma vez que não é tão simples conciliar fé e política. “Fé é a certeza das coisas que não se vêem, enquanto que a política é a arte do entendimento, da conversa e dos acordos” e continua explicando que a conciliação de temas tão distintos não é fácil e apenas os comprometidos com as causas evangélicas conseguem fazer essa conciliação e apesar das dificuldades, a maioria

dos políticos da Universal cumpre mais de um mandato, servindo não somente aos interesses da igreja, mas de todo o povo evangélico.

E entre os exemplos mais expressivos de representantes da IURD, conforme a palavra oficial do *síte*, estão o agora ex-Bispo Carlos Rodrigues e o senador Marcelo Crivella. Afirma que Rodrigues foi um dos pioneiros na Universal, ajudando a implantar a igreja em outros países como já afirmado anteriormente e como coordenador político colaborou para a conscientização dos evangélicos sobre a participação nas decisões que podem mudar os rumos do país. O texto encerra elogiando-o e o classificando como “lutador incansável na defesa da causa evangélica” que tem contribuído para derrubar o que consideram leis injustas e preconceituosas.

No caso do senador Marcelo Crivella, o texto explica que pensar em política sem ele é impossível, uma vez que é o responsável pelo Projeto Nordeste, “um dos programas sociais mais importantes e inovadores do Brasil”, sendo o seu grande sonho implantar o projeto a todo o país. Depois de breve histórico sobre o senador, formado em Engenharia Civil e que viveu por sete anos na África, o texto afirma que Crivella trouxe a experiência de vida e evangelização ao Brasil e aceitou o desafio de implantar o sistema de irrigação usado nos kibutz em Israel, na cidade de Irecê, na Bahia, que passou então a oferecer água e qualidade de vida aos seus moradores.

3.8 Os evangélicos na política de Marília: Luis Jorge, pastor e vereador

Luis Jorge Pereira Pontes, pastor da Igreja Universal foi eleito vereador da Câmara de Marília em 2000 para o mandato de 2001 a 2004 e foi o candidato mais votado: recebeu 2.426 votos. Marcos Camarinha (PPS), o segundo colocado teve 1.858 votos, ou seja, o pastor obteve 568 votos a mais e do total de 27.956 votos dados aos 21 vereadores que se elegeram, o número de votos do pastor correspondeu a 8,67%. O partido de Luis Jorge na época era o Partido Social Trabalhista (PST) e o pastor foi o único candidato do partido a se eleger na cidade.

No dia dois de outubro de 2000, dia seguinte a eleição, os dois jornais que circulam diariamente na cidade deram atenção especial ao assunto e destacaram a eleição do pastor como o primeiro colocado. Na tentativa de compreensão da atuação de Luis Jorge, é preciso voltar à campanha eleitoral do ano 2000 para eleições de vereadores e prefeitos em todo o país. Como ocorre em campanhas eleitorais, representantes de diversos segmentos sociais se candidatam em busca de representatividade nos legislativos municipais, podemos citar exemplos de vereadores que representam deficientes físicos, visuais; sindicatos dos mais diversos setores; associações de moradores; vendedores ambulantes entre outros.

Em Marília, é possível encontrar, por exemplo, vereador que defende determinada região da cidade, classe profissional ou mesmo representante de denominações religiosas. E antes mesmo do pastor Luis Jorge, a Igreja Universal teve uma representante na Câmara: Cleuza Pontes da Silva que atuou de 1997 a 2000. Na atual legislatura, que vai até 2008, apenas a vereadora Sonia Tonin é evangélica, sendo ligada a Igreja Batista.

Além do pastor Luis Jorge, mais dois evangélicos⁰⁴ foram eleitos vereadores em 2000: Luis Carlos Silva (PPS), ligado a Igreja Batista e José Menezes (PSDB), ligado a Igreja Assembléia de Deus foi eleito para o segundo mandato.

Antes dos evangélicos, a cidade teve um representante católico, um monsenhor eleito vereador entre os anos de 1948 e 1951 como integrante do PSP (Partido Social Progressista) e depois de 1952 a 1955 transferiu-se para a UDN (União Democrática Nacional), fundada em 1945. Já o PSP surgiu da união entre o Partido Republicano Progressista, criado por Adhemar de Barros, o Partido Nacional Agrário e o Partido Sindicalista na mesma época. Trata-se do Monsenhor Luiz Otavio Bicudo de Almeida ou apenas Monsenhor Bicudo.

Nascido em Itu, foi presidente da Câmara entre os anos de 1951 e 1954 e era considerado “padre de ação social”, humilde e caridoso. Segundo informações dos arquivos da Câmara, o monsenhor foi responsável pela fundação do roupeiro Santa Rita, albergue noturno, escola noturna de adultos, jardim de infância juventude católica e asilo São Vicente de Paula. Esteve presente ainda na instalação do bispado em Marília e foi um dos fundadores do Ginásio São Bento e um dos primeiros professores do Ginásio Estadual. O monsenhor morreu em agosto de 1960, em Munique, na Alemanha, durante a realização de Congresso Internacional Eucarístico.

⁰⁴ Conforme Paul Freston (1993) “Evangélico” é a identificação que une e permite ações conjuntas; e o nome denominacional (“batista”, “metodista”, etc) é a identificação que diferencia e justifica a existência de organizações múltiplas. Maria Lúcia Montes (1998) diz que é difícil delimitar com precisão a categoria “evangélico”. A autora explica que o termo engloba um número importante de igrejas com grande diversidade organizacional, teológica e litúrgica.

Mas nas eleições de 2000, segundo dados do *site* do Tribunal Regional Eleitoral (www.tre-sp.gov.br), Marília teve 304 candidaturas de 18 partidos diferentes e o PST, legenda do pastor, teve 21 candidatos e nas eleições de 2004, o PST foi absorvido pelo Partido Liberal (PL), partido pelo qual Luis Jorge tentou a reeleição e que teve 10 candidatos a vereador e fez coligação na cidade com o PPS (Partido Popular Socialista).

No resultado final, o pastor teve 1.458 votos, ou seja, 968 votos a menos do que em 2000 e não conseguiu se reeleger, conseguindo apenas votos suficientes para ocupar a primeira suplência do PL. Acredita-se que a não reeleição ocorreu por duas razões: o número de vereadores das câmaras municipais de todo o país foi reduzido e em Marília o número passou de 21 para 13 parlamentares e a segunda razão foi o chamado coeficiente eleitoral, ou seja, na coligação do PL com o PPS foram reeleitos para o segundo mandato os já vereadores José Carlos Albuquerque com 1.848 votos e Marcos Camarinha com 2.234 votos, os dois do PPS e em 2004, Marília teve 294 candidatos a vereador, sendo 206 homens e 88 mulheres. Se compararmos ao exame vestibular, seriam 22,6 candidatos por vaga.

Os números oficiais do TRE mostram que em 2004 o pastor teve praticamente o mesmo número de votos nas duas zonas eleitorais em que a cidade está dividida, com apenas dois votos a mais em uma delas, ou seja, 730 votos na 400^a zona que inclui as áreas das zonas norte e leste e 728 votos na 70^a zona eleitoral que abrange as zonas sul, oeste e o centro.

3.9 As campanhas eleitorais de 2000 e 2004

Para entender como foi a primeira campanha eleitoral que o pastor participou, pesquisamos em jornais locais publicações de 2000 e encontramos um “santinho”

publicado em que aparece a frase “Fé para mudar!”, mas em 2004 esse tipo de divulgação da candidatura não ocorreu. Oro (2003 a) afirma que o *slogan* dos candidatos da IURD na campanha eleitoral de 1998 foi “Fé para mudar” e que o voto para os fiéis da Universal tem um sentido quase-religioso, uma vez que a política deve ser libertada dos demônios. (Oro, 2003 a, p.106). Em Marília, o Jornal da Manhã foi usado de abril a setembro de 2004 para publicação de mensagens da IURD e em especial da Sessão do Descarrego, a Rádio Aleluia foi ao ar no período entre agosto de 2004 e janeiro de 2005, mas sem fazer qualquer referência ao candidato ou às eleições. Antes de publicar mensagens sobre a igreja, foi publicado um texto de meia página no Jornal Diário de cinco de junho de 2004 sobre o trabalho da ABC. Especificamente no período de campanha, os recursos mais visíveis utilizados pelo pastor em 2004, podemos citar, a pintura de muros em várias regiões da cidade, uso de carro de som⁰⁵ e carreata.

Durante a campanha, dia 26 de setembro de 2004, houve uma concentração⁰⁶ chamada de “Grande concentração de fé e milagres aos pés da cruz”, na área lateral ao templo central da IURD, na rua Maranhão, que foi interditada. A reunião teve um momento de oração no interior do templo e depois, na rua, aos pés de uma grande cruz de madeira, Luis Jorge, acompanhado do prefeito na época, Abelardo Camarinha pertencente ao PMDB e hoje PSB e do candidato a vice-prefeito, Luis Nardi do PPS. O pastor falou aos fiéis presentes, havia ao redor da concentração faixas de apoio a sua candidatura, em nome do deputado bispo João Batista (PFL/SP), que responde como presidente da IURD, detido em julho de 2005 pela Polícia Federal, em Brasília, quando transportava cerca de R\$ 6 milhões.

⁰⁵ E entre as músicas utilizadas na campanha está: “Quero falar, preste atenção, pastor Luis Jorge para o bem da população”.

⁰⁶ Noticiada pelo Jornal da Manhã dos dias 22 e 26 de setembro.

Fonseca (1996) afirma que a Universal promove concentrações durante a campanha eleitoral com a participação de caravanas de fiéis e a presença certa dos candidatos oficiais que têm oportunidade de se apresentar num momento de confraternização, comício e *show gospel*. Em Marília, estava programada a participação da dupla Adilson e Robson, cantores de músicas evangélicas, mas conforme o funcionário da ABC, José Antonio Domingues, o carro de som não foi providenciado pela Prefeitura e a apresentação não ocorreu, o que deixou os fiéis desapontados e a organização do evento preocupada com as possíveis repercussões negativas.

Campanha eleitoral conta ainda com comícios, concentrações em bairros populares para a apresentação dos candidatos e de seus objetivos que têm como atrativo a presença de artistas, geralmente cantores de projeção local ou regional. A coligação partidária chamada “Marília no Rumo Certo” que elegeu o atual prefeito Mário Bulgareli (PSDB) e da qual o pastor fez parte, realizou uma concentração no dia 30 de setembro de 2004, último dia permitido pela Justiça Eleitoral para a realização dessa atividade. O comício da coligação dos partidos PSB, PMDB, PL, PPS e PSDB foi na rua Fernando Botelho Vilela, no bairro Nova Marília, zona sul da cidade, mas o pastor Luis Jorge não compareceu ao comício. Segundo o pastor, os comícios são oportunidades para prometer e o que interessa, para ele, é fazer, uma vez que a população está cansada de promessas que dificilmente se cumprem.

Conforme nos relatou José Antonio Domingues, funcionário da ABC, presente no local do comício, o pastor optou por uma campanha direta, chamada corpo a corpo, ou seja, estava visitando as casas e não esteve nos comícios, ainda segundo o funcionário, conversas informais entre a população apontavam que a reeleição do pastor era dada como certa.

3.10 Projetos e leis do pastor Luis Jorge

E para garantir a reeleição, Luis Jorge apresentou inúmeros requerimentos e projetos de lei que foram aprovados e transformados em leis. Em consulta ao *site* da Câmara de Marília (www.camar.sp.gov.br) é possível observar que os projetos e requerimentos do pastor se referem a assuntos comuns do cotidiano da cidade como iluminação pública, limpeza de ruas, instalação de telefones públicos, instalação de pontos de ônibus, policiamento em bairros entre outros temas que envolvem a administração de qualquer cidade.

O pastor também participou de comissões internas da Câmara como presidente da comissão de finanças, orçamento e servidor público entre 2001 e 2002 e ainda como suplente na comissão de ecologia e meio ambiente no mesmo período. No biênio 2003/2004, Luis Jorge foi membro da comissão de finanças, orçamento e servidor público que passou a ser presidida por Amadeu de Brito (PMDB) e continuou como suplente na comissão de ecologia e meio ambiente.

Estão disponíveis também no *site* informações básicas sobre os projetos e leis propostas pelo pastor e especificamente sobre religião, pode-se consultar o projeto 172/2002 transformado em lei 5.421/2003 que trata de desconto de 50% da tarifa mínima de utilização de água e esgoto para os imóveis dos templos de qualquer culto, de entidades de assistência social, ainda que o imóvel onde os mesmos estejam instalados sejam alugados.

O projeto de Lei Complementar 7/2003 que concedeu isenção de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) aos templos, instituições de assistência social e outros.

Em 2004, o pastor apresentou ainda um projeto, aprovado pelos vereadores, para isentar crianças de até 10 anos do pagamento de passagem nos ônibus municipais do transporte coletivo urbano e a lei 5.661/2004 não chegou a entrar em vigor na época, uma vez que a empresa de ônibus responsável pelo serviço, conseguiu uma liminar na Justiça para o não cumprimento, mas segundo ele mesmo relatou, a liminar foi cassada, portanto, a lei deveria estar vigorando.

Além do *site*, tivemos acesso a cópias de leis e projetos apresentados pelo pastor e em análise do material fornecido pela Câmara, com autorização do atual presidente, Herval Seabra (PMDB), verificamos que em 2002, segundo ano de mandato, Luis Jorge teve apenas dois projetos transformados em leis, os quais estão ligados direta ou indiretamente a sua atividade religiosa, que são: a lei 5.207 que considera a ABC de utilidade pública; a lei 5.404 que trata da visita de religiosos a hospitais, já o projeto 533/2003 em que solicita transporte coletivo gratuito a ministros religiosos, não foi aprovado.

Além da religião, o pastor apresentou projetos em sua maioria, ligados à educação e saúde e depois ligados a temas como habitação, transporte, datas e sobre a defesa da moral, assim como fez a bancada evangélica na Constituinte e apresentou as leis 6.162 e 6.163 que tratam da exposição de revistas e cartazes pornográficos em bancas de jornal.⁰⁷ Com relação a leis sobre datas comemorativas encontramos a lei 5.676 do Dia da Dona de Casa, a lei 5.687 do Dia Mundial pela Defesa da Cidadania e a lei 5.691 que criou o Dia do Presidente de Bairro.

Leis sobre educação e saúde foram a maioria das leis aprovadas, conforme apontado anteriormente. Em 2001 Luis Jorge teve aprovadas três leis ligadas à educação: a lei 5.034 sobre educação sexual, a lei 5.518 que trata de auxílio a

⁰⁷A bancada evangélica na Constituinte trabalhou pela defesa da família e não aprovação de leis ligadas a pornografia, casamento homossexual, legalização do aborto, etc.

estudantes carentes e a lei 5.269 que veda ao empregador criar obstáculos ao empregado que freqüentar a escola.

Especificamente sobre este projeto, o jornal Folha Universal de 15 de junho de 2003, na coluna Palanque, página 5-B, trouxe uma nota sobre o projeto do pastor e no texto, explica que os empregadores costumam criar obstáculos e usar de formas sutis para impedir que o empregado freqüente a escola, principalmente quando há a necessidade de extensão do horário de trabalho, ou seja, mais de oito horas diárias. Em 2003, mais três leis ligadas à educação foram aprovadas: lei 5.846 sobre paternidade responsável, planejamento familiar, lei 5.783 sobre vagas para crianças especiais nas creches e a lei 6.118 que trata de cursos de formação familiar e em 2004, último ano do mandato de Luis Jorge, foram aprovadas duas leis sobre educação: lei 5.205 sobre Semana de alerta a incêndios e a lei 5049 que criou Semana da Família.

Outro tema presente nas leis de sua autoria foi a saúde, quando em 2003, quatro foram aprovadas: a lei 5.959 que trata do atendimento especializado a pessoas carentes, a lei 6.084 sobre a proteção para crianças com Aids, a lei 6.192 sobre casas para portadores de HIV e doentes renais crônicos e ainda a lei 6.161 sobre a identificação de mães e recém-nascidos.

No último ano de mandato, dois projetos foram transformados em lei: a número 5.464 que priorizava o atendimento nos postos de saúde para idosos e crianças e a lei 5.867 sobre a campanha de conscientização contra a dengue. Os direitos do consumidor também aparecem nas leis propostas pelo pastor, como a lei 5.804 que criou a disciplina escolar Direitos do Consumidor, a lei 5.735 que obrigou os postos de combustíveis a explicitar taxas de juros nas vendas a prazo, a lei 5.642 em que os supermercados foram obrigados a afixar os preços da cesta básica e

ainda lei 6.160 sobre o oferecimento de informação ao consumidor da redução de juros para pagamento antecipado.

Em entrevista concedida em seu gabinete, dia 23 de novembro de 2004, Luis Jorge revela que nos quatro anos de mandato, apresentou mais de 100 projetos e destes, cerca de 50 foram aprovados e transformados em leis. Através de cópias fornecidas pela Câmara, foi possível identificar 51 projetos aprovados: 02 em 2001, 03 em 2002, 14 em 2003 e 32 em 2004, último ano de seu mandato, percebemos um aumento significativo do número de leis aprovadas se comparado aos dois primeiros anos em que atuou como vereador. Os projetos não aprovados foram: 02 em 2001, 03 em 2002, 13 em 2003 e 27 em 2004. Citou ainda o projeto de isenção de passagem para crianças de até 10 anos, como sendo um dos mais importantes de sua gestão.

Segundo ele, o projeto atende a necessidade das crianças no acesso a escolas, biblioteca, igreja e revelou ainda que alguns pais deixam seus filhos em casa por não terem como pagar passagem. Em casa, argumentou que as crianças estão sujeitas a riscos como acidentes domésticos ou assaltos. Destacou ainda o Projeto de Lei número 39/2001 transformado em Lei número 5.034/2001 que implanta na grade curricular das escolas da rede municipal orientação sexual, para crianças de 7 a 10 anos. O pastor acredita que a orientação adequada pode servir de base para uma vida sexual sadia, de forma correta, não brutal. Segundo ele, a orientação deve ser abordada na escola e em casa.

No ano de 2004, a Prefeitura enviou projeto à Câmara para autorização de verba à ABC que recebia R\$ 1.500,00 mensais para o desenvolvimento dos seus objetivos sociais, conforme lei 5.774/2004.

O pastor é responsável também pela lei 5.846/2004 que trata de programa de incentivo à paternidade responsável, planejamento familiar, regulação de fertilidade e liberdade individual de concepção da mulher. Além dos projetos, foi autor de inúmeros requerimentos e entre os destacados por ele, durante entrevista, estão: requerimento para que a CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz) instalasse escritório de atendimento à população no centro da cidade, pedido ao Banco Santander Banespa para a ampliação do número de caixas eletrônicos na agência central, destacou ainda a sua participação como presidente da comissão de vereadores que foi a São Paulo, pedir a duplicação da rodovia SP 294 (Comandante João Ribeiro de Barros) no trecho entre Marília e Bauru, segundo ele, foram recebidos pelo secretário estadual de transportes e pelo governador. Acredita, portanto que graças ao trabalho da comissão, os recursos foram liberados e o primeiro trecho da duplicação, que vai de Marília a Garça, já foi concluído.

3.11 A relação do pastor com seus eleitores, comunidade evangélica e população em geral

Diante de tantos projetos e leis aprovadas sobre diferentes assuntos, como analisar a relação do pastor com a comunidade de Marília e a comunidade evangélica, em especial? Segundo dados da pesquisa do Conselho de Pastores e Seminário de Evangelização da América Latina (Sepal) em 2003, este grupo representava cerca de 8% da população, podendo chegar a 12%, ou seja, 20 mil marilienses, conforme informações do pastor Amauri Marcelo Barboza, da Igreja Batista Independente e presidente do Conselho de Pastores, em entrevista por telefone realizada dia 25/11/2004. Amauri Barboza disse ainda que Marília tem 158

templos concentrados na zona sul e centro da cidade e segundo ele, esses números não incluem os Mórmons, a Igreja Universal, a Igreja Adventista, as Testemunhas de Jeová e a Congregação Cristã, denominações que não participam do Sepal.

Um dos caminhos possíveis de análise pode estar na idéia do clientelismo e assistencialismo em que o pastor se torna mediador em favor das reivindicações e sugestões entre eleitores/fiéis e o Poder Público local. Para entendermos estes conceitos presentes na vida política do Brasil, apresentamos as contribuições de três autores sobre o assunto: Fonseca (1996) que trata especificamente do modo de fazer política da Universal, Kuschnir (2000) que apresenta reflexões sobre o trabalho de atendimento à população feito por uma vereadora do Rio de Janeiro e Carvalho (1997) que analisa os conceitos de mandonismo, coronelismo e clientelismo ao longo da história do país.

Fonseca (1996) explica que o clientelismo é um dos aspectos do coronelismo surgido no meio rural, onde a figura do coronel é central na vida política dos eleitores, para o autor, nas cidades, o clientelismo muda, uma vez que não existe a presença do coronel como controlador da vida política do eleitorado, podendo o eleitor escolher entre várias opções, como usar seu voto para alcançar os benefícios imediatos ou votar conforme a determinação de uma coletividade.

Carvalho (1997) faz uma análise conceitual de mandonismo, coronelismo e clientelismo. O mandonismo, segundo ele, é uma característica da política tradicional e não um sistema. Ocorre quando alguém considerado um mandão, um chefe, por deter a posse da terra, exerce domínio pessoal e arbitrário sobre a população, impedindo o livre acesso ao mercado e à sociedade política. O coronelismo, conforme o autor, teve início na Primeira República que durou de 1889 a 1930 caracterizando-se como sistema político baseado em barganhas entre o governo e

os coronéis que recebiam dos governos estaduais poder para a escolha desde de delegados até a professora primária; assim o coronel apoiava com os votos de seus aliados os governadores apoiavam o Presidente da República, em troca do reconhecimento pelo domínio exercido nos estados. Para o autor, o coronelismo acabou em 1930 com a prisão de grandes coronéis baianos e se extinguiu totalmente em 1937 com a implantação do Estado Novo e a derrubada de Flores da Cunha, o último dos grandes coronéis gaúchos. Carvalho (1997) explica que o clientelismo se dá quando ocorrem relações entre atores políticos na concessão de benefícios como empregos, isenções e benefícios fiscais em troca de apoio, ou seja, de votos. Diferentemente do coronelismo, o clientelismo não apresenta a figura do coronel, uma vez que ocorre entre os políticos e a população.

Kuschnir (2000) explica que termos como mandonismo, coronelismo, patrimonialismo e clientelismo são alguns dos conceitos utilizados para classificar a política no Brasil, acabam apontando para o atraso e inferioridade das práticas políticas do país. Mas ainda segundo ela, estas características, quando são comparadas ao modelo ideal de política que é encontrado em países desenvolvidos como os da América do Norte e da Europa, onde existe um sistema de representação de interesses, multipartidarismo e liberalismo. Já no Brasil e América Latina, o que se vê, segundo a autora, é o Estado no papel de distribuidor de recursos e bens públicos em troca de votos e apoio. Para a autora, o clientelismo é um problema do ponto de vista democrático, uma vez que o eleitor se identifica como beneficiário de um político influente e não como trabalhador, cidadão ou integrante de um grupo e mais: o eleitor acredita que essa relação seja positiva e legítima. A autora diz ainda que o clientelismo é uma prática perversa no sistema democrático, sobre o qual se baseiam as instituições políticas do país e aponta que

muitas mazelas se devem a não percepção de direitos e deveres da cidadania por parte da população e dos políticos. Considera nocivos os que promovem relação de solidariedade vertical com os eleitores e ignoram práticas de organização e reivindicação de demandas coletivas da cultura cívica. (KUSCHNIR, 2000, p.140-141 e 143).

Em texto citado por Fonseca (1996), Kuschnir diz que quando há o atendimento de demandas, o político torna-se assistencialista, é visto como benfeitor, ou seja, a ação do político é marcada por relação pessoal com os eleitores, identificados individualmente a partir de grupos locais que sustentam o candidato, explica também que esse estilo de fazer política traz um problema que é a dificuldade de sustentação do mandato por várias legislaturas, uma vez que o voto torna-se objeto de barganha. A Universal, desde a Constituinte, não tem encontrado problemas para manter e ampliar o contingente de vereadores, deputados estaduais e federais apoiados pela denominação e um dos possíveis motivos para o sucesso eleitoral da IURD está no uso da estrutura hierarquizada da igreja aliado ao uso intensivo da mídia: jornal, televisão e rádio. É o que Oro (2003 b) chama de carisma institucional, uma vez que os eleitores votam em homens de Deus, com a missão de afastar o mal do meio político e não apenas por dever de cidadão. Parte do sucesso da igreja também está no apoio a candidatos que devem ter qualidades pessoais e atuem na mídia iurdiana.

Esses pastores geralmente estão envolvidos nas obras sociais da igreja, como a ABC⁰⁸ e são escolhidos pela cúpula dirigente, seja regional, estadual ou nacional pelo carisma que apresentam. Para Weber (2002), carisma é

[...] uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. 'Autoridade carismática',

⁰⁸ Em entrevista, o pastor afirmou que a escolha de seu nome para candidato a vereador se deu a partir da comunidade em razão de seu trabalho na entidade.

portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido à sua crença na qualidade extraordinária da *pessoa específica*. (WEBER, 2002, p.207).

No caso do pastor Luis Jorge, enquanto representante do poder público municipal, procurou atender as demandas da comunidade não apenas na Câmara com requerimentos e leis, mas principalmente, através da ABC, quando promoveu ações nos bairros como a distribuição de alimentos, atendimento médico e oferecendo cursos profissionalizantes para pessoas carentes. A ABC de Marília manteve sede na Avenida Durval de Menezes, 851 e realizou atividades externas em bairros carentes da periferia da cidade.

A entidade foi considerada de utilidade pública em 2002 graças a uma lei de autoria do pastor. Contava com um centro de recuperação de drogados que atendia, conforme o responsável na ocasião, José Antônio Domingues; 12 internos, tinha ainda salas de aula para cursos de informática, sala para alfabetização de adultos, pintura em tela, artesanato e para curso de cabeleireiro e manicure. A ABC recebeu em 2004 uma ambulância com equipamentos, inclusive balão de oxigênio e conforme informações do funcionário, o veículo foi conseguido através de deputado federal cuja esposa é responsável pela Sociedade Pestalozzi, também ligada a IURD, mas no exterior do veículo, constava que foi adquirido com recursos do governo federal.

O pastor explicou em entrevista, por *e-mail*, que a ABC encerrou as atividades por ordem da direção da Igreja. Ele disse ainda que fazer a obra social sem apoio governamental é muito difícil e segundo nos informou, a Prefeitura não dispõe de recursos para continuar a manter parte das despesas da entidade.

Acompanhamos uma atividade externa da ABC realizada em 15 de agosto de 2004, domingo, às 14h, na Rua Joaquim Ferreira Évora, em frente ao número 873,

Jardim Eldorado, zona oeste de Marília. A proprietária da casa disse que freqüenta a igreja da área central da cidade e segundo José Antônio Domingues, cerca de 500 pessoas foram atendidas com serviços como: atendimento médico e corte de cabelo, mas houve também distribuição de sopa, cachorro quente, leite e roupas arrecadadas pela entidade. O pastor compareceu ao local, mas permaneceu apenas por alguns minutos, coordenando a organização dos atendimentos e mostrando onde as pessoas deviam ser atendidas e quais os procedimentos para cadastrar interessados em receber as doações. Durante o tempo de observação, não vimos alusão direta à candidatura do pastor à reeleição e o que sugeria a sua candidatura eram muros pintados em casas próximas. Uma faixa da ABC foi colocada no portão da casa, mas não haviam pessoas com material de campanha no local, apesar da campanha eleitoral estar em vigor.

Diante da observação da postura do pastor na atividade, é possível concordar com Fonseca (1996) quando diz que enquanto assistencialistas, os pastores da Universal, agem como intermediários entre a igreja, os fiéis e seus líderes - e as instâncias públicas. Luis Jorge não se dedicou apenas ao público evangélico ou iurdiano, uma vez que esteve presente em comissões de trabalho, como por exemplo, na reivindicação ao governo estadual para a duplicação da rodovia Marília-Bauru, citada durante entrevista. E diversos outros assuntos do cotidiano da sociedade local como alguns voltados à saúde, educação, planejamento familiar, citados por ele.

3.12 O pastor no cargo de vereador nas sessões da Câmara

Observações também relevantes para a compreensão do trabalho do pastor foram as sessões da Câmara, onde pudemos acompanhar mais de perto o seu trabalho cotidiano enquanto vereador. As sessões observadas foram no período de março a novembro de 2004, às segundas-feiras, às 17h, abertas ao público. Na Câmara, vimos o comportamento do pastor diante dos demais vereadores e da população, uma vez que as sessões foram transmitidas pela Rádio Dirceu AM. Luis Jorge votou sempre com os vereadores de situação, maioria, ou seja, apoiou projetos e leis de interesse do Executivo, mas no início do mandato, segundo informações de Rui Albano, presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade até 2005, o pastor tentou articular com os demais vereadores para ser o presidente da Câmara e não conseguiu apoio suficiente, o que, segundo o entrevistado, o fez permanecer por curto período de tempo na oposição ao então prefeito, Abelardo Camarinha (PMDB).

Durante o período de observação, o pastor não ocupou a tribuna nenhuma vez para falar no pequeno expediente, período de 10 minutos, em que os vereadores podem tratar de seus assuntos. Apenas no dia 15 de março de 2004, falou sobre o requerimento número 365/2004 do vereador José Menezes, ligado à igreja Assembléia de Deus em que o assunto era *Moção de repúdio à aprovação, pela Câmara de Deputados, no último dia 12 de fevereiro, do fim da pena de prisão para os usuários de drogas, o que permite um abrandamento perigoso quanto à questão das drogas, deixando nas mãos do juiz, em vez da polícia, a função de definir se o caso é de tráfico ou de “consumo pessoal”*. O requerimento foi aprovado, mas teve cinco votos contra sendo o pastor favorável. Ele falou por alguns minutos

na tribuna e citou o seu trabalho na recuperação de drogados mantido pela ABC desde 2000 em parceria com a Prefeitura e da importância da assistência aos jovens, futuro do país, uma vez que, segundo ele, as drogas destroem vidas e famílias. Nas sessões seguintes, chegou a se inscrever no pequeno expediente, mas não falou.

Outro ponto marcante do comportamento foi o não envolvimento em discussões, demonstrando estar tranquilo durante as sessões e falando pouco, mesmo em ocasiões em que ocupou a primeira secretaria ou até a presidência da casa, procurou manter o equilíbrio e o bom senso entre os colegas, exemplo disso foi numa sessão em que presidiu os trabalhos por algum tempo, onde havendo discussão entre os vereadores Pedro Pavão (PP), da oposição e Roberto Monteiro (PMDB), líder do Executivo na Câmara na época, intervindo apenas para pedir que não discutissem durante as votações. Na entrevista em seu gabinete, justificou a postura dizendo que “Deus não ouve gritos vazios”, preferindo agir a ficar debatendo. E sua forma de ação foi através da apresentação de requerimentos e projetos de leis.

Afirmou ainda que buscava experiência e contato com a população que trazia idéias para apresentação de projetos, assim acredita ter sido um dos vereadores que mais apresentou projetos, no período. O pastor disse ainda que teve um bom convívio na Câmara, apesar das divergências de opiniões em alguns assuntos, mas acredita ser necessário divergir, já que se trata de casa de debates. Na sua opinião, o vereador tem responsabilidades muito grandes, porque atende às reivindicações do povo.

Explicou que durante o mandato, procurou levar uma vida digna com fidelidade, sinceridade, honrando cada voto que recebeu e não se desviando dos

seus objetivos que era beneficiar o povo. No início do mandato, percebeu que a participação popular era mínima e apresentou projeto aprovado no final de 2002 com muito trabalho em que a Câmara ficou obrigada a mandar cópia dos projetos em deliberação para sindicatos e associações para incentivar a participação popular. Com isso, esperava que surgissem mais cobranças e sugestões, acreditava que a população tinha que despertar para o trabalho dos vereadores, que devem agir para proporcionar melhorias de vida para a população, devem ouvir mais, observar mais e agir para resolver problemas da população também carente.

Bourdieu (1989) explica que em política, dizer é fazer, ou seja, fazer crer que se pode fazer o que se diz

[...] e, em particular, dar a conhecer e fazer reconhecer os princípios de divisão do mundo social, as *palavras de ordem* que produzem a sua própria verificação ao produzirem grupos e, deste modo, uma ordem social. (BOURDIEU, 1989, p.185-186).

Durante a pesquisa, encontramos um feito pouco louvável ou discreto do pastor em notícia publicada na imprensa local no início de 2004, quando é citado como sendo um dos 19 vereadores que votaram favoravelmente ao aumento de salário para a gestão 2005-2008, aprovado em sessão extraordinária realizada em dezembro de 2003. Os salários passaram de R\$ 2.200,00 para R\$ 4.293,00, representando 50% do salário de um deputado estadual. Na entrevista concedida por Luis Jorge em seu gabinete, afirmou que o antigo salário era insuficiente para cobrir os gastos cotidianos de um vereador e que as despesas com combustível giravam mensalmente em torno de R\$ 500,00, para atender aos eleitores. O assunto aumento de salários de políticos sempre gera polêmica, mas seja em âmbito local, estadual ou nacional, a população pouco interfere, permitindo que os legisladores aumentem os seus salários conforme desejam, mesmo com a interferência da imprensa, que ultimamente tem mostrado repetidas vezes, a tendência à aprovação

de altos salários para vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, governadores, senadores e Presidente da República. O que não acontece proporcionalmente se comparados com os valores dos salários recebidos pela maioria dos trabalhadores, baseados no valor do salário mínimo.

Mesmo com a polêmica dos salários, podemos considerar a postura do pastor como discreta, pelo seu não envolvimento em discussões, o que indica que Luis Jorge não tem carisma individual (Oro, 2003b), ou seja, a eleição do pastor em 2000 ocorreu mais em razão do apoio da Universal do que por suas qualidades pessoais, apesar do trabalho que já desenvolvia na ABC. Lembra a pesquisa Novo Nascimento, do Instituto de Estudos da Religião (ISER) de 1994 segundo a qual 95% dos fiéis da IURD declararam votar nos candidatos apoiados pela denominação. Quando perguntado sobre quem foram os seus eleitores nas duas campanhas em que participou, Luis Jorge afirmou ter sido pessoas da mesma fé.

3.13 As entrevistas com Luis Jorge

Na primeira entrevista de quase uma hora, falou sobre a conversão em 1989, em Manaus, Amazonas, depois de ter passado por problemas pessoais, inclusive a separação da esposa por sete meses, revelou-nos que tornou-se pastor em 1992 ainda em Manaus e foi convidado a mudar-se para Marília em 1996, mas antes de assumir o ministério trabalhava com materiais de construção. A indicação para se candidatar ao cargo de vereador veio com o trabalho comunitário na ABC, fundada em 1999.

Afirmou ainda que esperava permanecer na cidade para acompanhar as atividades da Câmara na atual legislatura, mas em contato por telefone, o pastor nos

informou estar morando em São Paulo e não ter previsão de retorno a Marília, no que sugerimos uma segunda entrevista por e-mail e ele aceitou. Respondeu a todas as questões e aproveitou a oportunidade para demonstrar os seus conhecimentos bíblicos com amplas citações nas respostas, como exemplo, quando questionado sobre o que pensa do envolvimento de religiosos na política, pediu para que lêssemos 2º Crônicas capítulo 15, versículos de 1 a 19 e João capítulo 15, versículo 5 que diz “Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma”. (Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000, p.863).

Quanto à acusação de recebimento do chamado “mensalão” e posterior renúncia do ex-bispo Rodrigues, Luis Jorge respondeu com uma citação de trecho bíblico presente em 2º Samuel capítulo 12, versículos de 1 a 14 que transcrevemos abaixo:

O Senhor enviou Natã a Davi. Chegando Natã a Davi, disse-lhe: Havia numa cidade dois homens, um rico e outro pobre. Tinha o rico ovelhas e gado em grande número; mas o pobre não tinha coisa nenhuma, se não uma cordeirinha que comprara e criara, e que em sua casa crescera, junto com seus; comia do seu bocado e do seu copo bebia; dormia nos seus braços, e a tinha como filha.

Vindo um viajante ao homem rico, não quis este tomar das suas ovelhas e do gado para dar de comer ao viajante que viera a ele; mas tomou a cordeirinha do homem pobre e a preparou para o homem que lhe havia chegado.

Então, o furor de Davi se acendeu sobremaneira contra aquele homem, e disse a Natã: Tão certo como vive o SENHOR, o homem que fez isso deve ser morto.

E pela cordeirinha restituirá quatro vezes, por que fez tal coisa e porque não se compadeceu. Então, disse Natã a Davi: Tu és o homem. Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel e eu te livre das mãos de Saul; dei-te a casa de teu senhor e as mulheres de teu senhor em teu braços e também te dei a casa de Israel e de Judá; e se isto fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas. Por que, pois desprezaste a Palavra do SENHOR, fazendo o que era mau perante Ele? A Urias, o heteu, feriste à espada; e a sua mulher tomaste por mulher, depois de o matar com a espada dos filhos de Amom.

Agora, pois, não se apartará a espada jamais da sua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher.

Assim diz o SENHOR: Eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, a as darei a teu próximo, o qual se deitará com elas, plena luz deste sol. Porque tu fizeste em oculto, mas eu farei isto perante todo o Israel e perante o sol. Então disse Davi a Natã: Pequei contra o SENHOR. Disse Natã a Davi: Também o SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás. Mas posto que com isto deste motivos a que blasfemassem os inimigos do SENHOR, também o filho que te nasceu morrerá. Então Natã foi para sua casa. 2º Samuel 12.1 – 14 (Antigo Testamento).

Ao final da citação, o pastor explica que Deus perdoou Davi, mas ele teve que colher o que plantou, como qualquer um de nós, se transgredirmos os mandamentos de Deus, Ele permitirá nossa punição. Segundo Luis Jorge, aconteceu com Davi, com outros homens de Deus e com o ex-bispo Rodrigues porque não vigiaram, podendo acontecer também com ele, se não vigiar, por isso tem procurado manter-se sempre na presença de Deus. E apresenta nova citação bíblica:

Porque guardaste a Palavra da minha perseverança, também eu te guardarei na hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. (Apocalipse 3:10,11).

Pensando no uso que evangélicos em geral e a Universal especificamente fazem de citações bíblicas, Oro (2003b) diz que na igreja central da Universal em Porto Alegre durante a campanha eleitoral de 2002, estava exposta uma faixa com a mensagem “vamos orar pelos nossos representantes” e abaixo uma lista de nomes e ao final, uma citação de Provérbios capítulo 29, versículo 2: “Quando se multiplicam os justos o povo se alegra; quando porém domina o perverso o povo geme”.

Para saber o que o povo de Marília pensa da Universal e do trabalho de Luis Jorge como vereador, fizemos entrevistas nas ruas da cidade e em uma Igreja do Evangelho Quadrangular com 21 pessoas. Notamos que o pastor era conhecido por apenas quatro entrevistados, e quanto ao trabalho do pastor na Câmara todos os

entrevistados, tanto das ruas quanto na IEQ, disseram não conhecer a respeito e não ter opinaram. Outra questão que desperta a atenção é quanto à confiança em candidatos pertencentes a alguma religião, sendo que 15 deles responderam ter maior confiança. A opinião dos entrevistados sobre a Universal foi um item em que surgiram várias respostas: nas ruas, três pessoas disseram que preferem não opinar, enquanto sete disseram não conhecer suficientemente a igreja. Já entre os fiéis da IEQ, duas pessoas responderam considerar a IURD uma seita, cinco entrevistados afirmaram não ter opinião, um entrevistado respondeu não gostar e um disse que gosta por considerar que a Universal prega a fé e o amor.

E enquanto seita, podemos pensar a Universal como um conjunto de indivíduos que professam a mesma doutrina numa comunidade fechada, de cunho radical. Mariano (1999, p.33) explica que seita, em termos sociológicos, refere-se a um grupo fechado, rigoroso, exigente, asceta, virtuoso.

3.14 Discurso da Universal durante um culto de expulsão de “encostos”

Para saber qual a mensagem pregada nos cultos da Universal em Marília, estivemos em uma Sessão do Descarrego, dia 12 de agosto de 2003, às 20h, no templo-sede, localizado na Avenida Sampaio Vidal, 474 e vimos que o discurso do pastor Rubens esteve centrado na expulsão de demônios e não houve sequer uma citação bíblica durante o culto. O pastor e os obreiros, homens e mulheres voluntários responsáveis por ajudar nos cultos, na limpeza do templo e até cuidar das crianças enquanto os pais assistem aos cultos, estavam vestidos com roupas brancas e as orações eram para que houvesse a libertação dos encostos. Depois da oração o pastor pediu para que os fiéis fossem à frente da igreja e passassem por

um corredor formado por obreiros, organizados lado a lado para abençoarem os fiéis e serem libertos dos espíritos maus, enquanto as pessoas passavam pelo corredor, o pastor fazia orações.

Depois da passagem pelo corredor, os obreiros se dirigiram aos fiéis para fazer orações individualmente e alguns manifestaram possessão por espíritos e foram levadas ao palco para que o pastor expulsasse os encostos, mas antes fez perguntas sobre o que o espírito estava fazendo de ruim na vida daquela pessoa. O pastor convidou os presentes para ajudarem a queimar os encostos, afastando-os das pessoas e todos levantaram as mãos e repetiram o que ele falava: “Queima, queima” e no final da oração, voltaram ao normal e, quando questionados se estavam mais leves do que quando chegaram e se havia ainda algum problema em suas vidas, responderam que tinham problemas financeiros e emocionais.

No final do culto, o pastor explicou que os fiéis deveriam freqüentar a igreja em outros dias, além das terças-feiras, como por exemplo, às quartas-feiras em que haveria estudo bíblico sobre os 13 inimigos da fé e aos domingos de manhã e aproveitou o momento para explicar que ele, pastor, nasceu numa família de “encostos” e a sua libertação levou muito tempo. Contou ainda que quando a sua mãe o chamava para ir à igreja, começava a passar mal e quando comparecia aos cultos, passava mal antes e depois das visitas, explicou ainda que após muitas dificuldades, conseguiu se libertar, ou seja, se envolver com a religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o pastor Luis Jorge Pereira Pontes defendem os interesses dos evangélicos quando atuam na política de Marília, mas não somente dos evangélicos ou dos iurdianos e sim de toda a comunidade até porque fazem parte da sociedade e sempre há um cidadão, um eleitor que precise de auxílio seja em questões comuns do dia-a-dia, como a limpeza de ruas, a instalação de iluminação pública, seja em questões pessoais, espirituais, de vivência neste mundo. Assim, o vereador exerce o seu papel de pastor.

Em 1989, ainda em Manaus, Luis Jorge, se torna um homem de Deus, um irmão de fé, e depois de três anos, é chamado ao ministério, deixando a sua função de empresário do ramo de material de construção para ingressar noutra trajetória de vida, agora, ligada à fé e baseada numa religião relativamente nova, uma vez que a sua conversão ocorreu apenas 12 anos após a fundação da igreja, uma denominação controversa, polêmica por suas práticas.

Ao ser convidado para assumir uma missão em Marília, interior de São Paulo, o pastor constrói outra página de sua vida, de sua esposa e de suas duas filhas. Em terras paulistas, Luis Jorge assume não apenas a administração espiritual de um templo da Universal, mas assume também a assistência aos menos favorecidos e aos jovens com envolvimento com drogas e instala a Associação Beneficente Cristã (ABC) num espaço onde, no passado, funcionou uma casa de prostituição, famosa na cidade. Depois de dedicar-se integralmente ao ministério e ao assistencialismo, Luis Jorge é indicado para assumir outro papel: o de candidato a vereador e vence a batalha, com louvor, sendo o mais votado nas eleições de 2000. Sinal de que o seu trabalho está agradando a população ou os irmãos de fé são fiéis também na hora do voto.

Durante quatro anos, de 2001 a 2004, o pastor Luis Jorge se torna vereador e exerce, na Câmara, o papel que lhe cabe, apresentando projetos e requerimentos e aprovando leis de autoria própria e dos demais integrantes da casa de leis. Neste tempo, o pastor fica, momentaneamente, em segundo plano, ou seja, não é mais o responsável por nenhum templo específico, mas sim representante de toda a comunidade evangélica e principalmente, dos mais de 2 mil eleitores que votaram nele. A pesquisa dos projetos apresentados e as observações na Câmara mostraram que Luis Jorge foi um vereador comum, sem grandes ambições ou projetos de mudança do mundo, mas apresentou sugestões de leis que beneficiaram os evangélicos, independentemente da denominação, quando, por exemplo, foi aprovada a isenção de IPTU e a diminuição da tarifa de água para templos religiosos e mais: conseguiu que a ABC fosse considerada de utilidade pública e que recebesse auxílio mensal do poder público para funcionar.

Confiante em seu trabalho, o pastor se candidata novamente, mas tudo diminui: o número de votos e o número de vereadores das câmaras de todo o país. A apuração dos votos foi diferente de anos anteriores, não havendo a divulgação parcial dos resultados, o pastor passa a concordar com outros candidatos derrotados, na opinião de que algo não estava certo e acreditou que um recurso na Justiça pudesse lhe trazer o segundo mandato, através de pedido de reavaliação da diminuição de cadeiras ou até mesmo em pedido feito por alguns partidos da cidade para que fossem revistos os resultados. O pedido foi baseado em suspeita de possível fraude em urnas de votação, mas até agora a Justiça Eleitoral não se manifestou sobre possível mudança. No final do processo, o que ficou garantido foi a primeira suplência do PL (Partido Liberal) e a intenção de continuar na cidade para acompanhar o trabalho de alguns ex-colegas de plenário reeleitos e dos novos

eleitos para a legislatura 2005-2008. Mas não é o que ocorre, pois meses depois do início da nova gestão, o pastor afirma, por telefone, estar morando em São Paulo e que a ABC está fechada, segundo ele, porque o poder público local não dispõe de verba para ajudar na manutenção da entidade. Fazendo com que a direção da igreja decidisse pelo fechamento e não havendo previsão de reabertura.

Tentando encontrar possíveis motivos para a não reeleição de Luis Jorge, podemos lembrar que o bispo Marcelo Crivella, também não obteve êxito em sua candidatura a prefeito do Rio de Janeiro, sendo derrotado no primeiro turno, mas quando concorreu ao Senado, Crivella teve 3,5 milhões de votos. Em 2004, outro golpe na política iurdiana: o agora ex-bispo Carlos Rodrigues é acusado de envolvimento em corrupção na Loterj (Loteria do Rio de Janeiro) e imediatamente é afastado da cúpula da igreja pelo Conselho de Bispos, mas continua atuando como deputado federal. Somente em 2005 a denúncia de recebimento do “mensalão” leva Rodrigues à renúncia do mandato e o livra do processo de cassação pelo Conselho de Ética da Câmara Federal, podendo assim se candidatar nas próximas eleições marcadas para outubro deste ano. A nós, pesquisadores, resta acompanhar o processo eleitoral para sabermos se mesmo afastado da Universal Rodrigues será candidato e se terá êxito nas urnas e ainda se a Universal conseguirá manter o mesmo número de representantes eleitos em 2002.

Em Marília, também não foram reeleitos, em 2004, os dois outros vereadores evangélicos, ligados à Igreja Batista e à Assembléia de Deus e para Luis Jorge a não reeleição se deve ao fato da queda do ex-bispo Rodrigues, o que abalou muitas pessoas, uma vez que ninguém esperava pelo escândalo que segundo ele, é resultado de erro ou pecado; indignação provocada por mau exemplo; tumulto,

escarcéu ou ainda fato imoral, revoltante e acredita que foi um choque para a população muito próximo das eleições.

As Ciências Sociais e em especial a Antropologia, nos auxiliam a entender o envolvimento de religião e política. Um exemplo é Kuschnir (2000) que acredita numa antropologia da política em que a política se torna um dado etnográfico e deve ser analisado com os instrumentais da disciplina como a pesquisa de campo e a observação participante. Na análise que faz da atuação de uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro, a autora destaca a noção de acesso como um atributo constitutivo do político que lhe confere poder e prestígio em todas as esferas da sociedade. (KUSCHNIR, 2000, p.144). E com o pastor Luis Jorge não foi diferente, ou seja, o acesso que teve ao poder público municipal lhe garantiu quatro anos de poder e prestígio no universo evangélico local.

Este acesso garantiu ao pastor o papel de assistencialista, seja no atendimento que fez na ABC com os cursos e o atendimento a jovens drogados, seja nas atividades externas com a distribuição de roupas, alimentos e etc. Enquanto assistencialista, Luis Jorge esteve próximo da população carente da cidade e manteve contatos para quando se candidatasse novamente.

Em texto publicado no *site* da Universal, sob o título *Política é de Deus ou do diabo?* o bispo Macedo diz que política é o relacionamento harmônico entre as pessoas e significa bem-estar social de toda a comunidade, que a política foi criada por Deus, mas o diabo deturpou o verdadeiro sentido da política, uma vez que hoje há políticos corruptos, profissionais do roubo, da sujeira e do engano e segundo ele, os homens corrompidos, não temem a Deus e usam a política para enganar, destruir e tirar proveito para si próprios. É exatamente o que pensa o pastor Luis Jorge

quando afirma em entrevista, por *e-mail*, que tem tomado muito cuidado e está vigiando para permanecer na presença de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo R. M. A universalização do Reino de Deus. **Novos estudos Cebrap**, n. 44, p. 12-23, mar 1996.

ALMEIDA, Ronaldo de & Montero, Paula. O trânsito religioso no Brasil in São Paulo e Perspectiva, **Revista da Fundação Seade**, v. 15, n.3, jul/set, 2001. Disponível em < <http://www.centrodametropole.org.br/textos.html> >. Acesso em: 04 março. 2004.

ALVES, Rubem. A empresa da cura divina: um fenômeno religioso? In: VALLE, Edênio ; QUEIROZ, José J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1982.p.111-117

_____. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975

ANTONIAZZI, Alberto. A igreja Católica face à expansão do Pentecostalismo (Pra começo de conversa) In Antoniazzi, Alberto et al. **Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ASSISTÊNCIA Social. **Jornal Diário**, Marília.05 jun 2004. p. 10-A

ASSMAN, Hugo. **A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina**: convite a um estudo. Petrópolis: Vozes, 1986.

BIRMAN, Patricia. Imagens Religiosas e Projetos para o Futuro. In Birman, Patricia. **Religião e espaço público**.São Paulo: Attar Editorial, 2003.p.235-255.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opin. Publica**. v.10, n.2, p.228-338, out.2004. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 17 Jan. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso in **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.p.27-78

_____. A representação política: elementos para uma teoria do campo político in **O poder simbólico**. RJ: Ed. Bertrand Brasil, 1989.p.163-202.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CAMARA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Vereador pastor Luís Jorge - projetos aprovados**. Disponível em <<http://www.camar.sp.gov.br>> .Acesso em 24 set.2004.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**. v.40, n.2, 1997. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 11 Jan. 2005.

CIDADE tem 260 igrejas, diz pesquisa. **Jornal Diário Online**, Marília, 30 de set 2001. Disponível em: < <http://www.diariodemarilia.com.br> >.Acesso em 08 maio 2002.

DINIZ, Eli. **Voto e máquina política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DIREITO de estudar. coluna palanque. **Folha Universal**. São Paulo, ano 11,n.584 de 15 a 21 de jun. 2003, p.05-B

DURKHEIM, Emile. Introdução e Conclusão In: _____. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1978.p.205-245.

EDWARD, José. A força do Senhor. **Revista Veja**, São Paulo, SP, ano 35, n. 26, p. 89-95, 03 jul 2002.

ELEIÇÃO confirma crescimento dos evangélicos. **O Estado de São Paulo**. 07 out 2002. Disponível em < <http://www.estadao.com.br> >.Acesso em 16 out. 2002.

EVANGÉLICOS somam 7,5% dos marilienses. **Jornal Diário**, Marília, 19 maio 2002. p.03-A

EVANGÉLICOS têm proposta de unificar 156 igrejas. **Jornal Diário**, Marília, 29 fev.2004. p.04-A

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia social da religião**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1978.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus**: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERNANDES, Rubem César et al. (Coord.). **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: da Constituinte ao Impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) DCS/IFCH/Unicamp Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro In Antoniazzi, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Brazil In: **Evangelicals and politics in Asia, Africa and Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.p.11-58.

_____. Conclusion In: **Evangelicals and politics in Asia, Africa and Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 281-321.

_____. Os evangélicos e a nova realidade política. **Revista Ultimato**. Disponível em < <http://www.ultimato.com.br> >. Acesso em 19 ago. 2005.

FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho. **Secularização, pluralismo religioso e democracia no Brasil**: um estudo sobre evangélicos na política nos anos 90. 2002. 261p. Tese. (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

_____. Enfrentando o mal “aqui fora”: a Igreja Universal do Reino de Deus e sua prática política. **Caminhos**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 11-31, 2003

_____. Uma igreja na política: voto, clientelismo e mediação na Igreja Universal do Reino de Deus, **Caderno do Ceas**, Salvador, p. 66-88, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara: Koogan, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.p.287-412.

_____. O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: Birman, Patricia. **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar Editorial, 2003.p.169-199.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios In Antoniazzi, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GONDIM, Ricardo. **É proibido**: o que a Bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1998.

HAGIN, Kenneth E. **O nome de Jesus**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1999.

IBGE. **Censo 2001**. Dados sobre religião da população. Disponível em: < <http://www.ibge.com.br> >.Acesso em 30.set.2004.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **Homens de Deus na política**. Disponível em < <http://www.arcauniversal.com> >.Acesso em 13 jun.2003.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **Projeto nordeste se espelha em 92 anos de experiência israelense**. Disponível em < <http://www.arcauniversal.com> >.Acesso em 13 jun. 2003.

IGREJA Universal monta estratégia para apoiar Lula.**O Estado de São Paulo**. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/eleicoes> >.Acesso em 16 out. 2002.

JACOB, Rubem Cesar. et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2003.p.39-46.

JUSTINO, Mário. **Nos bastidores do reino**: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

KLINTOWITZ, Jaime. Um povo que acredita. **Revista Veja**, São Paulo, SP, ano 34, n. 50, p. 124-133, 19 dez. 2001.

KUSCHNIR, Karina. **O cotidiano da política**. Rio de Janeiro: Zahar,2000.

MACEDO, Bispo. **A libertação da teologia**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1997.

_____. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.1. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1998.

_____. **Política é de Deus ou do diabo?** Disponível em < www.arcauniversal.com >. Acesso em 15 fev. 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Existe um estilo evangélico de fazer política? In: Birman, Patricia. **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar Editorial, 2003.p.283-307.

_____. **Carismáticos e pentecostais** : adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. **Novos Estudos Cebrap**, n. 44, p.24-44, março 1996.

_____. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Efeitos da secularização do estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. Porto Alegre: **Civitas**, v.3, n.1, p.111-125, jun. 2003.

_____. Expansão pentecostal no Brasil:o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v.18, n.52, p. 121-138.dez., 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 05 Mai. 2005.

_____.IURD: a magia institucionalizada. São Paulo: **Revista USP**, n.31, p.120-131.

MARÍLIA está com 133.414 eleitores. **Jornal da Manhã**, Marília, 05 jul. 2002. p.03

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. V. 1. São Paulo: Edusp, 1974.

MC ALISTER, Robert. **A experiência pentecostal**: a base bíblica e teológica do pentecostalismo. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida, 1977.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular. In: VALLE, Edênio. ; QUEIROZ, José J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1982.p.81-111.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: Novais, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. v.4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.p.64-171.

NOVAES, Regina. **O Brasil será um país evangélico?** Disponível em < <http://www.no.com.br> >. Acesso em 25 nov.2004.

ORO, Ari Pedro. Corten, André. Dozon, Jean Pierre (Org). **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. Porto Alegre: **Civitas**, v. 3, n1, p.97-109, jun. 2003a.

_____. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.53, p.53-69, out. 2003b.

PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Márcio (Org). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

PEIRANO, Mariza. Antropologia política, ciência política e antropologia da política. Comunicação apresentada no Grupo de Trabalho "Cultura e Política", **ANPOCS**, outubro de 1996. Disponível em < <http://www.unb.br> >. Acesso em 09 fev. 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Liberdade de cultos na sociedade de serviços – em defesa do consumidor religioso. **Novos Estudos Cebrap**, n.44, p.3-11, março 1996.

_____. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos Cebrap**, n.49, p.99-117, nov.1997.

_____. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). **Globalização e religião**. Petrópolis : Vozes, 1997.p.249-262.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Jun.1998, v.13,n.37, p.43-73. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 20 abril 2005.

_____. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**. V, 18, n. 52, p. 17-28, dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br> > . Acesso em: 02 Maio 2005.

_____. Prandi, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIRES, Paulo Roberto. **O sobe e desce da fé brasileira**. Disponível em < <http://www.no.com.br> >. Acesso em 25 nov.2004.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 1998.

_____. A religião no planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org). **Globalização e religião**. Petrópolis : Vozes, 1997.p.63-70.

_____. O Brasil com axé candomblé e umbanda no mercado religioso **Estudos Avançados**, v.18, n.52, p.223-238, de. 2004. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 11 Maio 2005.

QUINTANEIRO, Tânia, Barbosa, Maria Ligia de Oliveira e Oliveira, Márcia Gardência de. **Um toque de clássicos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação Sócio-Religiosa. Petrópolis, Vozes: 1985.

RUBIM, Christina de Rezende. **Teologia da opressão**. 1991.170p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

SALÁRIO de vereador sobe para R\$ 4,2 mil. **Jornal Diário**, Marília, 1º fev 2004. p.07-A

SOUZA, Beatriz Muniz ; Gouveia, Eliane Hojaij; Jardimino, José Rubens Lima. **Sociologia da religião no Brasil**: revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisa. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de and MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História**. v.22, n.43. p.85-105. Disponível em < <http://www.scielo.br> >. Acesso em 03 fev. 2005.

REBANHO de católicos reduz e evangélicos avançam no Brasil. **Terra Notícias**. Disponível em < www.terra.com.br >. Acesso em 09 mai. 2002.

TRE. **Dados sobre número de eleitores**. Disponível em < <http://www.teresp.gov.Br> > Acesso em 09 mai. 2002.

UNIVERSAL projeta catedral na cidade. **Jornal Diário**, Marília, 18 dez 2002. p. 04-A

UNIVERSAL espalha deputados para ampliar poder. **O Estado de São Paulo**, 19 ago 2001. Disponível em < <http://www.estado.estadao.com.br> >. Acesso em 09 maio 2002.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.